Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23304 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA QUINTA-FEIRA 16 AGOSTO 90 70$00

O caso do fax de Macau

Parte dos 50 mil contos entregue a Melancia

Carlos Melancia terá recebido parte dos 50 mil contos pagos pela empresa alemã Weidleplan a três seus ex-consócios na Emaudio, alegadamente a título de pagamento da sua quota nesta firma, alienada, segundo o Governador, antes da sua ida para Macau. À data, a Imprensa levantou dúvidas sobre a realização do negócio, quando Carlos Melancia argumentou que já nada tinha a ver com a Emaudio. O facto de o destino final dos dinheiros alemães não serem os três sócios desta empresa, que entre si repartiram as notas levantadas num banco do Porto, pode evitar que a Weidleplan os processe por abuso de confiança. Com o regresso do procurador-geral adjunto Rodrigues Maximiano, que gozou um período de férias, o «caso do fax» está em vésperas de ficar inteiramente esclarecido pelas autoridades portuguesas e alemãs.

Pág. 4

Ao fim da manhã

Trágico acidente perto de Viseu

Doze mortos, segundo uma fonte da GNR, ou 30, de acordo com a agência Lusa e ainda 52 feridos, em informação prestada pelo Hospital de Viseu, é o resultado de um grave acidente de viação que ocorreu no fim da manhã de hoje, em Arcas, junto aquela cidade.

A causa do acidente terá ficado a dever-se a furo no pneu de um autocarro da Rodoviária Nacional que fazia o percurso de Chaves a Lisboa, via Viseu, e que terá embatido de frente com outro autocarro.

O sinistro ocorreu 10.30 horas, na Estrada Nacional 2. A maior parte da vítimas eram passageiros com idades superiores a 40 anos, seundo informações hospitalares.

Os feridos foram transportados para os hospitais de Viseu e de Castro Daire, por carros particulares, táxis e ambulâncias.

Ao princípio da tarde ainda havia corpos esmagados debaixo da camioneta.

Bruno Neves

Conselho de Ministros decide

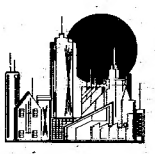
Terra queimada não serve para construir

À hora que fechamos esta edição, o Governo preparava-se para decidir a imobilização dos solos atingidos pelos fogos florestais, impedindo a sua utilização para efeitos de urbanização durante dez anos. O Conselho de Ministros estudou o agravamento das sanções para quem infrinja o regime de protecção da floresta, nomeadamente os casos de falta de limpeza, o lançamento de foguetes, numa altura em que as festas populares abundam, e as lixeiras municipais. O ministro do Planeamento vai escrever uma carta aos presidentes de câmaras alertando-os para os cuidados a ter com as lixeiras. Também a investigação policial vai ser acentuada.

Pág. 4

Vitória a contra-relógio

Foi mesmo no fim da Volta a Portugal que Fernando Carvalho jogou a sua cartada e conseguiu a vitória, «roubando» o triunfo a Joaquim Gomes, que vestia de amarelo desde a serra da Estrela. Um contra-relógio de grande nível na cidade da Maia deu a vitória na 52ª Volta a Portugal a Fernando Carvalho. A felicidade e a festa foram morar para a Vila da Feira e também para o coração de um antigo ciclista, Alberto Carvalho, pai do vencedor. No final da prova, a alegria de ambos, unidos num grande e forte abraço. Reportagem nas págs. 19 a 22 com o patrocínio de



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

Situação no Golfo

A Jordânia no centro da crise

Págs. 6 e 7

DL PORTE PAGO

Ministério da Saúde dá aval à praia de Carcavelos Pág. 9

Requisição civil contra greve nos aeroportos Pág. 9

Lisboa suscita consenso político Págs. 2 e 3

Moçambique consagra pluripartidarismo Pág. 8

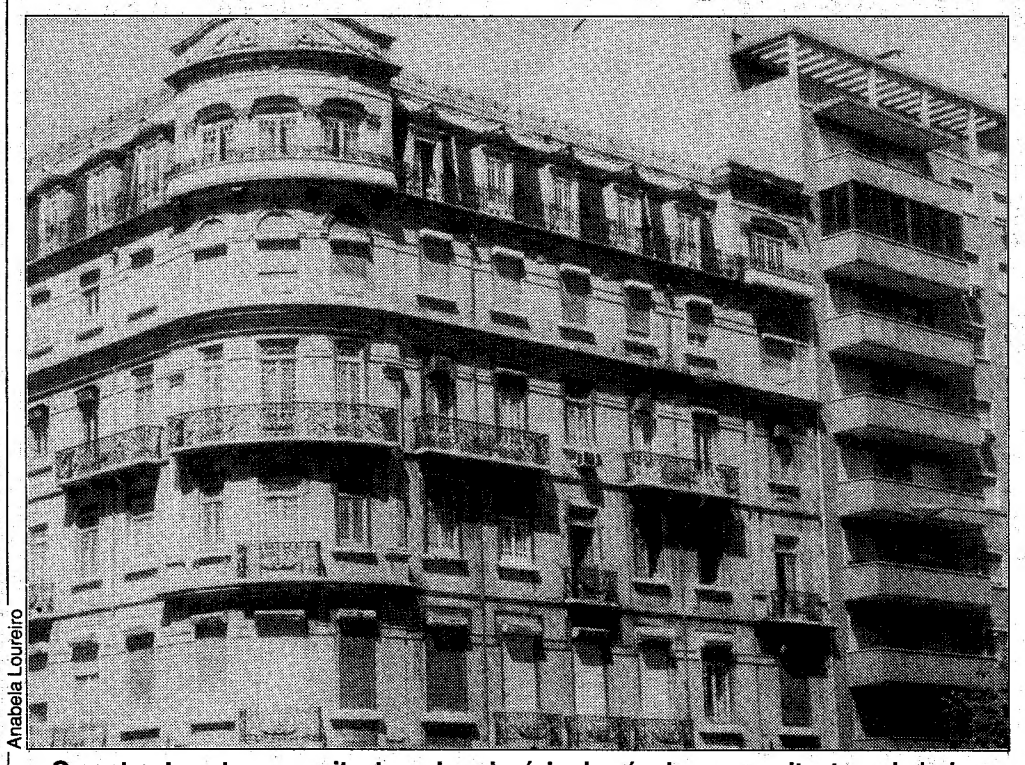
A pedra em simpósio Págs. 14 e 15

Hoje: Suplemento Literário

O futuro de Lisboa mereceu o mais amplo consenso político. Já se dispõe de um Plano Estratégico, apenas os princípios teóricos de uma prática de que ficamos à espera. Já não há, pelo menos, razões nem desculpas para o caos em que esta cidade tem vivido. O que se espera é também vontade e firmeza política para enfrentar os que do caos tão bem vivem

As linhas para coser o tecido roto de Lisboa

GRANDE ANGULAR



Anabela Loureiro

O contraste entre a arquitectura do princípio de século e a arquitectura de hoje - a diferença de qualidade é evidente, neste caso na Av. da República.

O Plano Estratégico, aprovado na reunião extraordinária da vereação da Câmara Municipal de Lisboa, da passada terça-feira, constitui um conjunto de metas e princípios que hão-de enformar o futuro Plano Director, cujo aprontamento está previsto para daqui a dois anos. São uma espécie de linhas com que se vai tentar remendar o tão roto tecido urbano de Lisboa e cerzir uma malha dispersa, anárquica e disfuncional.

Elaborado por uma equipa de técnicos, colaboradores próximos de Jorge Sampaio, em cumprimento dos princípios que a coligação PS/PCP «Por Lisboa» apresentou durante a campanha eleitoral, ela tem agora o aval político de todos os partidos representados na vereação, que votaram a seu favor, com excepção do único vereador do PSD presente, Marcelo Rebelo de Sousa, que se absteve por razões que explica noutro local desta reportagem.

De ora em diante, é intenção da coligação que governa a capital, que os trabalhos de desenvolvimento deste plano tenham também o máximo de aval das forças sociais e culturais, menos unanimistas que as forças políticas, como também se pode aperceber através de outra peça publicada nesta página.

Para isso, ficou aprovado que se constitua um Conselho Consultivo, integrado por representantes de organizações empresariais, sindicais, universitárias, culturais, e um Grupo de Diagnóstico e Prospectiva, qie «integre especialistas de diversas áreas do conhecimento e sectores profissionais».

Lisboa não está isolada e, por isso, o Plano tem em conta que é necessário articular soluções da cidade com soluções da Área Metropolitana, isto é com com os concelhos vizinhos; e com as soluções da Região, tendo em conta as grandes infra-estruturas, isto é um entendimento com o Governo.

E como se pretende cozer e cerzir esta desconjuntada cidade? Em termos muito sucintos , diremos que, para além de projectar o espaço em ligação com a área envolvente dos concelhos vizinhos, se vão tentar três grandes linhas: ligar espaços como o Vale de Alcântara a Chelas, por Praça de Espanha e Areeiro, e Benfica a Chelas, por Carnide, Alto do Lumiar, Paço do Lumiar; ligar a cidade ao rio, abrindo e animando zonas desaproveitadas ou com uso indevido e compatibilizando os usos portuários, industrais, lúdicos, culturais e habitacionais, ao logo de toda a frente ribeirinha,

Arquitectos muito empresários e empresários algo urbanistas

Os arquitectos estão divididos e os construtores não. Alguns arquitectos, os da mais jovem geração, liderados por Pedro Brandão, usam argumentos de empresários, muito liberais, poucas regras e muita liberdade (para especular); os arquitectos mais velhos, da direcção nacional da Associação, são por um urbanísmo ao serviço do interesse público, por regras e planos que dêm alguma ordem à cidade; os construtores aparecem preocupados com a necessidade do planeamento urbanístico. Ironia do destino, ou sinal dos tempos que correm, esta é uma das conclusões dos pareceres pedidos pela vereação da Câmara a variadas entidades, sobre a Normativa Municipal. Arquitectos e construtores, lembremo-nos, são dois dos principais agentes de intervenção na cidade.

O parecer da secção Regional Sul da Associação dos Arquitectos Portugueses, presidida por Pedro Brandão, é a expressão mais viva do liberalismo aplicado ao urbanismo. É contra as tutelas administrativas da Câmara, é contra a imediata entrada em vigor da Normativa, de modo a que possam ainda ser aprovados projectos em apreciação, a maior parte dos quais herança da liberalidade de Abecasis; é pelos andares recuados, com que se tem iludido os limites de altura impostos para os prédios; é contra a defesa da qualidade da arquitectura, desde que não seja a resultante da liberdade de actuação dos arquitectos; é contra algumas limitações que a Normativa estabelece para o vendaval de demolições a que Lisboa tem estado sujeita; é contra o limite da altura de 25 metros dos edifícios nas zonas consolidadas, no que aqui está ao lado dos construtores; acha reduzidas as margens destinadas a comércio e serviços, com que se tenta combater o excesso de terciarização.

Politicamente, este parecer critica a Normativa, argumentando que ela favorece as grandes concentrações do terciário e desfavorece o pequeno comércio e o pequeno escritório, cria desigualdades no direito de construir, prejudicando a pequena propriedade e que não estimula a conservação, beneficiação e requalificação dos edifícios do centro da cidade.

Os construtores, representados pela Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, qualifica de «positiva e oportuna» a Normativa, embora a entenda como solução provisória, porque a Associação é pelos planos de urbanização e de pormenor a elaborar pela câmara municipal.

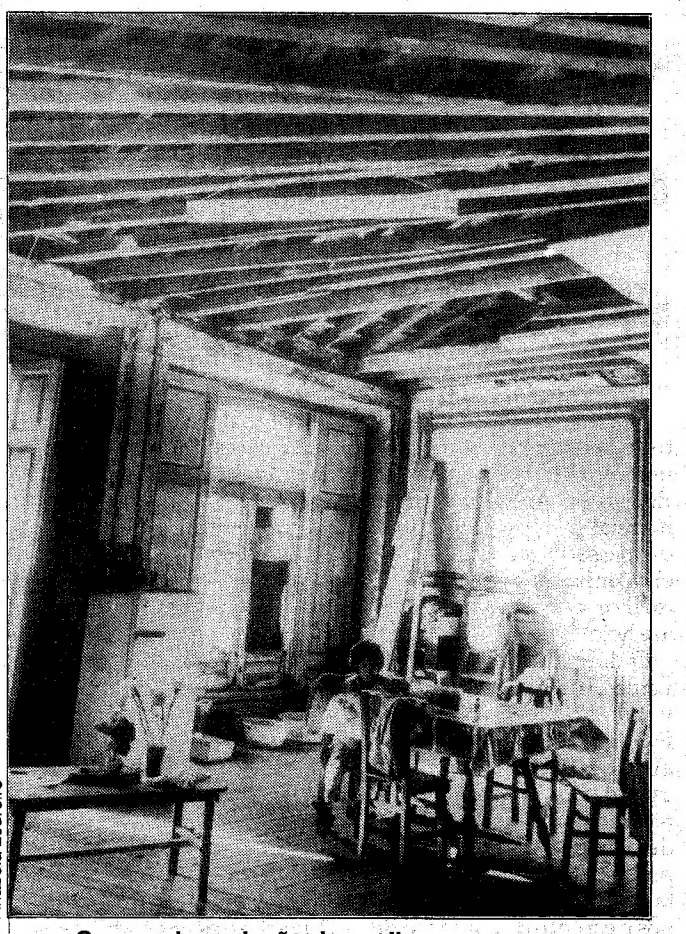
Na defesa dos seus interesses lucrativos, e perante a especulação de solos que existe em Lisboa, é compreensível que os construtores sejam contra o limite de 25 metros de altura dos prédios a construir nas zonas consolidade e de expansão da cidade, sendo esta a sua principal reivindicação.

O parecer do Conselho Nacional da Associação dos Arquitectos Portugueses, a que preside o arq. Silva Dias, parece responder de imediato aos seus colegas da secção Regional do Sul, quando defende a oportunidade de regras claras, «para que se afaste para sempre a aventura, de imprevisível fim, da aprovação do projecto sob a pressão desesperante do andar a mais ou da maior profundidade da empresa.»

E defende a Normativa para que «cada arquitecto possa informar, sem ambiguidades, os seus clientes do que lhes é consentido construir, e que ele próprio saiba, em igualdade com todos os seus colegas, os condicionamentos que incidem sobre o seu trabalho, e para que, respeitando-os, possa trabalhar seguindo unicamente os ditames do programa, do seu saber e do Código Deontológico a que se obriga.» E para que - adianta ainda - «os arquitectos, especialmente os recém-chegados à profissão, tenham acesso à encomenda privada sem necessidade de recorrem ao vicioso esquema de alianças com os que detêm as chaves do, com raras excepções, obscuros processos de licenciamento de obras».

Mas a AAP considera que as abstractas regras da Normativa não chegam. Entende necessários planos de pormenor para os bairros, de modo «a transformar e adaptar às exigências actuais os edifícios e o espaço livre, público e privado, sem destruição dos valores ambientais fundamentais desses bairros».

Onde o parecer da AAP é mais crítico, tal como a apreciação que nós próprios fizemos aqui, quando da apresentação da Normativa, é relativamente às novas áreas de expansão da cidade, porque para aí o caos parece consentido. O parecer revela muita preocupação com o facto da Normativa parecer consentir que «a expansão da cidade se continue a fazer, através de loteamentos (...) e que a expansão de Lisboa se processará pelo sistema de «urbanização de quintas» e que o desenho da cidade continuará a ser manipulado pela iniciativa de promotores, quando a imagem resultante desse processo é já evidente e desastrosa na periferia da cidade, com infraestruturas desconjuntadas, ruas que não acertam nem em altimetria, nem em planimetria nos limites das «urbanizações», equipamento remetido para exíguas e declivosas parcelas, no arbitrário e desajustado de tipologias, em suma, o caos urbanístico generalizado».

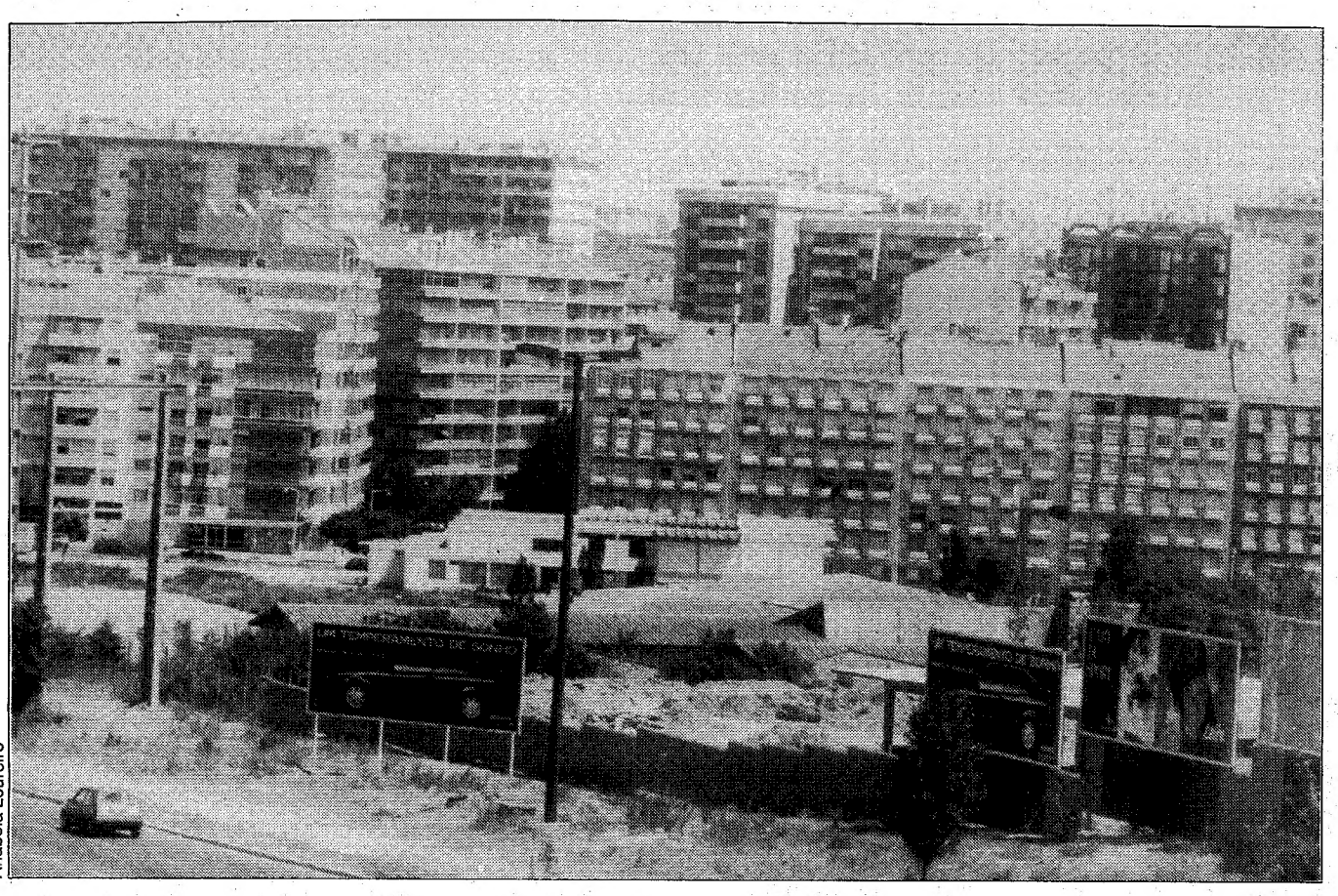


Anabela Loureiro

Curar a degradação dos velhos, e por vezes magníficos, prédios antigos

A AAP lembra, e muito bem, que os mais equilibrados e qualificados tecidos urbanos existentes em Lisboa são resultantes do Poder ter assumido a função de os desenhar: Baixa, Lapa e Amoreira, no séc. XVIII, Avenidas Novas, Restelo, Alvalade e Olivais, neste século.

A.C.



Anabela Loureiro

A Normativa não dá garantias de, nas novas zonas da cidade, se não repetir esta floresta asfixiante de cimento, no caso no Lumiar, resultado da «urbanização» de várias quintas, ao fim da Alameda das Linhas de Torres.

desde Belém aos Olivais; reordenar e conservar a linha mais estável da cidade, a que liga o centro histórico às avenidas novas, o que comprende reordenar o terciário, preservar e revitalizar não só o centro como alguns dos bairros tradicionais, de modo a guardar a sua identidade cultural, social e urbanística.

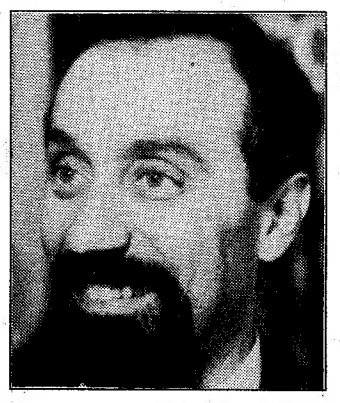
O Programa não promete apenas esta geométrica operação urbanística, promete também alguma qualidade ambiental de vida e alguma dimensão cultural.

Embora quanto a espaços verdes não preveja novos jardins, fala de uma estrutura verde contínua de Monsanto a Chelas, da criação do Parque Ecológico, sem lhe prever localização, do Parque Oriental, integrando as malhas urbanas do Lumiar, Chelas, Olaias e Areeiro, e do Parque Periférico, da Quinta da Granja à Charneca. É bom não esquecer estas promessas para delas se pedir contas no futuro.

Quanto à área cultural, certamente que a vereação não estará esquecida de que Lisboa será em 1992 a Capital Europeia da Cultura, e ninguém ouve falar disso e, provávelmente em 1998, sede uma Exposição Universal. Fala-se vagamente de equipamentos culturais e turísticos, «que proporcionem a Lisboa níveis de serviço como capital europeia, capital nacional e polo regional.»

A.C.

«O que eu quero é que haja regras o mais depressa»



Apesar de considerar que tudo está atrasado, pelo menos, três meses, Marcelo Rebelo de Sousa, disse-nos, no final da reunião histórica da passada terça-feira, que ela tinha representado o melhor que Sampaio fizera até hoje.

O líder da oposição na vereação lisboeta acabou por votar a favor do Plano Estratégico, tendo-se apenas abstido no ponto do calendário, por a maioria não ter aceite a sua proposta de diminuir de três meses o prazo de aprontamento de tal Plano. Marcelo elogiou-nos o espírito de consenso de Jorge Sampaio por ter aceitado as suas cerca de vinte propostas e as quinze do PCP de alteração às normas do Plano. Quanto à Normativa, e apesar de ter concordado e ter considerado muito úteis as propostas de alteração apresentadas pelo PCP, Marcelo não votou a favor, mas conseguiu que dois dos seus pontos fundamentais ficassem adiados, os relativos ao parqueamento e à qualidade arquitectónica.

Marcelo Rebelo de Sousa, já antes da reunião da passada terça-feira, nos tinha manifestado reservas relativamente à normativa urbanística, acusando a coligação «Por Lisboa» de fazer cedências aos investidores imobiliários, e levantando algumas questões políticas quanto ao Plano Estratégico:

«A normativa é o máximo que a Câmara vai poder fazer na regulamentação e disciplina de uma tendência especulativa que tem reinado em Lisboa e, portanto, se não é firme nessas regras, começa a ceder muito cedo e Sampaio acabará o mandato com dificuldades em manter essa disciplina. Este é o problema político, interessava conhecer qual foi o teor do pareceres das associações de construtores e de investidores (**ler notícia dessas posições ao lado**) para saber até que ponto se consensualizou ou se cedeu para que, de futuro, a Câmara não venha a ser acusada de ter adoptado uma posição muito rígida ou demasiado liberalizante.»

«Quanto ao Plano Estratégico acho que vem muito tarde e que, por isso, é necessário reduzir os prazos da sua entrada em vigor. A candidatura de Sampaio tinha um plano estratégico, tratava-se de ter arrancado com a sua aplicação, porventura alargado a alguns dos princípios da minha candidatura. Não se percebe para que é que foram precisos sete meses para por de pé uma estrutura incipiente e objectivos razoavelmente vagos. É preciso reganhar esses sete meses, agora. O que eu quero é que haja regras muito bem definidas num Plano Director Municipal, o mais depressa possível, porque não nos esqueçamos que têm de ser debatidas publicamente, sujeitas a muitas pressões e, por fim, à ratificação do Governo. Não sou defensor de despostimos esclarecidos, sou por uma participação ampla, mas sei que cada qual defende os seus interesses. O capitalista não é, em princípio, um benfeitor, nem um filantropo, defende os seus interesses, o que é perfeitamente legítimo, mas também é legítimo que a comunidade tente corrigir os excessos desse capitalismo. O que eu temo em Portugal é que se passe dos extremos radicais do colectivismo, para os extremos também radicais do liberalismo.

Quanto mais tarde tivermos regras, menos força política terá a Câmara para as impor.»

Fonseca Ferreira, director do Gabinete de Planeamento Estratégico da C.M.L. e um dos principais colaboradores de Sampaio, refuta algumas das críticas de Rebelo de Sousa, dizendo-nos, relativamente à Normativa, que foram acolhidas algumas sugestões das entidades consultadas, no sentido do equilíbrio de alguns pontos, flexibizando e maleabilizando algumas regras, tornando-as menos taxativas - precisamente o que Marcelo qualifica de concessões. Fonseca Ferreira responde ainda que se tentou um equilíbrio entre a arbitrariedade total e um mínimo de regras, no sentido de diminuir os efeitos da densificação, da terciariazação e da falta de parqueamento.

A.C.

COMENTÁRIO

Consensos ou concessões?

Lisboa merece. Escrevi isto há dias e o complemento dessa afirmação era o entendimento entre Jorge Sampaio e Cavaco Silva para transformar Lisboa numa digna capital europeia.

Lisboa mereceu já, enquanto esperamos por aquele outro merecimento, que todas as forças políticas presentes na vereação lisboeta se tivessem entendido para a dotar de um programa urbanístico capaz de a erguer do caos em que a transformamos.

Jorge Sampaio terá o mérito de haver conseguido um consenso político. Com Rebelo de Sousa, o que não parece possível com Cavaco Silva, com os vereadores de Freitas do Amaral, o que não seria certamente possível com os de Abecasis. A batalha é outra, dir-nos-ão, mas alguém será ingénuo ao ponto de esquecer que todos os actores referidos não deixaram de pensar em 1991?

Certos de que Sampaio não abdicou dos seus princípios, em especial dos do seu programa eleitoral «Por Lisboa», para realizar este consenso, ter-se-á de aguardar para ver se os consensos não se transformam em concessões, quando se tratar de passar dos principios à prática. Os seus aliados comunistas serão certamente dos primeiros a estar atentos.

É mais fácil desenhar uma cidade no papel do que plantar o desenho no terreno. Da teoria à prática passa-se por instrumentos e também tem de se passar por cima de interesses muito bem instalados e poderosos. Desde o licenciamento à construção, passando pelos planos,é necessário vontade e coragem política para os aplicar.

O terreno da cidade está minado; a especulação imobiliária só agora começa a internacionalizar-se nesta pacata capital europeia, e alguns grupos internacionais são fortes e, por vezes, até penetrados pelo mundo do crime.

Sampaio não deve eleger o unanimismo como objectivo principal. O seu compromisso é o seu programa eleitoral. Pelos pareceres que pediu a vários grupos de actividade verificou o evidente, que há conflitos de interesses, e que a especulação fundiária e os grupos imobiliários já contaminaram muita fruta sã. A cidade também está contaminada. O liberalismo urbanístico, que por aí circula, não é mais do que uma máscara, esconde mas não disfarça as ânsias da especulação.

Quando um arquitecto, com responsabilidades de representação, escreve que as normas e regulamentos são incompatíveis com a livre criatividade do artista, o rei vai nú, e nem vale a pena perguntar-lhe por onde tem andado tanto génio criativo, que não o vemos no meio da vigente libertinagem urbanística.

Não sei se à Câmara lhe bastará decretar normativos para intervir decisivamente no planeamento urbano, se não dispuser de capacidade de gestão dos solos - não basta disseram autarcas espanhóis a Sampaio, muito recentemente. Duarte Pacheco, se fosse vivo, também lho diria.

Adelino Cardoso

Como se escreve no parecer da Associação dos Arquitectos: «Os mais equilibrados e qualificados espaços urbanos existentes em Lisboa são resultantes do Poder ter assumido a função de os desenhar».

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Com Rodrigues Maximiano de regresso

Fax de Macau arrasta Melancia para o centro das investigações

Pelo menos uma parte dos 50 mil contos pagos a três sócios da Emaudio pela empresa Weidleplan, da RFA, teriam sido entregues por estes ao Governador de Macau, Carlos Melancia, segundo fontes ligadas à investigação do «caso do fax», em que os alemães reclamavam a devolução de dinheiros destinados a favorecerem a respectiva participação nas obras do futuro aeroporto do território oriental sob administração portuguesa.

Rui Mateus, João Tito de Morais e Menano do Amaral teriam assim pago, dois anos depois, a quota da Emaudio alienada por Carlos Melancia. A Emaudio é uma empresa virada para a Comunicação Social e já deu que falar quando veio à tona o «escândalo TDM» (Televisão de Macau), em 1988, assunto que ainda está por encerrar, segundo o «DL» apurou.

Tudo indica que, durante este mês, vão concluir-se as primeiras investigações sobre o «caso do fax», revelado ao semanário «Independente» pelo próprio Rui Mateus, um dos fundadores do Partido Socialista e figura cimeira da Fundação de Relações Internacionais, instituição presidida por Mário Soares antes de ascender à suprema magistratura do estado.

Contas bancárias vistas à lupa?

Um porta-voz da Procuradoria-Geral da República (PGR) desmentiu ao «DL» que fosse daquele organismo que partiu a informação sobre um eventual inquérito às contas bancárias dos envolvidos no «caso do fax», solicitado por este organismo à Alta Autoridade Contra a Corrupção e noticiado pelo «Expresso» de sábado passado. «É uma matéria que está a ser investigada a coberto do segredo de Justiça e não queremos pôr em causa os direitos da defesa», esclareceu um magistrado da PGR.

A Alta Autoridade insistiu, por seu turno, em não confirmar ou desmentir as notícias vindas a lume sobre uma diligência deste género.

Aguarda-se com alguma curiosidade outra diligência, a próxima do procurador-geral-adjunto Rodrigues Maximiano, cujo regresso de férias está previsto para hoje e que, como foi amplamente divulgado, permaneceu uma temporada em Macau, para investigar o «caso do fax».

Rodrigues Maximiano apenas esperava as conclusões da investigação levada a cabo pela Procuradoria de Stuttgart junto da empresa Weidleplan sobre o pagamento de gorjetas a cidadãos portugueses com acesso privilegiado às autoridades de Macau.

Carlos Melancia: a venda da participação na Emaudio volta a dar que falar

A minúncia tradicional da Justiça alemã vai decerto auxiliar o rigor do inquérito conduzido em Portugal, se bem que esteja já dado como certo e seguro que a contabilidade da Weidleplan confirmou o envio dos 50 mil contos, por cheque, para Portugal, ao cuidado do seu representante em Vila da Feira.

É também um dado adquirido o facto de esse cheque ter sido descontado num dos balcões portugueses da União de Bancos Portugueses e de o dinheiro ter ido parar em numerário às mãos dos já citados sócios da Emaudio.

A busca de onze horas realizada na sede da Emaudio chegou e sobejou para ser encontrada a maior parte das cintas que envolviam os maços de notas trazidos para Lisboa. Do ponto de vista policial, e para os apreciadores de romances do género, o «caso do fax» parece um rabo escondido com o gato de fora, tal é o número de provas semeadas pelo caminho.

Os interrogatórios feitos em Portugal a todos os presumíveis envolvidos no «caso do fax», agora na condição de arguidos, permitindo a passagem a processo-crime de um assunto que poderia, quiçá, ser encarado como mero processo administrativo.

Juristas consultados pelo «DL» sustentaram que, no caso de o dinheiro enviado pela empresa alemã não ter por destino final os três sócios da Emaudio que o receberam, seria impossível à parte germânica surgir, numa segunda fase, a acusá-los de abuso de confiança.

João Isidro

Governo toma medidas para combate aos fogos

O Conselho de Ministros reuniu esta manhã com uma agenda com apenas dois pontos: a análise da situação política e o combate aos fogos florestais. Presidido pelo ministro da Presidência e da Defesa, Fernando Nogueira, na ausência de Cavaco Silva de férias em S. Tomé, o Conselho debruçou-se sobre dois diplomas que enunciam medidas para melhor prevenir e fazer face aos incêndios.

Os dois diplomas surgem na sequência da reunião que decorreu na Covilhã no passado fim-de-semana e que, a pretexto do incêndio que afectou aquele concelho, reuniu os ministros da Presidência, Justiça, Agricultura, Ambiente, Administração Interna e Planeamento, autarcas e responsáveis do Serviço Nacional de Bombeiros. Nessa altura, o Governo anunciou o condicionamento da utilização dos solos atingidos pelos fogos florestais, nomeadamente a sua imobilização durante dez anos para outros fins que não aqueles que prosseguiam. Hoje, segundo apurou o «DL», o Conselho de Ministros concretizou esta medida através de um diploma em que prevê a rearborização daqueles solos e impede a sua urbanização. Terra queimada passa assim a não servir para construir.

O segundo diploma agrava o regime de sanções para quem infrinja o regime de protecção da floresta. Serão assim agravadas as penalizações no que respeita à limpeza das matas, ao lançamento de foguetes e ao funcionamento das lixeiras. O ministro do Planeamento e da Administração do Território, Valente de Oliveira, vai enviar uma carta a todos os presidentes de Câmaras alertando para o cumprimento dos cuidados a ter com as lixeiras municipais.

Segundo o Executivo, dos 1400 fogos registados no mês passado, uma grande percentagem teve origem em descuidos e falta de prevenção seja pela falta de limpeza, seja pelo pouco cuidado com as lixeiras ou com o lançamento de foguetes numa altura em que as festas populares abundam.

Preocupado com o aparecimento de cada vez maiores indícios de origem criminosa no deflagrar dos incêndios, o Conselho de Ministros de hoje estudou ainda as possibilidades de acentuar a investigação policial.

ANMP exigiu «medidas enérgicas»

Reunida terça-feira, a Associação Nacional dos Municípios Portugueses exigiu do Governo a disponibilização de 1,5 milhões de contos para acções a desenvolver pelas comissões concelhias especializadas em fogos florestais. Reclama do Governo maiores apoios e «tratamento especial» para os municípios mais afectados pelos fogos e sugere que seja solicitado ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa um relatório sobre esta situação nos países mediterrânicos.

Redacção «DL»

BREVES

Ministro da Agricultura visita região da Sertã

O ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação, Arlindo Cunha esteve esta manhã no Centro de Prevenção e Detecção dos Incêndios Florestais da Sertã. Aquele membro do Governo fez ainda uma visita de reconhecimento à zona do Pinhal interior e manteve um encontro de trabalho com o Governador Civil de Castelo Branco e os presidentes das câmaras municipais da região.

Cavaco e Pinto da Costa debateram cooperação

A cooperação bilateral e o processo de abertura política em S.Tomé, foram temas do encontro de duas horas que ontem o presidente de S.Tomé, Pinto da Costa e o primeiro-ministro português, Cavaco Silva mantiveram. Antes, o chefe do Governo português visitou as futuras instalações do centro de produção da Televisão de São Tomé e entregou diplomas aos sete jornalistas e 13 operadores de câmara recém formados no país durante oito meses. Na cerimónia esteve presente Carlos Pinto Coelho, director da Cooperação e Relações Internacionais da RTP, que reafirmou o desejo de Portugal participar na construção de novas televisões africanas, «onde a língua portuguesa dê sentido às imagens, forma à cultura, recorte ao conhecimento e lazer». O primeiro-ministro regressa hoje a Lisboa.

Jorge Sampaio visita Ponte da Barca

Jorge Sampaio, na qualidade de secretário-geral do PS, visita no sábado o concelho de Ponte da Barca, onde manterá encontros com o presidente do município local. Durante a visita àquele concelho Jorge Sampaio participa ainda num convívio com emigrantes e vai inaugurar uma exposição fotográfica sobre Ponte da Barca.

FORUM

Subitamente no Verão passado (II)

A INÉRCIA DOS TRATADOS

Cinquenta anos depois da assinatura do pacto de não agressão germano-soviético de 23 de Agosto de 1939, as autoridades de Moscovo admitiram, pela primeira vez publicamente, a existência de protocolos secretos anexos a esse acordo e ao tratado de amizade entre a Alemanha de Hitler e a URSS de Stalin, celebrado um mês depois para consolidar a aliança entre ambos, que tornara possível desencadear a SEGUNDA GRANDE GUERRA e a ocupação conjunta e a partilha da Polónia.

Os protocolos anexos eram um segredo particularmente mal guardado. As potências anglo-saxónicas conheciam a sua existência desde a assinatura do pacto, e as cópias alemãs dos dois tratados completos foram publicadas depois de 1945. As cópias russas estavam oficialmente perdidas, até serem publicadas este ano. Por outro lado, os seus efeitos concretos estiveram sempre à vista de todos, com a demarcação das esferas de influência respectivas na Europa oriental entre 1939 e 1941, e no traçado das fronteiras soviéticas de 1940 e de 1945.

Sem entrar em detalhes, é em função desses acordos e a partir das suas disposições que as fronteiras da União Soviética se deslocaram para ocidente nos meses seguintes, passando a incluir a maior parte da Polónial oriental, integrada na Ucrânia e na Bielorússia, as três repúblicas bálticas da Lituânia, Letónia e Estónia, que se tornaram repúblicas independentes, e a Bessarábia e a Bukovina do Norte, esta integrada na Ucrânia, a outra na URSS como a república da Moldávia.

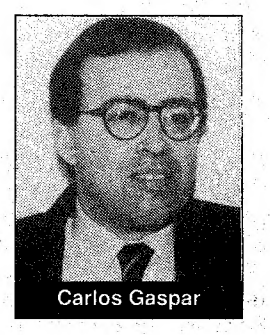
Melhor do que ninguém, os sucessores de Stalin sempre tiveram uma consciência nítida de que a integração destes territórios na União Soviética não era separável dos tratados de aliança que uniram as duas potências totalitárias no início da segunda guerra mundial. Essa é uma boa razão, que explica a sua persistente recusa em reconhecer a existência dos protocolos anexos que determinavam a partilha da Europa Oriental - recusa que não deixa de ser uma forma de respeitar, se não o espírito, pelo menos a inércia dos compromissos assumidos nesses acordos solenes, em que Moscovo acreditou piamente até ao dia em que a Alemanha invadiu a URSS.

Em 1989, as autoridades soviéticas só podiam admitir a existência dos velhos protocolos para condenarem os acordos de 1939 e para os declararem nulos e sem efeito. A tarefa coube a Eleksandr Yakovlev, que se pronunciou nesses termos em 18 de Agosto, antes de a comissão parlamentar competente os vir reiterar no seu relatório, publicado dez dias mais tarde. Em 24 de Dezembro, uma resolução do Congresso dos Deputados do Povo, assinada pelo presidente Gorbachev, repetia solenemente a condenação dos referidos tratados.

Porém, o temor de complicações legais fez com que a resolução oficial apenas viesse confirmar que os acordos se tinham tornado inválidos a partir de 22 de Junho de 1939, data em que foram naturalmente denunciados: os seus efeitos anteriores a esse momento eram ilegítimos, mas não eram anulados. Esta má consciência só podia complicar as coisas e o certo é que, a partir da declaração de Yakovlev, do Báltico ao Danúbio levantou-se o coro dos que concluiam da condenação dos tratados a consequência lógica da necessidade de reparações: para os mais radicais, como os lituanos ou o presidente romeno, estava em causa a reposição do *status quo ante* - o reconhecimento da soberania da Lituânia ou a restituição da Bessarábia.

Era uma resposta previsível, embora a declaração de independência da Lituânia, preparada a partir de 22 de Agosto e anunciada pelo Sajudis nesse momento, não tenha sido imediatamente tomada ao pé da letra. Moscovo tentara antecipar-se e, dois dias antes da denúncia oficial dos acordos, a direcção comunista aprovara um relatório sobre os problemas «interétnicos», que abria caminho para a revisão da estrutura do Estado soviético, no sentido de dar às repúblicas o estatuto de entidades soberanas federadas, que a própria Constituição da URSS lhes atribuia formalmente. Deste modo procurava conter as tensões nacionalistas e secessionistas, manifestadas tanto na Transcaucásia como no Báltico.

Tudo parece indicar que foi demasiado tarde. À partida, os dirigentes soviéticos tinham a possibilidade de dissociar entre si os movimentos secessionistas e nacionalistas - por exemplo, a partir da distinção dos estatutos respectivos dos Estados baltas (cuja anexação nunca fora internacionalmente reconhecida), da Moldávia (cuja integração na URSS fora admitida pelos aliados anglo-saxões) ou das repúblicas do Cáucaso, mais inimigas entre si do que do centro soviético.


Carlos Gaspar

A lentidão e as ambiguidades que caracterizaram a decisão soviética, bem como a indeterminação quanto ao resultado final, tornaram inviável a realização de uma estratégia coerente do centro, apesar da extrema moderação revelada quer pelos ocidentais, quer pelos chineses, que recusaram qualquer interferência no sentido de estimular as tendências centrífugas dominantes nas marcas do império.

Há um ano, a oposição balta, os nacionalistas da Ucrânia ocidental ou os refugiados arménios - os personagens principais da ressurgência nacionalista no Verão passado - estavam isolados. Neste momento, é a própria élite soviética que está dividida entre uma visão imperial, que quer integrar as correntes nacionalistas num universalismo socialista para preservar a unidade da URSS a todo o custo, e uma visão nacionalista liberal, cujo objectivo é, sobretudo, assegurar a continuidade da federação das repúblicas eslavas - a Rússia, a Ucrânia e a Bielorússia - mais do que impedir a descolonização de territórios asiáticos ou a restauração da independência das repúblicas bálticas ou da Geórgia. O futuro dirá qual das duas correntes virá a prevalecer: se for a primeira não é impossível que um pós-comunismo soviético descubra as suas afinidades com certas velhas correntes do nacional-socialismo.

OS AMIGOS DO PODER

Aos eleitores, de tempos a tempos, e em regime democrático, é colocada a opção de Governo, de Presidente da República, ou mais recentemente do primeiro-ministro. A publicidade e as técnicas de condução psicológica da vontade encarregam-se, em épocas eleitorais, de conduzir os «objectivos» do voto para uma ou outra dessas coisas. Ao eleitor normalmente não cabem direitos de opção sobre outros assuntos tão ou mais importantes que esses e que são atribuídos a uma regra de consequência em relação àquela escolha considerada fundamental.

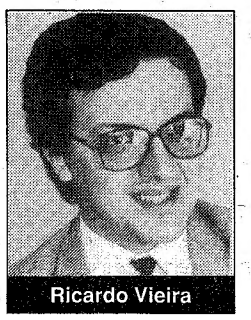
É assim que, atónito, o povo eleitor vê chegar ao poder quem nunca imaginava lá estar! É assim, também, que os vencedores colocam nas mais altas cadeiras da governação os seus amigos, sem que isso tenha algum controlo de âmbito político!

A questão, no fundo, resume-se a saber quais os limites da legitimidade que resulta do voto popular, ou, se quisermos, até onde pode ir o vencedor de um acto eleitoral na execução da política que recebeu a maioria dos votos. O problema da legitimidade é um problema «sem fim», já que os limites do poder, mesmo que a sua base seja democrática, varia com a evolução e a circunstância de cada sociedade. O que é certo, porém, é que é urgente reflectir sobre essas questões e encontrar perspectivas que procurem sempre a melhor defesa dos interesses e dos direitos dos cidadãos.

São hoje frequentes as notícias, nos jornais do nosso país, que dão conta de actos indiciadores de corrupção activa ou passiva. Há, com frequência, pessoas ligadas directamente ao Presidente da República ou ao primeiro-ministro que não se cansam de aparecer na nossa comunicação social ligadas, directa ou indirectamente, a actos de imoralidade pública. Os amigos do poder, que sem excepção não resultam do voto popular, nem sequer da «legitimidade» derivada, que seria uma escolha pela plenitude dos órgãos do partido vencedor, acabam por ter benefícios e atitudes que marcam o mandato dos primeiros responsáveis.

O povo assiste, assim, a condutas que não são das pessoas que escolheu para governar mas que, ao cabo e ao resto, não podem deixar de ser responsabilizantes por eles.

Aliás, começa por ser interessante verificar que, neste País, os amigos do poder não se alteram tanto quanto se alteram as maiorias vencedoras. Há, parece-nos, uma nova «classe profissional» que tomou conta do aparelho do Estado e de outros organismos públicos, que se revesam no exercício de cargos, mas que acabam por ter uma conduta tão igual que se confundem uns com os outros. Os amigos do poder parecem obedecer a um código comportamental tão rígido que dificilmente se conseguem distinguir entre si.


Ricardo Vieira

O grande acto de coragem que muitos esperam dos «eleitos pelo voto», que seria o despreendimento em relação aos amigos do poder e até uma certa limpeza saneadora de atitudes ou a actos que facilmente se personalizam, acaba por não se realizar. A razão fundamental todos a conhecem: os amigos do poder são parasitas que criam, nos responsáveis máximos, a dependência parasitária de si próprios. Há uma relação biunívoca entre ambos tão indestrutível como o próprio exercício de poder!

Perguntar-se-à se há solução para tal! Julgo que uma das formas possíveis era, antes ds eleições, os candidatos anunciarem formalmente quem serão os seus «amigos no poder». De uma forma mais concreta, comecemos por perguntar aos candidatos a Presidente da República quem serão os futuros governantes de Macau e aos candidatos a primeiro-ministro quem os acompanhará no Governo. Indiscutivelmente que a legitimidade acresceria, o que, por si só, infelizmente não indica que a moralidade passasse a ser a regra...

CARTAS NA MESA

«Compostos cancerígenos em águas portuguesas»

A propósito da notícia com o título em epígrafe, publicado no «DL» de 4 de Julho, recebemos da eng.ª Maria Luísa Gouveia, os seguintes esclarecimentos complementares:

1 - Os «produtos cancerígenos» deverão ser entendidos como «produtos potencialmente cancerígenos».

2 - Na página 13, onde se lê: «...onde se bebe, actualmente, água portadora de compostos cancerígenos...», deverá entender-se: «...água contendo compostos que ultrapassam as concentrações máximas admissíveis, vigentes na legislação nacional e internacional, e, que são, nalguns casos, reconhecidos como potenciais cancerígenos...»

3 - Na página 13, onde se lê: «...a água que se consome tem uma elevada percentagem de cloro, mesmo junto à captação, sendo, desde logo, portadora dos consequentes compostos cancerígenos...», deverá entender-se: «...a água que se consome é submetida a montante a pré-tratamentos, um dos quais - a pré-cloragem - tem em vista a destruição da matéria orgânica que a água apresenta. Este agente oxidante, porém, ao reagir quimicamente, vai não só destruir a matéria presente como dará origem, igualmente, a micropoluentes orgânicos (trihalometanos), que se formarão em maior ou menor quantidade consoante a carga orgânica existente. Deste grupo de compostos, o que aparece, geralmente, em maior concentração é o clorofórmio, considerado como potencial cancerígeno...»

4 - Na legenda da figura da página 13, deverá entender-se: «O cloro adicionado no pré-tratamento da água bruta e os nitratos presentes na água de consumo...»

A eng.ª Maria Luísa Gouveia esclarece ainda que esteve presente na conferência de Imprensa a que a notícia se refere, apenas na qualidade de membro da Comissão Directiva da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, qualidade em que, aliás, subscreve a carta que nos enviou.

INTERNACIONAL

COMENTÁRIO

Tudo baralhado

Ainda mal tínhamos começado a acreditar em uma nova era de paz no mundo (vidé resultados da perestroika) e já de novo tudo parece virado do avesso, com armas dispararando aqui às portas da Europa, mísseis apontados, armas químicas prontas a rebentar, navios sulcando os mares de canhões carregados, aviões supersónicos e super perfeitos em alerta para ataque rápido.

E, em coincidência com isto, uma evidente perversão da lógica internacional.

O Iraque, que é objecto de um embargo imposto pelas Nações Unidas, pede o apoio do Grupo de Observadores Militares da ONU, GOMNUTT, para fiscalizar a anunciada retirada de tropas iraquianas que ainda se encontram em território do Irão e cuja presença se tornou redundante depois de Bagdad haver anunciado a solução final do seu conflito com os iranianos, de acordo, aliás, com decisões da ONU.

A Arábia Saudita, que pediu formal e publicamente o envio de tropas norte-americanas para o seu território, mandou um enviado especial à Malásia e à Indonésia. O propósito da missão é o de conseguir que esses países muçulmanos enviem tropas para o território saudita, na intenção de protegerem os lugares santos do Islão - Meca e Medina - de modo a garantir que os soldados estrangeiros não muçulmanos, principalmente norte-americanos, presentes no país, nem sequer se aproximem desses lugares santos...

Para sugerir como árabes e muçulmanos estão a baralhar o jogo de forças e hábitos internacionais, acrescente-se que a Indonésia (ela própria culpada de invasão, Timor Leste) e a quem a Arábia Saudita foi pedir o envio de tropas para o seu território, não condenou a invasão iraquiana do Kuwait, de que resultou a ameaça que é agora motivo de queixa para a Arábia Saudita...

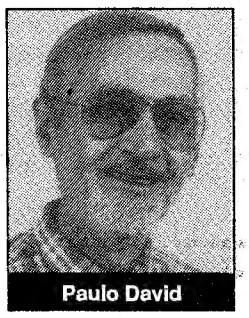
E mais.

O Reino Unido, que devia ser respeitador do Direito Internacional, deu ordens aos seus navios no Golfo para usarem a força, se necessário, quando interceptarem navios suspeitos de irem para o Iraque ou de lá terem saído. O que a ONU decretou foi um «embargo» e esta figura jurídica não autoriza o uso da força.

A Jordânia, que é membro das Nações Unidas, não acatou a decisão do embargo, continuando a deixar utilizar o seu porto de Aqaba, no extremo norte do Mar Vermelho, para a saída e a entrada de cargas provenientes do Iraque ou a ele destinadas.

Por fim, um paradoxo mais profundo. A Carta das Nações Unidas, no seu artigo 42, permite que o Conselho de Segurança decrete um «bloqueio», o que é considerado pelo Direito Internacional um «acto de guerra» visto consentir o uso da força para a apreensão de veículos e suas cargas. Teremos nesse caso um organismo internacional - se for esse o caminho seguido - a fomentar o uso da força para defender a paz.

Também é verdade que tudo isto abre um interminável e dificilmente conclusivo debate entre o Direito e a «realpolitik»: quando há um agressor militar, deverá invocar-se o Direito, com as suas impotências práticas, ou usar contra o agressor a única linguagem que ele entende, a força?



Paulo David

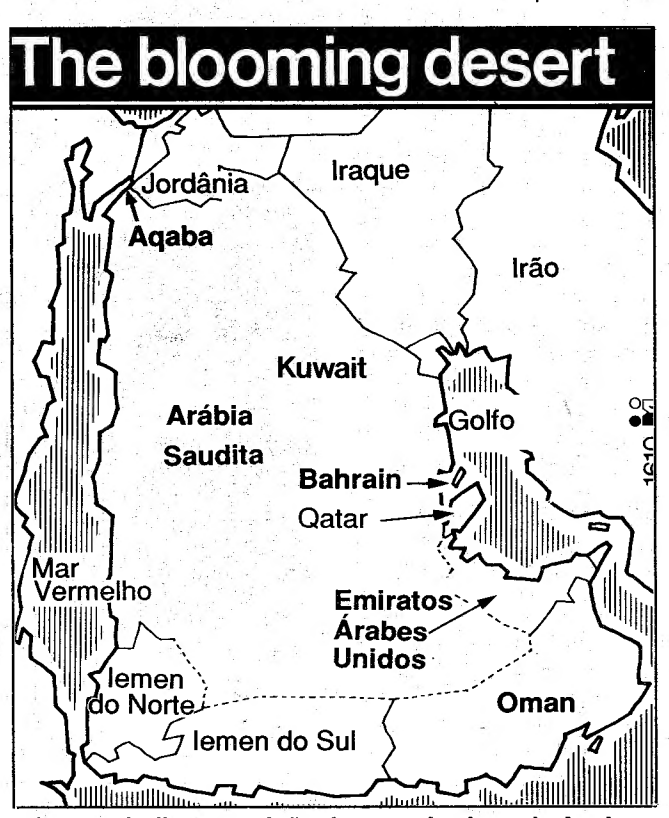
Rei Hussein discute situação com Bush

Jordânia e Israel cruciais para conflito no Golfo

A Jordânia e Israel são os países que mais atenções despertam no conflito do Golfo Pérsico, depois de Saddam Hussein ter ontem proposto a paz ao Irão e de não se vislumbrarem hipóteses de confronto com a Arábia Saudita para os próximos tempos. Os países ocidentais e a URSS continuam a fazer das sanções e de um hipotético bloqueio naval sob a bandeira da ONU, as principais armas contra o Iraque. Sintomática da importância que o seu país está a assumir no conflito, é a inesperada presença do rei Hussein da Jordânia nos EUA, onde hoje deverá ter um encontro crucial com George Bush.

Se tivesse sido feita há um mês a proposta de retirada de tropas do Irão e o reconhecimento do Acordo de Argel que dá a Teerão o disputado rio Shat El Arab, seria uma humilhação que dificilmente os iraquianos perdoariam ao seu líder. Afinal, a actual proposta, de imediato aceite pelas autoridades iranianas, mais não é do que desistir de tudo pelo qual o Iraque lutou durante oito anos, numa guerra que custou um milhão de vidas e inúmeros danos materiais.

Mas os tempos mudaram e o inimigo que agora concita o ódio dos iraquianos é outro. A Rádio Bagdad anunciava ontem que 35 brigadas iraquianas que estavam no Irão vão ser imediatamente transferidas para a fronteira com a Arábia Saudita.



O mapa indica a posição do porto jordano de Aqaba, o único que está ser usado para furar o embargo imposto ao Iraque

Irão condena sauditas

Não será só por motivos militares que o Iraque decide nesta altura conceder ao Irão «a maior vitória de sempre da república islâmica» (imprensa de Teerão). No mesmo dia em que Saddam Hussein, o invencível «cavaleiro da nação árabe», entregou a proposta que o Irão sempre exigiu, o responsável espiritual iraniano, ayatollah Ali Khamenei, descrevia a presença de forças norte-americanas em território saudita (onde se encontram os principais lugares santos do Islão) como «um insulto para o povo desse país».

O Presidente iraquiano parece assim apostar numa «guerra santa» contra o Ocidente e os países árabes «traidores» para fazer esquecer a anexação do Kuwait. É a única forma de sair do isolamento em que se encontra devido às sucessivas condenações do Conselho de Segurança da ONU, o qual deverá decretar o bloqueio naval nos próximos dias. Para que o respaldo popular dos árabes seja ainda maior (mesmo contra posições oficias dos Governos dos diversos países), falta trazer de novo para o centro das atenções o inimigo que desde os tempos do líder egípcio Nasser une os povos da região: Israel.

De facto, o Estado judeu aparece cada vez mais como o alvo perfeito para Saddam Hussein. Sabendo disso, os experientes chefes militares israelitas há muito traçaram uma «linha vermelha» que se for ultrapassada significa guerra. Essa linha, como têm relembrado frequentemente nos últimos dias, é a fronteira entre o Iraque e a vizinha Jordânia.

Saddam, herói jordano

Embora o rei Hussein seja considerado pró-ocidental, a população do seu país (constituída em 60 por cento por palestinianos) elegeu Saddam Hussein como herói, pressionando o seu Governo para um total alinhamento com as posições de Bagdad. Não é por acaso que a Jordânia, embora tenha condenado a invasão do Kuwait, se opõe ao embargo.

Com o encerramento das rotas comerciais que atravessam a Arábia Saudita e a Turquia (os dois maiores aliados de Washington na região), o Iraque está quase que inteiramente dependente do porto jordano de Aqaba, no Mar Vermelho, de onde parte um estrada para Bagdad, vital para o abastecimento de um país que importa 80 por cento do que consome. O ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, acusou ontem o Conselho de Segurança da ONU de, com o embargo decretado, querer «matar à fome o povo do Iraque».

Assume assim particular relevância a misteriosa visita que o rei Hussein está a fazer aos EUA. As especulações dos analistas surgem a todo o instante. Há quem diga que vai apenas levar uma proposta de paz de Saddam Hussein, que vai oferecer os seus ofícios de intermediário para uma solução pacífica, que vai definir a questão de Aqaba, que vai pedir garantias aos norte-americanos para poder aderir ao embargo, que vai esclarecer se as actuais boas relações Aman-Bagdad implicam ou não numa entrada de tropas iraquianas em território jordano (que provocariam a guerra com Israel).

Provavelmente vai discutir isso tudo e muito mais com George Bush. Resta saber se Saddam Hussein estará disposto a aceitar pacificamente um eventual alinhamento da Jordânia com o Ocidente ou mesmo um embargo a Aqaba.

Não parece muito provável que o rei Hussein esteja disposto a correr esse risco, para mais sabendo que, para além do poderoso exército iraquiano vizinho, teria que enfrentar a incompreensão dos jordanos que talvez não hesitassem em substituí-lo pelo «cavaleiro da nação árabe».

Nunca se deve esquecer que foi a pretexto de um pedido de auxílio de «jovens revolucionários» que Saddam Hussein invadiu o Kuwait.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

O 41 e o 42

A crise aberta no Médio Oriente pelo presidente Saddam Hussein, do Iraque, pôs de novo em foco a Carta das Nações Unidas. E os seus artigos 41º e 42º tornaram-se vedetas.

São esses artigos que irão ser invocados para que o Conselho de Segurança decrete dentro de dias, ao que tudo indica, o bloqueio ao Iraque.

Diz o artigo 41º: «Pode o Conselho de Seguranaça decidir que medidas, não envolvendo o uso de força armada, devem ser aplicadas para tornar efectivas as suas decisões, podendo também apelar aos Membros das Nações Unidas no sentido de que apliquem tais medidas. Estas medidas podem incluir, em completo ou parcialmente, a interrupção de relações económicas, de comunicações por caminho de ferro, por mar, por ar, postais, telegráficas, por rádio e por outros meios, incluindo ainda o corte de relações diplomáticas».

Diz o artigo 42º: «Se o Conselho de Segurança considerar que as medidas previstas no artigo 41º se mostraram inadequadas ou se tiver sido provado que elas foram inadequadas, pode ele adoptar acções, por ar, mar ou forças terrestres, conforme entender necessário, com o objectivo de manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais. Tais acções podem incluir manifestações, bloqueio e outras operações por ar, mar ou forças terrestres por parte dos Membros das Nações Unidas».

Esta renovada atenção sobre a Carta das Nações Unidas no que diz respeito a intervenções militares desenvolvidas sob a égide da ONU, faz recordar também a entrada em acção, em 1950, na guerra da Coreia, de tropas que eram, todas elas, formalmente mandadas pela ONU, tendo sido ainda o Conselho de Segurança quem nomeou o general Mac Arthur para comandante supremo.

Redacção «DL»

Podendo ser considerado discípulo de Nasser, o presidente do Iraque, Saddam Hussein, tem estado a usar tácticas de ataque e de demagogia pan-arabista que realmente o aproximam do «Libertador do Egipto». Gostaria de se consagrar, ao que se diz, como um segundo Nasser, pelo menos. Também há quem o compare a Ali-Babá, por ter assaltado «a caverna dos ladrões» ou seja, figurativamente, o Kuwait

Saddam Hussein, novo Ali-Babá

Qualquer que venha a ser o epílogo da crise no Golfo, o seu causador ficará conhecido como «o grande perturbador» do mundo árabe. Ao invadir o Kuwait, Saddam Hussein não só semeou a desorientação entre os seus incrédulos companheiros árabes, como também baralhou completamente todas as peças que estavam dispostas no tabuleiro político e económico da região. Assim, sob a mão de ferro do ditador, uma nova ordem árabe poderá estar agora a nascer.

O golpe de força do Iraque obrigou, subitamente, muitos dirigentes árabes, moderados ou radicais, a reverem de pronto as suas posições, a requacionar os seus problemas, a descobrir novas ideias, a fazer ou desfazer alianças. Muito esperto será aquele que conseguir prever o que irá resultar de tudo isto, depois da novidade atirada para a mesa pelo cínico jogador de poquer, a quem o poder embriagou.

A caverna dos ladrões

Mas Saddam Hussein «perturbou» também o cidadão comum, suscitando a desaprovação de uns e o entusiasmo de outros, estimulando a imaginação e, por vezes, mesmo alguma esperança. Para exaltar o ardor popular ele recorreu a três grandes cavalos de batalha - o anti-imperialismo, o islamismo e o pan-arabismo, sobretudo o firmemente anti-israelita - usando os três elementos a fim de conquistar uma larga audiência.

Hábil alquimista, pretende que estes ingredientes políticos formem um composto explosivo capaz de desencadear uma nova «revolta árabe» na qual ele apareceria como o seu claro mentor.

À imensa massa de populações pobres do mundo árabe, Hussein apresenta-se como um justiceiro que infinge aos ditadores a sorte que eles merecem. Novo Ali-Babá, que assalta a própria a caverna dos ladrões do Golfo, pretende recuperar os rendimentos do petróleo injustamente retirados ao mundo árabe.

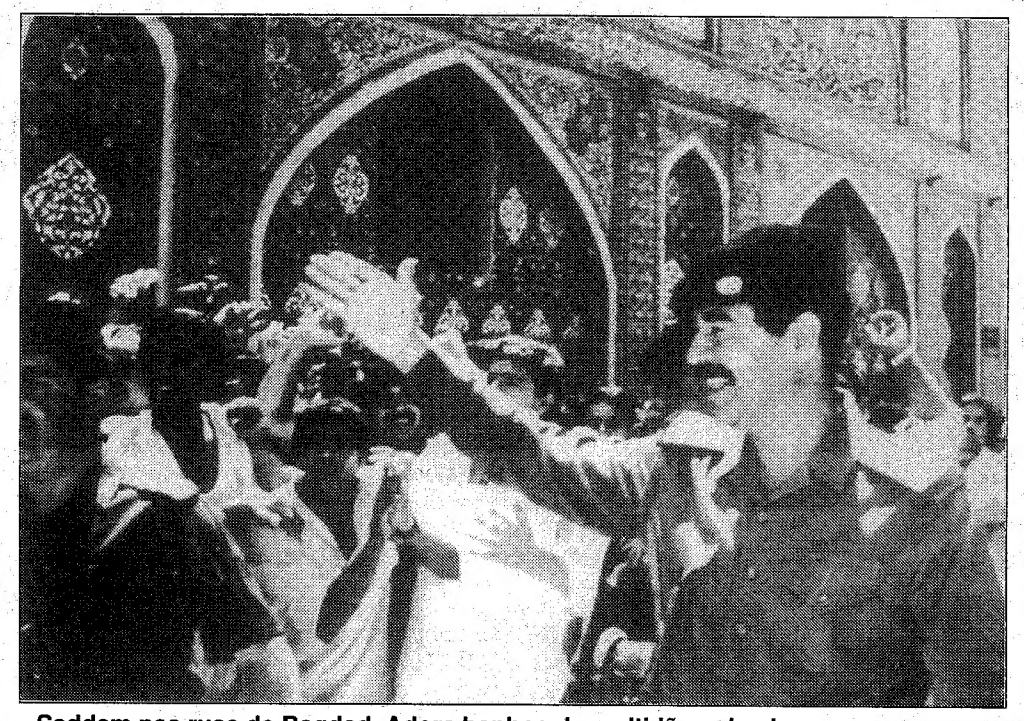
Mas será que o Iraque não estaria hoje em melhor situação financeira, caso não se tivesse envolvido na aventura de oito anos de guerra com o Irão? Vale-lhe o facto de, numa região com desigualdades sócio-económicas gritantes, o ataque aos capitalistas não deixar indiferentesa grande maioria das populações.

Simples oportunismo

A todos eles, Saddam Hussein dirige-se numa única linguagem nacionalista e religiosa, colocando o Islão ao serviço de um ideal à primeira vista bastante longínquo e algo contraditório, ou seja o pan-arabismo socialista e laico do Partido Baas, no Poder.

Formado no seio do Baas, chefe de um regime que Khomeini qualificava de «ímpio», Saddam Hussein está longe de ser propriamente uma pessoa piedosa. Mostra-se apenas preocupado, por simples oportunismo, em recuperar uma parte da herança islâmica caída em desuso após a morte do Imã.

Apesar de ser um sunita, num país maioritariamente xiita, continua a retirar a sua inspiração religiosa do seu vizinho persa. Incapaz de ganhar a fama de profeta no seu país, vê-se constrangido a seduzir as suas ovellhas além fronteiras. É aí que o Islão e o pan-arabismo podem, no espírito de Saddam Hussein, desempenhar um papel no sentido de reforçar a sua ambição regional. E isto porque o Islão - universal por natureza - assim como o pan-arabismo - utopia supranacional - são ambos radicais. Recrutam e mobilizam pessoas sem terem em conta as fronteiras.



Saddam nas ruas de Bagdad. Adora banhos de multidão... desde que a segurança esteja devidamente garantida

Alvo ideal

A táctica adoptada pelo líder iraquiano tem a lógica que já foi usada, há muitos anos, pelo seu mestre Nasser. Aliás, Saddam Hussein sempre mostrou sentir desgosto por não lhe ter sido possível encontrar-se, durante o seu exílio no Cairo, nos anos 60, com o «Libertador do Egipto». Tal como Nasser, o presidente iraquiano decidiu ignorar as fronteiras, saltar por cima da cabeça dos dirigentes dos países árabes e falar directamente a todo o mundo árabe.

O isolamento em que se vê, depois de a maioria das nações árabes haver condenado a invasão do Kuwait, leva-o naturalmente a insistir na sua necessidade do apoio das massas populares árabes. E para alcançar este objectivo nem hesitou, inclusivamente, em tentar lançar essas massas contra os regimes políticos em que vivem e que, em vários casos, Saddam mostrou claramente desprezar.

Neste aspecto, a Arábia Saudita é um alvo ideal, depois do descrédito sofrido junto do mundo islâmico em consequência das sangrentas desordens verificadas nos lugares santos do Islão e da recente catástrofe em Meca. E é um alvo digno de um homem que, na sua megalomania, pretende ser, pelo menos, um segundo Nasser. Não é verdade que ele dispõe, agora, de um poder militar muito maior do que aquele de que Nasser jamais dispôs?

Calculista

Tal como Nasser, Saddam quer ser um líder dos povos árabes, que sempre procuraram heróis e muito gostaram de os ter, sobretudo nas épocas em que estavam esfomeados de dignidade e de vitórias, como acontece desde as derrotas sofridas face a Israel.

Mas Nasser era, por vezes, sentimental se não mesmo cândido. Muito ao contrário, o presidente iraquiano já provou ser um calculista, capaz de jogar friamente com os sentimentos das massas.

Nestes últimos dias e em várias capitais do mundo árabe, multidões gritaram em uníssono o nome de Saddam, vitoriando-o. Para elas nada significou a violação da independência do Kuwait, por nada contou a violação dos princípios básicos do Direito. Nada diminuiu a força da sua adoração pelo líder de Bagdad.

Não admira que Saddam chegasse à conclusão de que estava numa posição suficientemente forte para desafiar o Ocidente.

De qualquer modo, é bom não nos enganarmos sobre o significado profundo dessas manifestações: foram mais provas de ódio contra os norte-americanos do que de amor pelo presidente do Iraque.

Este anti-americanismo de rua que de subito se reacendeu no Médio Oriente ainda se alimenta dos velhos rancores contra as potências colonialistas, especialmente contra a Grã-Bretanha, que é sempre acusada, e com alguma razão, de ter desmembrado o império otomano e traído a causa do nacionalismo árabe, tanto na primeira como na segunda guerras mundiais. Nesta linha, é natural que alguns comentadores árabes comecem já a recordar a invasão do Suez, nos anos 50...

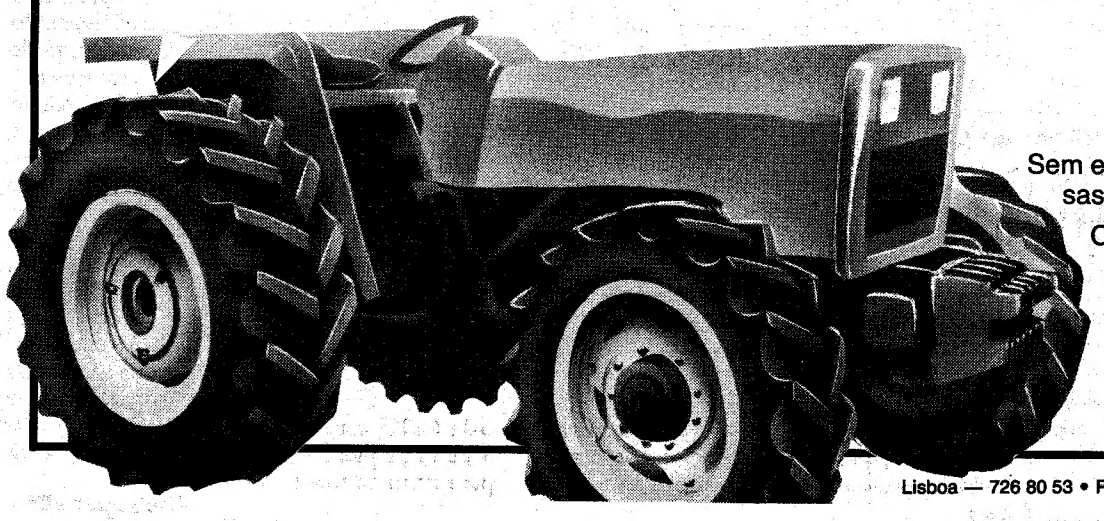
Para atiçar o fogo contra os EUA, Saddam Hussein - um homem que odeia Israel e o quer ver destruído - dispõe de uma boa ferramenta. Basta-lhe denunciar repetidamente a aliança entre Telavive e Washington.

O presidente iraquiano tem usado também um paralelo que é juridicamente falso e historicamente contestável: a sua invasão do Kuwait não seria mais do que a correspondente árabe da ocupação da margem ocidental do Jordão pelos israelitas.

Mas que seja falso ou controverso esse paralelo, a verdade é que produz efeito na mentalidade das massas árabes, que ainda sentem dolorosamente a humilhação sofrida por ocasião da Guerra dos Seis Dias, tanto mais que continuam sensíveis à frustração de não conseguirem obter uma pátria para os palestinianos, que já a tiveram. É por isto que a causa palestiniana - a velha e lancinante ferida a berta no flanco dos povos árabes - representa neste momento a grande causa sagrada e o supremo alibi para Saddam Hussein.

Jean-Pierre Langellier
Exclusivo «DL»/
«Le Monde»

UTILIZE JÁ NESTA COLHEITA O SEU NOVO TRACTOR.



Sem esperas, sem créditos difíceis, sem despesas pesadas.

Com a **Sofinloc** pode escolher – nós financiamos, em *leasing*. As máquinas agrícolas de que Você necessita. No tempo preciso.

A **Sofinloc** tem resposta, faça chuva ou faça sol. Consulte-nos.

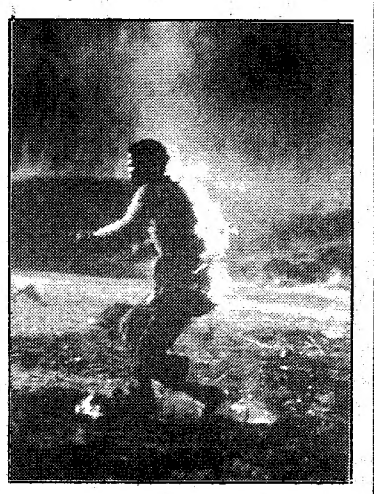
SOFINLOC
SOCIEDADE FINANCEIRA DE LOCAÇÃO, S.A.

Lisboa — 726 80 53 • Porto — 68 92 51 • V. Nova Famalicão — 31 24 17 • Aveiro — 2 90 58 • Leiria — 81 19 66 • Faro — 2 91 89

BREVES

Violência alastra ao Soweto

Os combates entre tribos rivais, que se desenrolam desde domingo nas três cidades negras, a uma trintena de quilómetros e Leste de Joanesburgo, tendo já provocado a morte de 143 pessoas, alastraram esta madrugada ao Soweto. O balanço provisório deste último recontro no bairro negro de Joanesburgo é de quatro mortos. Segundo testemunhas oculares, uma multidão de 300 a 400 pessoas armadas de catanas, lanças e matracas atacou os passageiros que se encontravam numa estação situada no centro de Soweto, depois de os ter obrigado a sair de um comboio. Segundo fontes policiais 48 pessoas pelo menos ficaram feridas e o número de mortos poderá vir a aumentar.



Pessoal das embaixadas abandona Monróvia

Quarenta membros do pessoal das embaixadas da RFA, Egipto e de Marrocos, situadas na linha de fogo em Monróvia, começaram ontem a abandonar a cidade liberiana em 18 carros, passando pelas zonas controladas pela Frente Nacional Patriótica (NPFL) de Charles Taylor. A iniciativa surgiu quando as embaixadas foram informadas, por uma fonte diplomática, de que a intervençaõ das tropas da Comunidade Económica dos Estados Africanos tinha sido adiada por problemas logísticos. Por seu lado, em entrevista à BBC, o chefe da NPFL, Charles Taylor, declarou que não tolerará o desembarque duma força de intervenção regional, a menos que ele próprio avance o pedido.

Atentado mata responsável palestiniano

Segundo uma fonte palestiniana, um responsável da Frente Popular para a Libertação da Palestina - Comando Geral (FPLP-CG de Ahmad Jibril), Aboul Qaher, morreu num atentado à bomba na zona ocidental de Beirute controlada pelos sírios. A bomba montada no carro matou instantaneamente o condutor e o responsável da FPLP-CG e feriu um terceiro passageiro, também ele membro da mesma organização e guarda-costas de Aboul Quher. Em comunicado divulgado em Damasco pela PPLP-CG, a organização acusou os serviços secretos israelitas (Mossad) de ter preparado o atentado com a assistência de «alguns agentes locais».

Motim em prisão da Georgia

Agentes do KGB e tropas do ministério do Interior puseram fim a um motim numa prisão da República da Georgia, libertando três funcionários do estabelecimento prisional que foram feitos reféns por um grupo de detidos. Segundo a agência TASS, um agente da KGB e um membro do esquadrão do ministério do Interior ficaram feridos durante a operação. O incidente teve início no sábado quando sete detidos fizeram reféns os seus guardas prisionais, libertaram 68 detidos das suas celas e assaltaram o depósito de armas do estabelecimento prisional.

Argélia e Chile restabelecem relações

Argélia e o Chile decidiram restabelecer a suas relações diplomáticas, interrompidas em 1973 na sequência do golpe de Estado contra o presidente Salvador Allende que levou ao poder Pinochet. As relações entre os dois paises, que manifestaram o desejo comum de «promover e desenvolver as relações de amizade e de cooperação», foram retomadas já, a nível de contactos entre embaixadores, a partir de 13 de Agosto deste ano.

Seca matou 10 mil angolanos

Segundo revelaram responsáveis angolanos, a seca que assola a província de Benguela, no Sul de Angola, matou nestes primeiros seis meses deste ano 10.083 pessoas. Entretanto, um comunicado da FAO, citado pela ANGOP, aponta Angola como um dos cinco países africanos com más perspectivas de produção.

Comité Central da Frelimo adopta multipartidarismo

A Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) considera que as principais decisões tomadas ontem, no fim dos trabalhos da terceira sessão do Comité Central da Frelimo, o partido no poder, vêm ao encontro das suas principais exigências, feitas desde o início da luta armada no país.

Manuel Franc, representante da Renamo em Lisboa, em declarações ao «DL», afirmou no entanto que «esta decisão não devia ser tomada unilateralmente, sobretudo num momento em que estão a decorrer conversações» entre o Governo moçambicano e os rebeldes. No seu entender esta iniciativa visa essencialmente um esforço da Frelimo em liderar o processo de aberturas no país, um processo conseguido, apesar de tudo, sob a pressão do conflito interno.

Amanhã, a Comissão Central da Revisão da Constituição moçambicana vai reunir-se, em Maputo, para fazer algumas recomendações, que segundo aquele grupo de trabalho, deverão ser tidas em conta na elaboração da revisão constitucional do país.

Segundo fontes citadas pela a Agência Lusa, a reunião visa a análise dos documentos produzidos pelo Gabinete Central encarregado de introduzir as alterações na Constituição, verificando, nomeadamente, se eles estão ou não de acordo com as principais linhas surgidas durante o debate público, iniciado no princípio do ano.

Mas a reunião de amanhã, onde estarão presentes cerca de 150 membros dos mais variados estratos sociais, vai ser dominada pelas conclusões saídas da terceira Sessão do Comité Central da Frelimo que ontem terminou na capital moçambicana. O Presidente Joaquim Chissano, considerado o grande mentor das alterações em curso no país, lidera a Comissão Central de Revisão da Constituição e a sua presença na reunião de amanhã será no sentido de fazer incluir no projecto de revisão constitucional as grandes linhas de orientação do Comité Central do partido no poder, que ontem reiterou a adopção de um regime pluripartidário como uma medida visando «inserir a sociedade moçambicana na dinâmica criada pelas transformações a nível africano e internacional».

«Ao adoptar o multipartidarismo, o Comité Central toma a iniciativa de desenvolvimento do processo político em curso no país e de harmonização das diferentes forças e tendências políticas para uma democracia participativa e ampla», refere a resolução publicada no final da Comité Central da Frelimo.

O Comité Centrral defende igualmente a adopção de um regime presidencial «por se revelar o mais consentâneo com as exigências do aprofundamento da unidade nacional e da construção da nação».

Num sinal claro das mudanças que estão a ser implementadas pela Frelimo o Comité Central deliberou a retirada da palavra «Popular» das designações de República Popular de Moçambique, da Assembleia Popular e Tribunal Popular Supremo».

De resto, a decisão do Comité Central veio reiterar algumas das posição já assumidas publicamente pelo Presidente Chissano, não só a nível das aberturas políticas, como também em relação às medidas de liberalização económica. Apesar de vários observadores considerarem que o processo de aberturas na Frelimo está a sofrer algumas resistências por parte dos sectores mais ortodoxos do partido, o certo é que, após as recomendações saídas do Comité Central, não é de esperar que estas medidas venham a ser bloqueadas pelos outros orgãos de decisão no poder, nomeadamente pela Assembleia Popular: esta seria a primeira vez que a Assembleia votaria uma decisão contra as orientações gerais do partido no poder.

Redacção «DL»/Lusa

Governo Leste alemão treme de novo

O presidente o Partido Social Democrata Leste-alemão (SPD), Wolfgang Thierse, afirmou esta manhã que o seu partido deveria deixar a coligação governamental com o cristão-democrata (CDU), Lothar de Maizière, após a demissão do ministro das Finanças, Walter Rombert.

«Pessoalmente, não posso imaginar que o SPD continue a trabalhar com o primeiro-ministro, cada vez mais imprevisível», declarou Thierse à estação de rádio de Berlim Ocidental, Sender Freies Berlin (SFB).

Maizière demitiu ontem à tarde Rombert, ministro das Finanças (SPD), e Gerhard Pohl, ministro da agricultura (CDU), ao mesmo tempo que aceitou os pedidos de demissão dos ministros da Justiça, Kurt Wnsche, e da Agricultura e Florestas, Peter Pollack (ambos independentes).

Segundo Thierse, cabe agora ao grupo parlamentar decidir sobre qual o futuro da coligação. Ao fim desta manhã os principais dirigentes do SPD Leste-alemão vão reunir-se em Berlim, um encontro seguido com bastante espectativa.

As demissões de ontem seguem-se a um período bastante conturbado da vida política e social na RDA, com a crise económica a agravar-se substancialmente, considerada pelos responsáveis do SPD como uma consequência directa da unificação do marco alemão. Ontem, a maioria dos 800 mil agricultores da RDA fizeram greve e cerca de 250 mil manifestaram-se em vários locais do país contra o controlo dos mercados locais pelos produtores da RFA. Segundo a agência noticiosa da RDA (ADN), a gréve consistiu numa suspensão do trabalho durante duas horas. As manifestações de ontem foram consideradas como as maiores verificadas depois da queda do regime comunista.

O ministro da Agricultura Peter Pollack durante as manifestações na Praça Alexander em Berlim Leste

Na Praça Alexander, no centro de Berlim Leste, os cerca de 50 mil agricultores que alí se manifestavam chamaram «porco traidor» ao ministro da Agricultura e Floresta, Peter Pollack, quando este tentou dirigir-lhes a palavra.

Pollack, que horas depois pediu a demissão ao primeiro ministro Lothar de Maizière, teve que interroper o discurso e abandonar a Praça, depois de ter sido atingido como tomates e ovos, lançados pelos manifestantes que também partiram as janelas do seu carro.

Os protestos do agricultores da RDA teêm-se sucedido desde a fusão económica com a RFA, a 1 de Julho, altura em que os mercados da alemanha de Leste começaram a ser inundados com produtos vindos do país vizinho. O secretário de Estado Leste-alemão, Guenter krause, que tem conduzido o processo de unificação com a Alemanha Federal, também foi agredido pelos agricultores.

Em Bona, uma delegação de agricultores das duas Alemanhas entregaram ao Governo do chanceler Helmut Kohl uma petição conjunta para uma ajuda de emergência aos agricultores da Alemanha de Leste.

Redacção «DL»/ AFP/Lusa

QUOTIDIANO

Carcavelos: a praia sadia

Só os banhistas e o Ministério da Saúde estão tranquilos. Ninguém corre perigo, mesmo com a porcaria à mostra

A situação agrava-se com a maré vazia

Carcavelos, no Verão, é também sinónimo de praia: a mais frequentada e, paradoxalmente, a mais poluída da Costa do Sol.

De Junho a Setembro, o movimento dos banhistas, que vêm de Lisboa e dos concelhos limítrofes, em comboios e autocarros da RN, apinhados de apetrechos para o banho e brincadeiras na areia, transforma a fisionomia da localidade, dando-lhe um cariz de verdadeira estância balnear.

Na estação da CP, na via que dá acesso à praia, nas passagens subterrâneas para peões, monta-se uma verdadeira feira que funciona de manhã à noite e onde se pode comprar quase tudo, do biquini mais ousado ao frango assado, sem falar nos alfarrabistas e na venda de acessórios para os surfistas que têm, em Carcavelos, um grande centro de actividade.

Restaurantes e esplanadas de diferentes níveis com zonas de areal concessionadas completam uma «estrutura» que recebe, diariamente, milhares de banhistas. Vista de longe, do majestoso Forte de S.Julião para diante, é inegável que Carcavelos tem uma praia bonita

Uma estação de rádio local da zona metropolitana de Lisboa, com larguíssima audiência, promove, inclusivé, concursos entre os seus ouvintes, com emissões em directo, a partir da areia, oferecendo os mais diversos prémios.

Bonita e polémica

Há muito que se falava na poluição das suas águas mas a atitude dos utentes da zona nunca se alterou. Quase toda a gente vai à água, tanto a oriente como a ocidente da ribeira das Marianas que desagua no meio da praia, transportando esgotos de diferentes localidades das freguesias vizinhas.

Estudos elaborados o ano passado pelas direcções-gerais da Qualidade do Ambiente e dos Cuidados de Saúde Primários, amplamente divulgados, indicavam que as águas da praia de Carcavelos, à semelhança de outras da linha do Estoril, não cumpriam o «VMA», (Valor Máximo Admissível) de coliformes fecais estabelecidos pelos decretos-lei 74/90, elaborado na sequência da directiva 76/160 da CEE. As análises referiam que as suas águas continham mais de 100 mil coliformes por 100 ml de água, o máximo tolerado. Estudos realizados já este ano - a campanha de recolha é feita entre 15 de Maio e 30 de Setembro - indicavam que o índice de coliformes determinado foi de 160 mil por 100 ml de líquido. Este facto começou a levantar progressivos problemas às autoridades responsáveis, chegando o presidente da junta de freguesia de Carcavelos, Fernando Mesquita, a solicitar o encerramento de uma zona da praia.

Poucos dias antes, o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, tinha dito existir o perigo de contágio de hepatite nas praias da Linha, facto que viria depois a ser desmentido pelo Ministério da Saúde.

Passou a ser frequente, a partir dessa altura, o envio de informações para a Comunicação Social, inclusivé de leitores do DL, a alertar para os perigos da água da praia de Carcavelos.

Um elemento da autárquia de Cascais contactada por nós, e que solicitou o anonimato, revelou então que o resultado das análises feitas naquela praia eram tão gravosos para a sanidade pública que aconselhavam ao seu imediato encerramento. A mesma fonte disse que essa informação «foi mandada arquivar» e acrescentou que as análises recolhidas em Julho, e canalizadas para a Administração Regional de Saúde (ARS) de Lisboa, revelaram, inclusivamente, a existência de salmonelas.

O DL procurou, de imediato, um comentário oficial do Ministério da Saúde tendo estado mais de uma semana à espera de resposta, mesmo com recurso a todos os canais de comunicação possíveis.

Entretanto, uma fonte médica da ARS de Lisboa disse ao nosso jornal que se fosse «possível e legal» interditava a praia, só que essa medida era «utópica», uma vez que são os seus utentes «os primeiros a não prestar atenção aos avisos públicos colocados regularmente na praia e onde são referidos os resultados das análises».

Estes factos coincidem, pois, com recentes iniciativas do Governo que através da Secretaria de Estado do Turismo, deu de empreitada a uma empresa privada, a missão de limpar as praias da Linha, de Carcavelos ao Guincho por 70 mil contos.

Tal como nos hospitais, foi preciso protestar e bater a todas as portas para sermos atentidos, ou seja, para conseguir um comentário oficial do Ministério da Saúde. Mais vale tarde que nunca e coube à presidente da comissão instaladora da ARS de Lisboa, Rita Damião, dizer ao DL que nenhuma análise sobre as águas de Carcavelos «foi arquivada» e que não existe, nessa praia, «perigo para a saúde pública».

Por curiosa coincidência, a Marginal é cortada ao trânsito esta noite, em Carcavelos, para conserto de uma conduta elevatória de esgotos que estava desligada e a afectar a qualidade das águas da praia...

Pereira de Almeida

B R E V E S

Técnicos de telecomunicações novamente requisitados

A direcção do Sindicato dos Técnicos de Segurança Aérea (Sitecsa) encontrava-se reunida ao princípio da tarde para estudar a resposta dos técnicos de telecomunicações aeronáuticas da ANA à sua requisição civil decretada esta manhã peloConselho de Ministros. Segundo afirmou ao DL Rogério Ferreira, da direcção sindical, duas possibilidades se colocam: ou acatar a requisição e levar a questão aos tribunais (tal como fizeram em Junho, quando foram alvo de idêntica medida) ou não acatarem a requisição. Para já, recomendaram calma aos seus associados. Os ministérios dos Transportes e do Emprego, dando seguimento à resolução do Conselho de Ministros (extra-agenda), publicaram já uma portaria em conjunta, requisitando por 90 dias aqueles técnicos, que se encontravam em greve até ao dia 21, por motivos salariais.

Incêndios controlados em Coimbra e Guarda

Dois incêndios de «fracas proporções» deflagraram esta manhã em Forcalhos Soito e Fonte Santa, em Figueira de Castelo Rodrigo, disse hoje ao DL uma fonte dos Bombeiros Voluntários da Guarda, acrescentando que «o sinistro será facilmente controlável». A restante situação do País é de acalmia, os incêndios que lavravam ontem nos distritos da Guarda e Coimbra já foram extintos, segundo os bombeiros. Entretanto, em Lamego, a GNR deteve quatro presumíveis incendiários, na passada terça-feira, que actuavam na zona, disse uma fonte desta corporação. Três arguidos viram as suas prisões confirmadas pelo juiz e o quarto foi posto em liberdade até realização do julgamento, por ser menor.

Taveira nega implicação em «lavagem» de dinheiro

O arquitecto Tomás Taveira nega qualquer envolvimento no processo de «lavagem» de dinhero da droga, de que foi acusado pelo traficante «arrependido« espanhol Ricardo Portabales. O arquitecto afirmou desconhecer mesmo a existência do processo, acrescentando: «estou a ouvir nomes de que nunca ouvi falar na minha vida», ao ser confrontado com as declarações daquele indivíduo e com a identificação de outros envolvidos no caso. «Vou processar toda a gente que falou no meu nome», disse ainda o arquitecto, que adiantou ter tido conhecimento do processo através da Agência Lusa. Afirmando tratar-de de mais uma notícia para o destruir, Taveira desabafou: «eu nunca roubei, eu nunca matei, nunca fiz contrabando».

Instituído o Dia Nacional da Desburocratização

O Dia Nacional da Desburocratização é instituído através duma resolução do Conselho de Ministros hoje publicada no Diário da República. A data coincidirá com a última quinta-feira do mês de Outubro de cada ano.

Mea Culpa

Por lapso, o DL atribuiu, na reportagem publicada terça-feira passada sobre Susana Feitor, campeã mundial de marcha, o nome de Eduardo Agostinho, ao predidente da Câmara de Rio Maior. Na vervade, o edil chama-se Silvino Manuel Sequeira. Pelo facto aqui fica o nosso pedido de desculpas aos visados e aos nossos leitores.

Guardas florestais sem garantias

A Federação da Função Pública, que representa os guardas florestais que ontem estiveram em greve, não tinha recebido, ao fim desta manhã, a confirmação de que as verbas para o pagamento dos rectroactivos devidos àqueles funcionários tinham sido desbloqueadas, como foi anunciado pelo Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação (MAPA). Humberto Costa, da Federação, disse ao DL que também o sub-director da Direcção-Geral das Florestas, contactado hoje, não tinha conhecimento dessa decisão e no MAPA não se encontravam nem o ministro nem o secretário de Estado para confirmarem a notícia.

Lisboa tem normas para travar caos

O Plano Estratégico de Lisboa e o Plano Director Municipal foram aprovados no que respeita à respectiva proposta de objectivos, bases, metodologia e calendários de elaboração, em reunião extraordinária da vereação realizada terça-feira.

A proposta foi aprovada por unanimidade em todos os vectores, à excepção da calendarização, que teve a abstenção do PSD, representado pelo vereador Marcelo Rebelo de Sousa.

Na reunião foi ainda analisada a questão da interpretação e integração de dúvidas e lacunas do Regulamento do Plano Geral de Urbanização de Lisboa. Este documento dirá claramente «o que se pode construir, como e onde». O presidente da Câmara, Jorge Sampaio, é de opinião que o sistema de planeamento que vigorava favoreceu um processo descontrolado de densificação e tercearização os quais, aliados à ausência de investimentos, criaram graves estrangulamentos no funcionamento da cidade e degaradaram o quadro de vida dos lisboetas.

O referido documento contém um conjunto de regras que interpretam e clarificam o desactualizado Plano Geral de Urbanização elaborado entre 1963 e 1967 e aprovado em 1977. Irá vigorar nos próximos dois anos e meio, até estar completo um novo plano director que será elaborado por fases através de planos de pormenor concebidos em obediência à filosofia global do Plano Estratégico. De acordo com o documento, Lisboa ficará dividida em três zonas (antiga, consolidada e de expansão), cada uma com um tratamento específico, baseado nas antigas regras, mas desta vez mais claras e completas.

DIÁRIO DE LISBOA, SA

Artigo 7.º, n.º 12, do Decreto-Lei n.º 85-C/75 de 26 de Fevereiro: capital social composto por cinco mil acções de mil escudos cada, pertencentes a Publicações Projornal, Lda., António Brás Monteiro, António Augusto Marques Gomes da Costa, Maria do Rosário Pinto Ruella Ramos de Assis Pacheco, Maria do Carmo Pinto de Ruella Ramos, João Manuel Pinto de Ruella Ramos e António Pedro Pinto de Ruella Ramos, que detêm, respectivamente, quinhentas, novecentas, duzentas e cinquenta, oitocentas e trinta e oito, oitocentas e trinta e oito, oitocentas e trinta e sete e oitocentas e trinta e sete acções.

QUOTIDIANO

O controlo dos nascimentos no Terceiro Mundo constitui um trunfo importante dos defensores da pílula abortiva

Em França, os resultados mostraram-se positivos em dezenas de milhares de casos. O fabricante aguarda o parecer da Organização Mundial de Saúde

Pílula abortiva tem futuro incerto

A pílula abortiva francesa provou já ser um meio seguro e eficiente de pôr fim ao início da gravidez mas, por causas que pouco têm a ver com a medicina, continua a ter um futuro incerto fora desse país.

Conhecida por RU-486, esta pílula tem sido combatida pelo poderoso *lobby* anti-aborto dos Estados Unidos e ainda não foi aprovada pela Organização Mundial de Saúde.

Até agora foi utilizada com 96 por cento de resultados positivos por mais de 55 mil mulheres, a grande maioria das quais em França, revelou a farmacêutica Catherine Euvrard, porta-voz da companhia Roussel-Uclaf, que fabrica a pílula.

Os especialistas dizem que a RU-486, que deve ser usada durante as primeiras sete semanas de gravidez, poderá reduzir um grande número de abortos ilegais, bem como complicações pós-operatórias.

Conhecido como Mifepristone e comercializado como Mifegyne, o fármaco foi aprovado em França, em 1988, mas terá de esperar, pelo menos, mais um ano até poder ser exportada para a Inglaterra e alguns países do norte da Europa.

A pílula, que é ministrada com injecções de prostaglandina, destinada a provocar contracções no útero e a reduzir os riscos de hemorragia, impede a fixação neste órgão dos óvulos fertilizados, provocando o aborto.

Subsídio da Segurança Social

Em França, os abortos por meio da RU-486 custam 750 francos (cerca de 19 mil escudos), sendo suportados em 80 por cento pela Segurança Social.

A RU-486 tem um efeito tóxico sobre um bebé em desenvolvimento. Se funciona, mata o bebé, diz o dirigente antiaborto norte-americano Jonh Willke, que preside igualmente à Federação Internacional do Direito à Vida, sediada na Suíça.

A aprovação pelo Organização Mundial de Saúde é vital para a aceitação do medicamento nos países do Terceiro Mundo, pelo papel que teria esta organização das Nações Unidas na distribuição da pílula e acompanhamento médico.

A Organização Mundial de Saúde fez já notar, cautelosamente, que a RU-486 parece ser um meio seguro e eficaz de interromper o início da gravidez e tem uma potencial eficácia no tratamento da endometriose e do cancro da mama.

Para a OMS esta é uma matéria delicada visto que, disse um seu porta-voz, quer seja aprovada ou não a RU-486, a Organização será sempre criticada.

Um assessor da empresa francesa, que investigou e fabrica o fármaco, acusou a OMS de não aprovar a RU-486 por recear um corte nos financiamentos norte-americanos, que representam um quarto do orçamento da organização.

Forte pressão dos Estados Unidos

Nos últimos cinco anos os Estados Unidos retiraram cem milhões de dólares ao Fundo das Nações Unidas para a População em protesto contra os abortos forçados na China.

Segundo um porta-voz da OMS, esta está a estudar o fármaco em todos os pormenores, antes de decidir pela sua recomendação.

Um dos maiores obstáculos à venda da RU-486 nos Estados Unidos é a ameaça feita por grupos antiaborto de boicotar os produtos Hoechst AG, empresa alemã associada à Roussel-Uclaf.

Os grupos antiaborto ameaçam, nomeadamente, boicotar todas as companhias que vendam a RU-486 e todas as empresas subsidiárias da Hoechst e da Roussel-Uclaf.

Por outro lado, os grupos a favor do aborto voluntário ameaçam a empresa de boicote no caso de o medicamento não ser posto à venda nos Estados Unidos pelo que, em qualquer circunstância, a Roussel-Uclaf está numa posição difícil.

O laboratório, que ainda este mês se viu confrontado com uma campanha hostil da Associação Francesa da Famílias Católicas, prevê que a aceitação geral da pílula só venha a acontecer dentro de 15 anos.

O controlo do superpovoamento será um grande problema no futuro disse, a propósito, um porta-voz da empresa, prevendo que o controlo dos nascimentos assumirá uma importância prioritária.

AGITURISMO

Agência de Viagens e Turismo, S.A.

SEMPRE MAIS LONGE

APOSTAMOS NA QUALIDADE
PARA UM SERVIÇO EFICIENTE

VIAJE CONNOSCO
CONTACTE-NOS

FÉRIAS EXÓTICAS

GRÉCIA — 22 a 29/08
Atenas e Mini-Cruzeiro das Ilhas Gregas
TAILÂNDIA — 17/08 a 31/08
visitando: Bangkok, Chiang Mai e Phuket
TAILÂNDIA / HONG KONG E MACAU — 03/08 a 15/08
visitando Bangkok, Hong Kong e Macau
BULGÁRIA E GRÉCIA — 08/08 a 22/08, 15/08 a 29/08 e 05/09 a 19/09
Atenas e Mini-Cruzeiro das Ilhas Gregas e Circuito na Bulgária
BULGÁRIA E TURQUIA — 01/08 a 15/08 e 12/09 a 26/09
Circuitos na Bulgária e na Turquia
SRI LANKA E MALVINAS — 12/09 a 26/09
visitando: Colombo, Kandi, Hambentola, e estadia nas Malvinas
ÍNDIA E NEPAL — 07/09 a 24/09
visitando: Delhi, Jaipur, Agra, Khajuraho, Benares e Katmandu
MÉXICO — 10/09 a 28/09
visitando: México, Oaxaca, S. Cristobal, Vila Hermosa, Mérida, Cancun e Moscovo
CHINA — 10/09 a 26/09
visitando: Pequim, Xian, Guillin, Cantão, Hong Kong e Bangkok
EGIPTO — Cruzeiro do Nilo — 22/09 a 30/09
visitando: Cairo, Assuão, Cruzeiro no Nilo

AGITURISMO
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, SA
Rua da Glória, 43 — 1200 LISBOA — Telefs.: 37 31 10/1 - 346 59 52/3 - 346 72 02 — Telex: 16999

Administrador da Sado Internacional contesta acusações

O presidente do conselho de administração da Sado Internacional, Jean Paul Gerber, afirma, em mensagem dirigida ao «DL», a propósito de uma notícia por nós publicada sobre a difícil situação daquela enpresa, que se «encontra no terreno», realizando «um mínimo de dez encontros semanais importantes» e que espera «obter um resultado concreto nas próximas semanas».

A Sado Internacional reabriu as suas portas em Março, na sequência de um período de encerramento que se prolongou por nove meses, sob a responsabilidades daquele empresário francês. Em Julho voltou a fechar.

Na notícia publicada na nossa edição de quinta-feira da semana passada, um dirigente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Distrito de Setúbal afirmava que «os trabalhadores continuam sem receber e não acreditam que a empresa reabra». O presidente daquela unidade industrial disse ao «DL» que tem realizado contactos a nível de «ministro, governador, secretário de Estado director geral de banco, etc.».

A distrital do PS acusou, por seu turno, Jean Paul Gerber, de «quando se aproximou o pagamento da primeira prestação do financiamento, afirmou desconhecer as dívidas da empresa».

Na sua carta ao «DL», o visado esclarece que o reembolso do empréstimo que lhe foi concedido pelos bancos Fonsecas & Burnay e Pinto & Sotto Mayor «é de 200 milhões de escudos e a primeira prestação é a 31 de Outubro».

O presidente da Sado Internacional sustenta que, em conferência de imprensa realizada no início de Junho, afirmara que «se em 10 de Junho não se desse uma entrada de dinheiro por parte dos bancos, ver-me-ia na obrigação de fechar a fábrica». Acrescenta: «Nessa data, de 10 de Junho, eu tinha ainda os meios para pagar ao pessoal.»

Argumenta que os responsáveis dos dois bancos o haviam informado «que 25 milhões de escudos seriam desbloqueados por cada um dos bancos antes do fim do mês de Junho de 1990 e nos autorizavam um fundo a descoberto». Em 24 de Julho, numa reunião realizada no Banco Fonsecas & Burnay, com responsáveis deste estabelecimento, disse-lhes: «Os números que me deram eram falsos e vericou-se serem cinco vezes superiores» e caso «lhes movesse um processo para vos fazer pagar o complemento, tenho a certeza que ganharia».

Concluindo, Jean Paul Gerber afirma ao «DL» que «os bancos sabiam que eu não poderia aguentar-me mais do que três meses, serviram-se de mim para se desembaraçarem, sem encargos, das dívidas que eles tinham feito com os trabalhadores e os fornecedores». Nessa perspectiva, «em 31 de Outubro, data da primeira prestação do empréstimo, e não sendo este pagamento efectuado, os bancos recuperam 80 por cento das acções que eu lhes tinha comprado e pago, como está estipulado no contrato» — alega.

QUOTIDIANO

«O Primeiro de Janeiro»: Sindicato propõe plenário

O Sindicato dos Jornalistas propôs a realização de um plenário de redacção em «O Primeiro de Janeiro» para analisar as dificuldades que o matutino portuense atravessa, disse ao DL uma fonte do jornal. Trata-se da primeira reunião daquele género que se realizará desde que estalou a crise financeira.

«O Primeiro de Janeiro» não se publicou hoje devido à mudança de instalações -- o edifício da Rua de Santa Catarina foi vendido ao grupo Sonae -- estando agora a funcionar na Rua Coelho Neto.

A mudança foi também a razão dada pelo Conselho de Administração para o facto de ter prorrogado até ao dia 27 a dispensa de trabalho aos 12 jornalistas que pretende despedir.

Segundo a nossa fonte, os jornalistas convidados a rescindir os contratos contra o pagamento de apenas 30 por cento das indemnizações a que têm direito «formaram um grupo e estão a tratar dos seus interesses. Aceitaram ir para casa, porque a administração lhes garantiu que não perdiam qualquer regalia ou direito por isso».

Os jornalistas de «O Primeiro de Janeiro» receberam o vencimento de Julho em duas parcelas, de 50 por cento cada. No entanto, o Conselho de Administração pretendia pagar aos jornalistas a quem foi proposta a rescisão amigável do contrato apenas 30 por cento do salário daquele mês, o que levou o Conselho de Redacção a tomar posição. «Os jornalistas visados acabaram por receber o ordenado por inteiro», disse a nossa fonte, explicando que, se assim não fosse, «para alguns deles, as indemnizações acabavam por ser equivalentes ao resto do salário».

A mesma fonte adiantou que até ao momento «não há qualquer compromisso da administração de pagar as indemnizações completas». Segundo informações prestadas, «a administração só tem 50 mil contos para pagar as indemnizações aos 120 trabalhadores que pretende despedir, o que é muito pouco. Pensamos que estão a tentar encontrar investidores, para com algum desse dinheiro poderem oferecer indemnizações que os trabalhadores aceitem».

Quanto aos restantes jornalistas, até agora ainda não lhes foi retirado nenhum dos seus direitos e regalias. No entanto, a promessa feita em finais de Julho pelo director do matutino (e também membro da administração), José Manuel Barroso, de que os salarários seriam aumentados em Agosto não foi cumprida, tendo depois sido sugerida «uma data ambígua: o Outono», referiu a nossa fonte.

Recorde-se que o Sindicato dos Jornalistas tinha já tomado posição sobre as cartas individuais de dispensa do serviço entregues a 12 jornalistas de «O Primeiro de Janeiro», considerando-as uma «atitude retaliatória» da administração da empresa.

Em comunicado, o Sindicato acusou a administração do jornal portuense de tomar aquela medida devido à recusa dos 12 jornalistas em rescindir os seus contratos de trabalho contra o pagamento de apenas 30 por cento da indmnização prevista na lei. «A administração de 'O Primeiro de Janeiro' quer despedir trabalhadores e propõe a humilhação aos jornalistas», lê-se no texto.

O SJ recorda que «inesperadamente, o velho matutino portuense despiu-se do seu património (para pagar as dívidas, dizem)»: assim, vendeu o prédio da Rua de Santa Catarina e a biblioteca (com mais de 40 mil volumes) à Câmara Municipal da Maia.

«Uma vez mais são os trabalhadores a pagar a crise - criada por sucessivas gestões irresponsáveis - e para a qual em nada contribuiram», afirma o Sindicato dos Jornalistas, acrescentando que o problema não é dos trabalhadores de «O primeiro de Janeiro», mas «de todos os jornalistas conscientes da situação insustentável que está a ameaçar a Comunicação Social em Portugal».

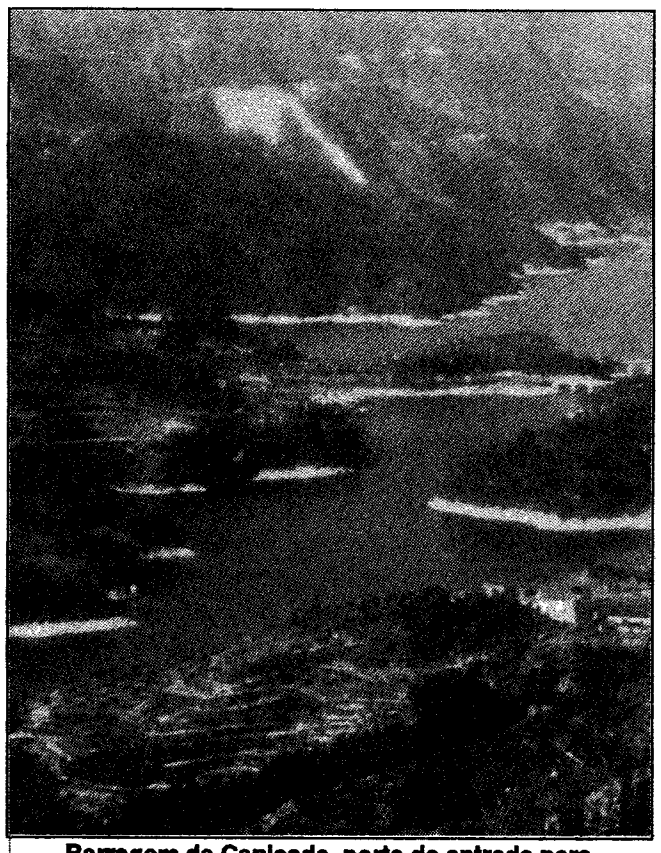
A administração do jornal pretende despedir cerca de 120 trabalhadores da empresa, tendo já anunciado o nome de 12 dos 72 jornalistas que formam a redacção e que pretende despedir.

Ordenamento da Peneda-Gerês concluído até ao fim do ano

A entrada de automóveis nas zonas de reserva natural vai passar a ser paga

Ao mesmo tempo que um novo incêndio lavrava nas vizinhanças do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o ministro Fernando Real revelava que 10 milhões de árvores vão ser plantadas naquele parque durante os próximos 5 anos.

Aquele membro do Governo adiantou que uma das primeiras áreas a rearborizar será, precisamente, a que se encontra a montante da albufeira da Caniçada, onde mais de 500 hectares de floresta foram destruídos pelas chamas em Setembro do ano passado e que, ao longo de quatro dias consumiu 1 800 hectares de arvoredo.



Barragem da Caniçada, porta de entrada para a Peneda-Gerês. Logo a montante da albufeira arderam no ano passado, 500 hectares de floresta

O incêndio foi considerado uma verdadeira catástrofe ecológica e as proporções que atingiu foram atribuídas à descoordenação e falta de capacidade dos meios de combate. De qualquer maneira, o ministro considerou que «a região está ficar apetrechada com os meios necessários para evitar os incêndios», que entende serem um mal dos países mediterrânicos. Nos últimos 20 anos arderam nestes países cerca de 5 milhões de hectares de florestas, dos quais Portugal reservou para si a dramática fatia de 650 mil hectares.

Até ao final deste ano deverá estar aprovado o Plano de Ordenamento do Parque da Peneda-Gerês, o qual prevê um largo conjunto de medidas, nomeadamente o repovoamento florestal como forma de repor o equilíbrio biogenético destruído nos últimos anos. O progressivo depauperamento da fauna e da flora nesta área protegida chegou a ameaçar a designação da Peneda-Gerês como Parque Nacional e Reserva Natural por entidades internacionais ligadas à conservação da Natureza. Nesse sentido, uma delegação do Parque esteve, recentemente, em Londres a avistar-se com elementos da União Internacional de Conservação da Natureza (UICN) na «tentativa de ultrapassar este problema».

«Estamos em negociações, afirmou Fernando Real, com alguns organismos, incluindo a UICN, no sentido de preservarmos esta zona como Parque Nacional.»

Fernando Real diria, ainda, que a polémica abertura da fronteira da Portela do Homem «vai-se manter transitoriamente durante mais algum tempo, muito embora seja importante proteger as zonas biogenéticas e impedir o campismo selvagem através de medidas já em estudo». A abertura dessa fronteira, que faz com que um estrada internacional atravesse zonas de áreas protegidas foi, precisamente, uma das razões que levou à desclassificação internacional do Parque.

Fernando Real fez questão, mesmo assim, de realçar a importância das três zonas do Parque que constituem reservas naturais: duas delas junto à citada fronteira e a terceira próximo de Montalegre para esclarecer que o plano de ordenamento vai definir as várias áreas de reflorestação, protecção e delimitação de zonas.

Parque a pagar

Como tentativa de «desincentivar a entrada de automóveis na reserva natural, pois são grandemente responsáveis pela sua degradação», a partir de segunda-feira quem desejar circular em viatura até às zonas de reserva natural terá que pagar 300 escudos por carros até 5 pessoas, 500 para as viaturas de 5 a 9 lugares e 1000 escudos para as de mais de 9 lugares.

O regime, ainda de carácter experimental, aplica-se apenas à zona de reserva natural, onde se encontra a mata da Albergaria, considerada património europeu, sendo as portagens cobradas nos locais de Leonte, Bouça da Mó e Portela do Homem.

A medida não se aplica aos naturais e residentes no concelho de Terras de Bouro, aos funcionários do Parque ou outras pessoas em serviço, nem aos utentes da fronteira. A velocidade máxima de circulação será de 40 quilómetros por hora.

Viana alarga a área urbana

As freguesias de Darque e Areosa serão integradas na zona urbana de Viana do Castelo, segundo uma proposta aprovada pela Câmara daquela cidade, decisão que terá de ser aprovada na próxima sessão da Assembleia Municipal.

O presidente daquele município, Branco Morais, salientou que o alargamento da área da cidade «vai redimir o passado, na medida em que Viana manteve, até há pouco tempo, os seus limites medievais».

Ao criar o município de Viana, em 1258, Afonso III definiu os limites da sede do concelho e parte significativa da Areosa ficava integrada na cidade. Só mais tarde é que essa área foi reduzida. Enquanto todas as grandes cidades alargaram os seus perímetros, Viana manteve os seus limites medievais até 1938, ano em que foi incluída a freguesia da Meadela.

Na mesma sessão municipal foi aprovada uma outra proposta, também a apresentar à Assembleia Municipal, no sentido de criar uma cintura preventiva em volta dos Paços do Concelho.

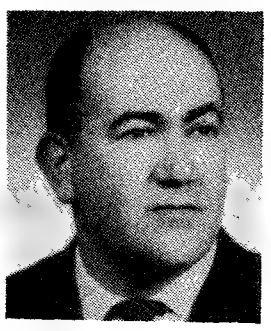
Aquela área está a ser objecto de estudo cuidado, por forma a evitar construções naquele espaço, aguardando-se uma regulamentação para essas mesmas construções.

Resíduos da Madeira a caminho da Holanda

O rebocador soviético «Balkan» levará 12 dias a chegar à Holanda transportando a barcaça «Seacamel» que carrega cerca de 16 mil toneladas de resíduos poluentes, recolhidos no Arquipélago da Madeira, na sequência da maré negra que atingiu sobretudo Porto Santo.

O processo de transfega do crude de uma vala ao ar livre para a barcaça demorou cerca de um mês, tendo sido utilizado um sistema considerado o mais seguro para este tipo de operação.

Em princípio, a barcaça holandesa «Seacamel» vai despejar os ruídos poluentes numa refinaria perto de Amsterdão para que, depois de um tratamento especial, possam ser aproveitados em parte.



ANTÓNIO DA SILVA AGULHEIRO JÚNIOR

No quinto aniversário do seu falecimento, sua mulher, filho e mais família, recordam-no com eterna saudade.

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO

COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

ECONOMIA

O investimento estrangeiro caminha para 600 milhões

No primeiro trimestre foram aplicados em Portugal 115,8 milhões de contos, sendo o Reino Unido e a Espanha os principais investidores

O investimento directo estrangeiro em Portugal mais do que triplicou no primeiro trimestre deste ano face a ogual período de 1989, atingindo 115,8 milhões de contos. Prevê-se que até ao final do ano ascenda a 600 milhões de contos, mais 87 por cento do que em 1989.

O principal aumento verificou-se em Março, altura em que o investimento estrangeiro ascendeu a 55,6 milhões de contos, totalizando, desta forma, mais do que o valor global alcançado no primeiro trimestre do ano passado (47,9 milhões de contos).

De acordo com dados do Instituto do Comércio Externo, o investimento estrangeiro cifrou-se em 16 milhões de contos em Janeiro e em 15,3 milhões em Fevereiro.

As operações sobre imóveis e serviços prestados às empresas, os seguros, os bancos e outras instituições financeiras continuam a ser os sectores que mais atraem os investidores estrangeiros, com 80,8 milhões de contos no primeiro trimestre.

Das verbas canalizadas para a área financeira, aos bancos e outras instituições financeiras couberam 52,5 milhões de contos.

Indústria cativa pouco investimento estrangeiro

As verbas dirigidas para a indústria transformadora cifraram-se apenas em 21,1 milhões de contos (6,9 milhões no primeiro trimestre de 89), representando 18,3 por cento do total do investimento.

Os investimentos na área industrial de produtos metálicos, máquinas, equipamentos e material de transporte ascenderam a 8,8 milhões de contos.

Facto positivo foi a quebra registada do peso das aplicações no sector imobiliário, que passou de 47,8 por cento para 17,5 por cento do total e que está associada a uma descida também em termos absolutos (de 23 milhões para 20 milhões de contos).

Os investidores

O Reino Unido continua a ser o principal investidor estrangeiro em Portugal, com 39 por cento do total do investimento externo, tendo passado de 18 milhões para mais de 45 milhões de contos.

A Espanha surge em segundo lugar, com 24,2 por cento do total, seguida da França (6,5 por cento), Alemanha Federal (5,5 por cento), Brasil (3,4 por cento) e Suíça (2,5 por cento).

A Comunidade Europeia, com 95,8 milhões de contos, detém mais de 82,8 por cento do total do investimento externo em Portugal. Dos países da EFTA vieram pouco mais de 7,4 milhões de contos.

Quanto à qualidade dos investimentos, verifica-se que o montante aplicado em empresas já instaladas quase triplicou no primeiro trimestre deste ano face ao período homólogo de 1989, tendo representado 53,1 por cento do total.

Os aumentos de capitais realizados por empresários estrangeiros em empresas já instaladas em Portugal, cerca de 38,2 milhões de contos, foram responsáveis pelo grande aumento do investimento.

Também aumentou o peso de novas empresas, cujos montantes aplicados mais do que triplicaram, passando de 10,8 milhões de contos para 39,4 milhões.

Em contrapartida, as verbas destinadas à constituição de novas empresas sofreram, no período em análise, uma quebra superior a 42 por cento, passando de 12,6 milhões de contos para sete milhões.

Lusa

B R E V E S

Cortal/Seldex aumenta vendas em Espanha

O grupo Cortal/Seldex bateu o seu recorde de vendas de mobiliário de escritório em Espanha ao facturar, em Julho, 200 mil contos. Estima-se que deverá ser ultrapassada a previsão para vendas em 1990 - mil milhões de pesetas. A Cortal/Seldex possui lojas em Madrid, Sevilha, Barcelona, Bilbnau e Valência, prevendo-se para breve a abertura de uma outra na Galiza. Este grupo ocupa já a terceira posição no mercado ibérico, tendo como objectivo alcançar o segundo lugar.

Hoechst Portuguesa aumenta o capital

A Hoechst Portuguesa aumentou o seu capital social de um 1,3 milhões para cinco milhões de contos). A operação concretizou-se por uma entrada de dinheiro no valor de um milhão e 144.312 contos e por recurso a reservas legais (155.185 contos), reservas de reavaliação do imobilizado corpóreo (357.123 contos) e reservas livres (2,043 milhões de contos).

A Imoleasing consolida liderança do mercado

A Imoleasing diz estar em condições para consolidar no segundo semestre deste ano a liderança do mercado na área imobiliária. A sua afirmação resulta da análise dos resultados dos primeiros seis meses de 1990, período em que as rendas de locação financeira ascenderam a 2,2 milhões de contos e em que foram realizados contratos no valor de 4,4 milhões de contos. Os resultados líquidos cresceram 82,4 por cento, totalizando 515,5 mil contos, mais do que em todo o ano de 1989.

Fonsecas & Burnay tem mais lucro em Nova York

Os lucros da dependência do Banco Fonsecas & Burnay, em Nova York, cresceram em 160 por cento no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado, atingindo um resultado final de 1,3 milhões de dólares.

O Fonseca & Burnay da Wall Street, segundo informação do próprio estabelecimento, vai ultrapassar os dois milhões de dólares até ao final do corrente ano. O activo daquela dependência rondava no final do primeiro semestre deste ano os 690 milhões de dólares, importância ligeiramente inferior à registada três meses antes, 715 milhões, situação que se ficou a dever à maior intervenção nos mercados de capitais e em participações de risco.

O Fonsecas & Burnay de Nova Iorque, que está em actividade desde Janeiro de 1986, tem-se caracterizado por «um marketing agressivo junto da banca norte-americana», possuindo actualmente apenas treze pessoas, o que se traduz num rácio de eficiência de cerca de 58 milhões de dólares *per capita*.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$20	52$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$25	88$45
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$051	4$301
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120$20	122$70
(notas de 5 a 1000)	120$70	123$20
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$385	1$505
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137$75	141$25
(notas de 5 a 1000)	138$25	141$75
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	26$00	26$70
HOLANDA (florim)	77$45	78$55
IRLANDA (libra)	235$25	239$25
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$876	$931
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	260$70	265$20
SUÉCIA (coroa)	23$75	24$25
SUÍÇA (franco)	104$60	106$10
VENEZUELA (bolívar)	2$577	3$377

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Défice da balança comercial continua a agravar-se

No primeiro semestre as importações foram ligeiramente superiores às exportações e o saldo negativo ascendeu a 569,6 milhões de contos

Ascendeu a 569,6 milhões de contos o défice da balança comercial portuguesa nos primeiro semestre deste ano, valor que representa um agravamento de 26,1 por cento em relação a igual período de 1989.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, as exportações tiveram um aumento de 23,2 por cento e as importações de 24,1 por cento.

Portugal vendeu nos primeiros seis meses deste ano mercadorias no valor de um bilião e 174 milhões de contos, contra 970,5 milhões vendidos em igual período de 1989.

As compras ao estrangeiro cifraram-se em um bilião e 743 milhões de contos, contra um bilião e 477 milhões no primeiro semestre de 1989.

O conjunto da Comunidade Europeia continuou a ser o principal abastecedor de Portugal, tendo mesmo aumentado no primeiro semestre a sua posição no total das importações (mais 29,1 por cento, com um total de um bilião e 210 mil contos).

Dos países da OCDE Portugal importou mercadorias no valor de um bilião e 466 mil contos, o que também representa um aumento (de 26,2 por cento) relativamente ao primeiro semestre de 89.

A única taxa de variação negativa verificou-se com as importações provenientes do Japão, que registaram uma quebra de 6,6 por cento, passando de 44 milhões de contos no primeiro semestre de 89 para 41,1 milhões no deste ano.

Também no que respeita às exportações a CEE continua a ser o melhor mercado para os produtos portugueses, com 74 por cento das aquisições. Mas foi para o Japão que se verificou o maior aumento das exportações (cerca de 50 por cento), com 13,4 milhões de contos de mercadorias.

CULTURA

olhar de mocho

Vilar de Perdizes

O subtítulo do documentário «Trás-os-Montes» que o Canal 2 passou na noite de terça-feira, poderia muito bem chamar-se, «Viva a miséria», ou «Aspectos estéticos da mais rastejante pobreza». Já estamos fartos de saber que existem sítios em Portugal onde as casas se constroem com blocos de granito içados à corda como os faraós faziam no antigo Egipto com os escravos. Sítios onde o pão é amassado à mão como na Idade Média. Sítios onde as terras rijas são lavradas como na era do bronze, e onde as pessoas não sabem ler e em eleições confundem o PPD com o Partido Comunista. Não se entende bem o interesse estético, a utilidade cinematográfica, o valor de espectáculo televisivo em repescar essa face incómoda da nossa realidade. Vem um obscuro cineasta francês fixa-se em Vilar de Perdizes desata a consumir rolos de fita com imagens da nossa miséria mais miserável, faz um filme e convida-nos a descobrir a estética do subdesenvolvimento. Projectos deste género só podem ser avaliados sob a lupa daquela exploração de que falou o Marx em que uns enriquecem à custa da miséria dos outros. Não se notam sinais de que o voyeurismo da miséria anuncie uma tradição ou sirva para desencadear um processo de politização das massas. Pelo contrário, tudo é feito para consumo directo: a miséria é focada para ser sentida como valor estético, uma espécie de folclore que diverte os neuróticos da cidade à busca de alternativas para passar férias fora da poluição urbana.

Depois temos, inevitavelmente, o motivo dos burrinhos e das carroças modelo Afonso Henriques ou dona Urraca, uma presença constante do documentário. Há décadas, ainda no tempo do Salazar, um livro francês causou as iras dos colunistas portugueses por falar tão exuberantemente dos burros que se viam em Portugal. Mais recentemente foi o diário espanhol «El Pais» a retomar o tema dos burros, símbolo do subdesenvolvimento da faixa ocidental da Península. No documentário «Terras de Abril», igual metodologia foi seguida: tantos burrinhos e tão bem educados que eles eram - dóceis, submissos, sem pressas, a marcarem no seu comportamento o ritmo de vida do 12.º membro da CEE. Até parece que os estrangeiros estão autorizados a decretar que o burro passe a fazer parte da simbologia portuguesa: ao lado da água germânica e do leão britânico, o burro, na sua forma pura, será português, como o mar sem fim de que falou o Pessoa. A culpa não será exclusivamente nossa, mas por outro lado, no cartório das culpas estão arquivadas tantas burricas nacionais que não poderemos levar a mal que estrangeiros se sintam atraídos por aspectos asinários da nossa vida social. Resta saber, e esta parece ser a questão de fundo, se o documentário, «Terra de Abril» foca apenas Vilar de Perdizes e Trás-os-Montes, região isolada do todo nacional, ou se, aplicando a velha lógica latina do *pars pro totum* - a parte significa a totalidade -, teremos, afinal, um retrato de corpo inteiro do território português. Não está provado que a distância que separa Vilar de Perdizes de Lisboa não coincida com a que medeia entre Lisboa e Londres. Por outras palavras, para enaltecer esteticamente a miséria e o atraso, tanto dá filmar Vilar de Perdizes como Lisboa e arredores. As perdizes são as mesmas - alfacinhas no Sul e castiças no Nordeste.

Jose Sousa Monteiro

Festival dos Capuchos

Maria João Pires, inesquecível

Numa atitude que parece criar já tradição no âmbito do Festival dos Capuchos, José Adelino Tacanho, o dinâmico orientador e director do certame, convidou este ano Maria João Pires a organizar, com os seus amigos, um concerto-convívio, digamos assim. Por outras palavras: à grande pianista deu-se «carta branca» para idear o programa de um serão musical que, de certo modo, se desenrolaria tendo-a a ela como fulcro inspirador. Uma maneira, pois, de se prestar homenagem — mas num plano criativo — a uma personalidade e intérprete de excepcional envergadura.

Claro que tal iniciativa traduz o reconhecimento explícito de um caso artístico fora de série. O que, bem vistas as coisas, acaba por ser bastante positivo, pois deixa transparecer um sentido da hierarquia dos valores, num meio em que, por vezes, reina alguma confusão neste capítulo...

Torna-se evidente que, para o êxito de semelhante concerto-convívio, seria necessário congregar comparsas de eleição. E foi o que aconteceu. Todos os intervenientes são, individualmente, instrumentistas e intérpretes de grande classe e «curriculum» invejável. Além de excelentes praticantes desse género estimulante mas também exigente que é a música de câmara.

Maria João, conforme se sabe, tem-no cultivado ultimamente com felicidade extrema, revelando atributos verdadeirmente preciosos nesse domínio. E aproveitou o ensejo para um «serão» dispensador de vivências musicais da melhor água.

O programa inicialmente previsto compreendia apenas obras de Schubert. E constituia, sem dúvida, uma escolha adequada. O autor de *Viagem de Inverno* e do *Quarteto «A Morte e a Donzela»* assinou algumas das mais admiráveis páginas da música de câmara de sempre. E no número das obras em programa figurava um dos expoentes do género: o *Quinteto op. 114 («A Truta»)*.

Por outro lado, Maria João Pires é, incontestavelmente, uma das grandes intérpretes schubertianas da actualidade. A prova aí está na memória de alguns dos seus mais recentes recitais e diversos discos em circulação. As versões que nos proporciona dos *Improvisos* ou das *Sonatas* recomenda-se por um lirismo envolvente e de cunho muito pessoal, que ora assume um sentimento interiorizado e sonhador, ora se reveste de uma veemência expressiva que não recusa acentos de profundo dramatismo.

O programa sofreu, porém, alteração e, embora permanecendo maioritariamente schubertiano, passou a acolher outros climas: de Mozart e Fauré.

Maria João Pires

Mas começou ainda por Schubert. E com uma nota invulgar: a famosa *Sonata em lá menor*, concebida primitivamente tendo em vista o «arpeggione» (instrumento de vida efémera) e que costuma ouvir-se na transcrição consagrada para violoncelo e piano, foi tocada desta vez numa versão que contempla a viola de arco. E que admiravelmente soou, graças à arte consumada do francês Gerard Caussé (um dos grandes violoncelistas do momento) e ao seu magnífico instrumento (um Gasparo de Salo de 1560).

O melodismo cativante e as pequenas-grandes subtilezas de um discurso correntio mas não isento de requinte chegaram até nós com encantadora naturalidade e uma sonoridade linda, ampla.

Maria João, que não mais abandonaria o banco do piano ao longo do concerto, foi logo nesta primeira intervenção uma colaboradora invulgar, pelo relevo que conferiu ao discurso em mil pormenores de fraseado, de colorido, de jogo de intensidades, que só uma musicalidade nata pode ditar. E assim se conservou em todas as obras, com uma maleabilidade estilística digna de registo.

Na bem conhecida e calorosa *Elegia* de Fauré evidenciou tal predicado. Soube corresponder ao teor dessa música ao mesmo tempo dadivosa e elegante, conjugando-se na perfeição como o violoncelista Gary Hoffman, outra notabilidade de primeira ordem, que toca num Amati de 1662 e que os frequentadores dos concertos Gulbenkian puderam aplaudir no ano transacto: som cheio, ricamente timbrado, persuasivo lançamento de frase, tenuto exemplar. E como resultou contraste a secção intermediária dessa página atraente!

O também já nosso conhecido violinista Augustin Dumay, um dos mais categorizados nomes da arte violinística contemporânea e que tão grande êxito alcançara num recital, precisamente com Maria João Pires, no Palácio de Queluz (integrado no recente Festival de Sintra), surgiu numa das menos divulgadas Sonatas de Mozart — *K. 379, em sol maior*. Pureza de estilo, seriedade, assim como finura e encanto no traçar de cada uma das variações com que a obra finaliza! Também Dumay tocou num instrumento privilegiado: um Stradivárius de 1721 (que pertencera a Frtiz Kreisler) e teve uma «partennaire» de eleição.

Como se depreende, a 1.ª parte do concerto trouxe-nos vivências musicais de alto quilate, e diversificadas, numa parada de intérpretes de superior craveira. A 2.ª parte, porém, reservou-nos daquelas experiências reconfortantes que *marcam* e ficam, porventura, como referência para uma vida. Reporto-me à interpretação verdadeiramente paradigmática e de uma riqueza emotiva dificilmente repetitível, dessa obra-prima absoluta que é o *Quinteto em lá menor* de Schubert (conhecido por «A Truta», em razão de um tema utilizado e que foi extraído do «lied» assim designado do mesmo autor). Aos quatro intérpretes que actuaram na 1.ª parte veio reunir-se Alejandro Erlich-Oliva, o primoroso contrabaixista bem familiar do público português, pois que há muito se encontra fixado entre nós e integra o conjunto «Opus Ensemble».

Foi uma versão inspirada — é o termo — plena de voltagem, de élan, e sem descurar ao mesmo tempo o detalhe, a valorização de uma inflexão, de um requinte de colorido. E que impressionante fidelidade ao espírito, ao clima schubertiano!

Há ocasiões — raras talvez — em que tudo se conjuga para uma «performance» colectiva deste quilate. Inesquecível! A de agora, na simpática Sala do Convento dos Capuchos, foi uma dessas raras. E o público sentiu-o. Já nada mais importa acrescentar!

Nuno Barreiros

BREVES

Actores do ABC transferidos para o Capitólio

A Companhia de Actores do Teatro ABC aceitou ser transferida para o Capitólio onde, após obras de beneficiação, voltará à cena a peça «Ai, Cavaquinho», há um ano em exibição no Parque Mayer. Esta solução foi preferida pela Companhia do Teatro ABC, na sequência de acordo obtido terça-feira entre Pedro Santana Lopes e os empresàrios Carlos Santos e Vasco Morgado. O Secretário de Estado da Cultura referiu que, face à total destruição do Teatro, seria necessário reflectir se valeria a pena reconstruí-lo segundo a traça original ou avançar para a construção dum espaço mais amplo.

Fábio Villa Verde em Portugal

O actor brasileiro Fábio Villa Verde (o Tiago da telenovela «Vale Tudo») está em Portugal. Amanhã e depois, o actor estará no Rossio, para sessões de autógrafos e para acompanhar a banda de Kakà Brasil. Fábio Villa Verde que já esteve no Porto, deslocar-se-à ainda a Évora, para animar festas em boîtes.

Sob um sol tórrido, envoltos em pó e ensurdecidos pelo concerto dos martelos pneumáticos, catorze escultores de diferentes nacionalidades levam por diante, nas Caldas da Rainha, o 3º Simpósio Internacional de Escultura em Pedra

O corpo da pedra

Valter Vinagre

Atelier do 3º Simp

Valter Vinagre

A mobilidade d

Valter Vinagre

António Vidigal

Quando António Vidigal visitou pela primeira vez um simpósio de escultura, na Áustria, passou a dedicar toda a sua atenção para encontrar as condições que permitissem uma realização idêntica em Portugal.

No entanto, a inquestionável qualidade da pedra portuguesa e dos seus escultores não conseguiriam vencer as barreiras que nos anos 60 sufocavam a sociedade portuguesa e, sobremaneira, o ensino artístico.

Com a fundação do Atelier-Museu Municipal António Duarte, nas Caldas da Rainha, viria a encontrar as condições que lhe permitiram interessar, além de outros escultores, a própria autarquia e as instituições para a realização, em 1986, do primeiro simpósio de escultura em pedra, projectando-se no futuro com periodicidade bienal.

Os resultados obtidos com as edições de 1986 e 88, obrigaram a edilidade local e os escultores António Vidigal e Luís de Matos, à criação do SIMPPETRA'90, organismo a quem compete, no âmbito das actividades culturais ligadas ao Atelier Museu António Duarte, a organização e coordenação dos Simpósios de Escultura em Pedra, que contam com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, embaixadas dos países representados, Inatel e Região de Turismo do Oeste.

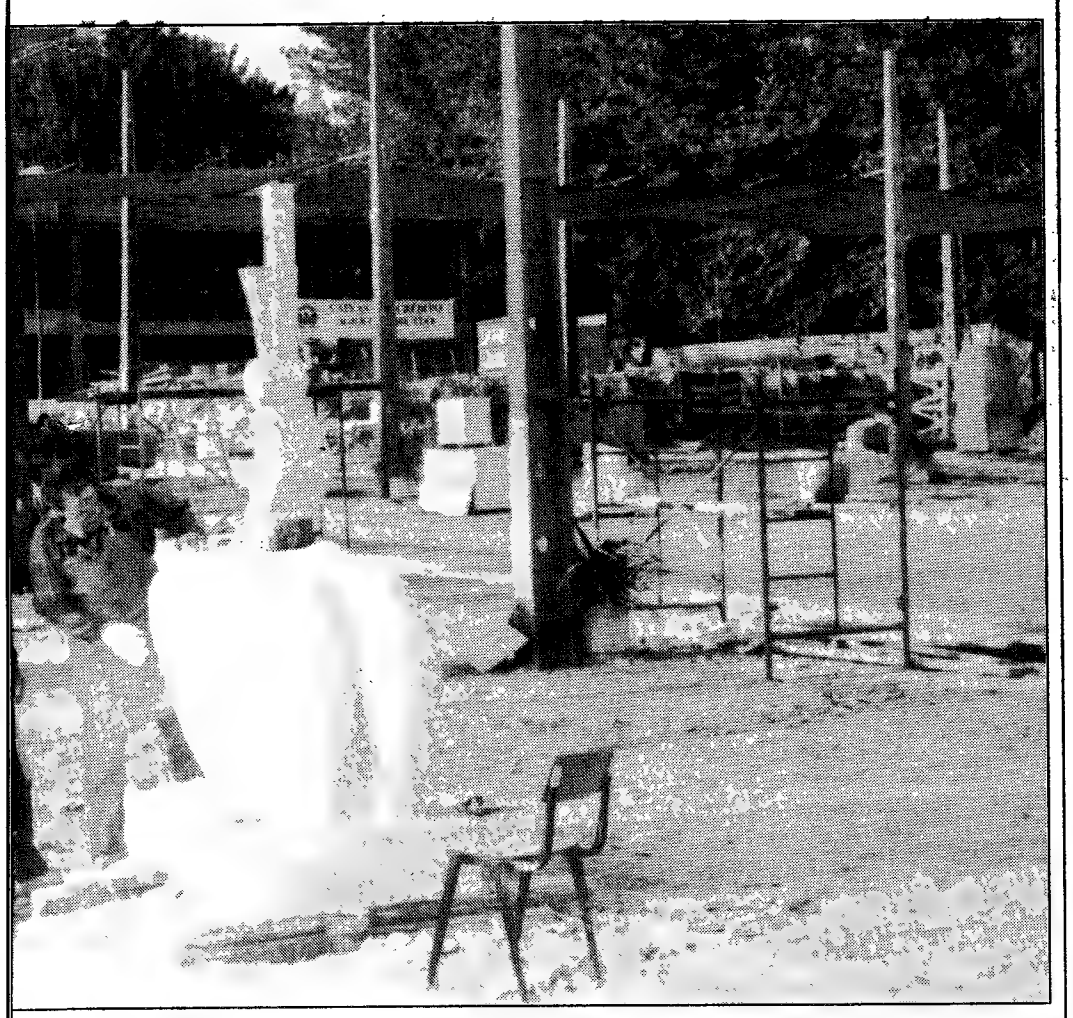
Por mais superficial e menos especializada que a visita seja, ninguém poderá ficar indiferente à panóplia tecnológica e instrumental que constituem a parte visível das estruturas montadas em campo aberto para que os participantes possam descobrir «a escultura que está escondida dentro de cada bloco de pedra».

Ainda antes da garantia de que havia escultores interessados em desenvolverem projectos, foi preciso conquistar o interesse dos industriais da pedra que a têm cedido gratuitamente. E não é tão pouca como isso, se tivermos em conta que houve a necessidade de limitar a seis toneladas por bloco disponível para cada escultor.

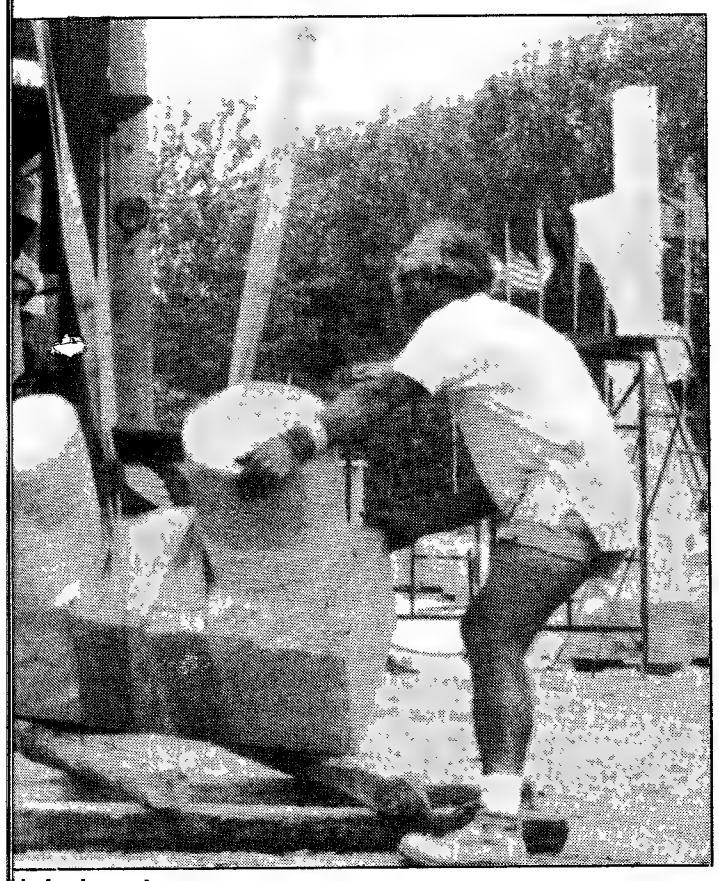
Mas a complexidade de que se reveste uma realização que não se limita «apenas a ser um local de encontro e de trabalho, procurando reflectir também a actividade cultural desenvolvida na região das Caldas da Rainha», ainda segundo António Vidigal, «só é significativa quando se faz o primeiro, porque não há experiência. A partir daí, a coisa vai afinando».

No entanto, pesam também na organização destes Simpósios Internacionais de

A.M.A.
Auto Monumental de Arecire S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



3º Simpósio Internacional de Escultura em Pedra



dade da pedra

de Escultura em Pedra, a experiência colhida nos anteriormente realizados em Évora e no Porto, pela mão (ou o escopro) do AR.CO.

Num país onde as manifestações culturais juntam todos no mesmo saco ou então estala a polémica, tendo a consciência de que, mesmo em regime bienal, forçosamente se veriam obrigados a repetir presenças, os organizadores optaram pela participação por convites. A nível internacional, significativamente mais numerosa que a portuguesa, fazem-se através de contactos com escolas ou embaixadas.

E António Vidigal explica porquê: «Se nós previlegiássemos em quantidade os escultores portugueses, das duas uma: ou se acabavam as possibilidades de escolha ou teríamos de voltar aos mesmos nomes. Tem havido a intenção de convidar poucos para podermos recorrer a novos nomes e também aos novos escultores que se vão afirmando. Mas estamos sempre a ser pressionados para vir mais gente. Há dois anos, em vez de dois acabaram por vir quatro. Este ano tinhamos decidido que só viriam dois, e acabaram por vir três».

Além dos organizadores, que também se entregam de escopro e alma a desbastar pedra, João Antero, Larajeira Santos e Óscar Guimarães, juntamente com os norte-americanos Albert Robinson, Allan Farr e Gordin Bennett, os alemães Beuchel Stefan, Martin Petz e Ursula Schön, a inglesa Anne Beatrice Nicholson e o holandês Jan Vermaat, são os escultores que este ano trocam experiências no 3º Simpósio Internacional de Escultura em Pedra das Caldas da Rainha.

Embora as anteriores edições não tenham obedecido a um tema, a necessidade que, um pouco por toda a parte se manifesta, de comemorar os Descobrimentos Portugueses assentou que nem uma luva aos organizadores. «Foi uma experiência. Quisemos saber como resultaria sujeitá-los a uma temática». No entanto, António Vidigal pensa que, «se em alguns casos poderá resultar melhor ou pior, em termos de resultados, é indiferente que o simpósio obedeça a um tema».

A olaria constitui hoje um dos *ex-libris* da cidade. A simples alusão ao nome Caldas da Rainha, quando não suscita sorrisos maliciosos, não deixa de ter em conta a acção dessa não menos bem disposta personalidade que foi Raphael Bordallo Pinheiro. Por outro lado, ou porque nasceram na região ou a escolheram para residir, regista-se um número significativo de escultores. Não está explicado se o parque monumental (Alcobaça e Batalha, e só para falarmos destes) e a acessibilidade às pedreiras de Moleanos e Porto de Mós, não terão contribuído para a fixação de canteiros e escultores desde épocas muito remotas.

António Vidigal, se recorda a tradição dos escultores barristas, ainda hoje visível no Mosteiro de Alcobaça, encontra no Atelier Museu António Duarte a justificação para o interesse que a escultura alcançou nas Caldas da Rainha. Interesse crescente com a realização dos Simpósios Internacionais de Escultura em Pedra, de que a Escola Superior de Arte e *Design* são a sua natural consequência.

Jorge Fallorca

Em pedra livre

Registando uma média de doze escultores por edição, as Caldas da Rainha dispõem já de um parque de escultura incomportável pelo espaço destinado a receber os Simpósios Internacionais de Escultura em Pedra.

Maria da Conceição Jardim, vereadora do Pelouro da Cultura, contou-nos muita coisa e revelou-nos que, ultrapassada a indiferença e desconfiança inicial da população, surgem agora pedidos das mais diferentes freguesias do concelho a pedirem que lhes sejam cedidas esculturas para embelezar os seus espaços.

«Muito genericamente, quando convidamos os escultores oferecemos-lhes o alojamento, a estadia e todas as condições para poderem trabalhar a pedra que escolheram. Não há qualquer imposição da nossa parte. A pedra é livre. Este ano vimo-nos obrigados a determinar as seis toneladas por cada bloco, porque há esculturas dos outros simpósios que pesam mais de dez. Como temos a intenção de expôr os trabalhos noutros locais, procurámos minimizar assim as dificuldades de transporte».

«D.L.» - Quem é que organiza os simpósios?

«Toda a responsabilidade é da Câmara, que conta com o apoio dos escultores António Vidigal e Luís de Matos, como comissão organizadora».

«D.L.» - Além de uma participação pontual na FIL, integrada numa feira da especialidade, prevêem mostrar o simpósio noutros locais?

«Antes de instalarmos definitivamente as esculturas gostaríamos de as mostrar nos jardins da Fundação Guilbenkian, que nos tem apoiado grandemente, ou noutros espaços cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa. A Casa de Serralves e outras instituições que dispõem de espaços exteriores, também nos interessam».

«D.L.» - Os escultores fazem as peças para lugares determinados ou não?

«Bem, nalguns casos são feitas para locais escolhidos por eles ou pela Câmara e a comissão organizadora. O que me parece mais interessante, é que inicialmente pensámos instalar as peças apenas na cidade. Hoje, são as próprias freguesias que querem arranjar as suas zonas verdes com esculturas. Pessoas que nos pareciam que não levavam os simpósios muito a sério, que estranhavam que os artistas dispusessem de um mês para virem trabalhar em Portugal, são as mesmas que agora os convidam a visitarem os espaços disponibilizados nas suas freguesias. A outra ideia, apoiada pelos escultores, é a criação de um museu ao ar livre».

«D.L.» - E a cidade dispõe dessas áreas?

«Concerteza. Embora o Parque D. Carlos I pertença ao Ministério Saúde, algumas esculturas já lá estão instaladas. Por outro lado, como a cidade tem vindo a crescer, há a necessidade de criar também mais zonas verdes que serão enriquecidas com o resultado dos simpósios. A nossa intenção é disseminar os parques de escultura pela cidade».

«D.L.» - Parece-me importante falarmos agora do edifício que estão a construir junto ao espaço onde se realiza o simpósio.

«Há já uns três ou quatro anos que a Câmara lançou a ideia de se fazer o Museu João Fragoso, uma vez que, como o escultor António Duarte, também ele decidiu doar as suas obras à cidade. Atendendo à implantação que as artes plásticas, e não só a escultura, têm tido nesta zona da cidade, a Câmara pensou criar *ateliers* que também serão ocupados com os cursos de Verão que vamos promover. No entanto, e face à evolução verificada, criou-se nas Caldas da Rainha a Escola Superior de Arte e *Design*, com cursos de tecnologia e *design* cerâmico, escultura e pintura. Como a comissão instaladora manifestou o interesse de que a escola entrasse em funcionamento já em 1991/92, procurámos acelerar as obras para a receberem, deixando para o próximo ano a criação dos *ateliers* (que passaram a ser oito e não os quatro previstos) e do Museu João Fragoso».

«D.L.» - Como é que se vai processar a atribuição ou distribuição dos *ateliers*?

«Não serão distribuídos a título definitivo, como prevemos fazê-lo mediante a atribuição de terrenos para que os artistas construam os seus próprios *ateliers*. Serão espaços, como a residência integrada no Atelier-Museu António Duarte, equipados para poderem receber bolseiros que tenham necessidade de permanecerem entre nós, ou que, por falta de dimensões ou condições dos seus espaços próprios, recorram a nós para a elaboração de um projecto concreto».

J. F.

Valter Vinagre

«Os artistas que nos apresentem um projecto concreto poderão utilizar os nossos ateliers»

Crítica de teatro

Vicente, em Évora

FÍSICOS E FARELOS (Farsa dos Físicos/Quem tem Farelos), de Gil Vicente. *Encenação:* Fernando Mora Ramos. *Cenografia/Figurinos:* João Vieira. *Música:* Gil Salgueiro Nave. *Interpretação:* Fernando Mora Ramos, Álvaro Corte-Real, Vítor Zambujo, Jorge Baião, Isabel Lopes, Maria João Toscano, *Centro Dramático de Évora*. Estreia: Pátio do INATEL/4-08-1990.

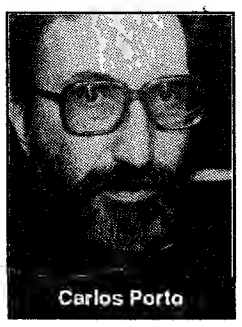
As relações da prática teatral pós-vicentina com a obra daquele que é considerado, mesmo que incorrectamente, fundador do teatro português, espelham os equívocos que, ao longo dos tempos, atravessam essa prática. Porque a consideração histórica que é dada à obra de Vicente não tem correspondência na consideração artística que merece e que só a sua criação em palco permitiria, como uma rápida veloz passagem pela história do teatro português demonstra. São raras, demasiado raras, as representações da obra de Gil Vicente no século XIX e primeira metade do século XX, virados, sobretudo aquele, para o teatro de cordel, para os reportórios romântico, naturalista, cómico-revisteiro. O que se escreve não tem nada de original. Veja-se o que foi escrito por um anónimo na revista «Eco Artístico», de 20-12-1911: «Se nós, em Portugal, vivêssemos uma vida de perfeita consciência da nossa tradição nacional, já de há muito que este público, desnacionalizado e enfeudado às traduções, no dizer de um crítico justo, seria familiar com as obras do extraordinário poeta dramático da nossa Renascença, que se chamou Gil Vicente - *o mestre Gil*. Contudo, até hoje, fizeram-se apenas três representações *integrais* de Gil Vicente, e algumas cenas soltas...»

De facto, se passarmos por cima de coisas como a tentativa de recuperação de Gil Vicente, da responsabilidade de Afonso Lopes Vieira, a que a revista citada se refere, e, bastante mais tarde, pelas escolares e enfastiantes matinées clássicas do Teatro Nacional prova da companhia titular dirigida por Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro não ser capaz de organizar um reportório nacional e portanto de entender o papel do Teatro Nacional, acabaremos por descobrir a obra vicentina através das propostas de Paulo Quintela com o TEUC, já nos anos 40. Isto é acabaremos por descobrir Vicente através do saber universitário nesse aspecto imprescindível para a justa valorização do nosso património teatral. Foi então que teve início a segunda vida dessa obra. Uma vida foi-lhe conferida a partir dos anos 60, por encenadores como Victor Garcia (com o CITAC), Carlos Avilez (com o TEP e o TEC), mais tarde, João Mota (Comuna), Hélder Costa/Maria do Céu Guerra (A Barraca), Mário Barradas (C.C.E. e outros grupos), Castro Guedes (TEAR), Luís Miguel Cintra (Cornucópia), entre outros.

Esta terceira vida tem sido tão intensa que Vicente é provavelmente o mais representado dos dramaturgos poortugueses. Ou seja, ocupa, finalmente, *e graças aos chamados grupos independentes*, o lugar que lhe pertence.

Em semanas recentes, Gil Vicente voltou aos nossos palcos em espectáculos de dois grupos da descentralização, a C.ª de Teatro de Almada, com dois textos («Quem tem Farelos» e «O Velho da Horta»), e agora o C.D.E. igualmente com dois textos, «Quem tem Farelos» e «Farsa dos Físicos». Cada espectáculo vai na sua linha própria, inconfundível, mais sofisticado o de Almada, mais na procura de uma vertente fársica, o de Évora, ambos reflectindo, uma vez mais, a disponibilidade dos textos vicentinos como material aberto cujas violências a que é submetido não desfiguram nem sequer minimizam as suas potencialidades dramáticas (que mantêm uma enorme carga cómica).

«Físicos e Farelos», título do espectáculo do C.D.E. foi colocado num espaço arborizado, bem aproveitado pelo cenário-percurso, de características medievais, muito bem achado por João Vieira, cenário que de resto cerca o público, colocando-o no centro da acção. A encenação de Fernando Mora Ramos apoia-se, justamente, no trabalho dos actores. É através deles, dos seus corpos, que passa o cómico vicentino (veja-se como Isabel Lopes mostra o pé e parte da perna, diabólica tentação da carne), cómico que se abre na farsa espantosamente pré-moliere-sca que é a dos «Físicos». É certo que os anacronismos utilizados por Fernando Mora Ramos têm um ar do já visto, não ultrapassando a categoria de clichés. Por isso mesmo é no trabalho dos actores que o espectáculo adquire a energia que o distingue: Vítor Zambujo, Álvaro Corte-Real, Maria João Toscano, Jorge Baião, Isabel Lopes, além de Fernando Mora Ramos, no papel de rei.


Carlos Porto

Prova cabal da perenidade vicentina, este espectáculo é também um divertimento teatral a não perder.

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária são suprimidos, entre **BENFICA E CACÉM**, entre 13 e 17 de Agosto, os seguintes comboios:

BENFICA-CACÉM

Comboios com partida de Benfica às 10.03h, 11.03h e 11.39h.

CACÉM-BENFICA

Comboios com partida do Cacém às: 9.55h, 10.11h, 10.27h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177 - LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR
FATOS * CAMISAS * CALÇAS *
BLUSÕES * MALHAS * CASACOS,
ETC.
(A partir do próximo dia 13 – 2.ª feira)

CRÓNICA DE TOUROS

Um adeus a Vila Franca

Praça de Touros de Vila Franca de Xira. Domingo, 8 de Julho de 1990. Novilhos de Palha para Mário Coelho, Rui Bento Vasquez e Rui Plácido

Corrida do Colete Encarnado. Com a efeméride do adeus a Vila Franca de Mário Coelho, filho da terra, mano-a-mano com Rui Bento. Peço desculpa de começar esquecendo o sentimento, malhar outra vez no ferro frio. Sei que é repetição de matéria dada, chover no molhado, voltar ao tema dos novilhos que em vez de touros se lidam nas praças portuguesas. Apesar de que desta feita, na Palha Blanco, se evitou ao menos o pecado de servir gato por lebre, houve a atenuante da confissão espontânea, foram mesmo novilhos que se anunciaram, lá estava escrito no cartaz do evento em que Mário Coelho se despedia da praça da sua terra: «6 Palhas 6, com divisa azul e branca, antiguidade 1853, um curro de novilhos-touros, tipo corniapertados e de boa reata, gentilmente oferecidos como reconhecimento pelos 35 anos de tentaderos da centenária ganadaria».

Dir-se-á que a cavalo dado não se olha ao dente, teremos de conformar-nos com novilhos, tanto faz que em vez de corniapertados fossem afinal baixeis, e que de boa reata estivéssemos conversados, investida a atirar ao sonso e distraído, sem o picante da casta, deixando-se tourear uns mais e outros menos, mas sem méritos que justificassem, a não ser para público pagamento da oferta graciosa, a chamada à arena dos ganaderos no final da lide do quinto, e outra volta do maioral quando fechou praça um sétimo novilho, igualmente oferecido, para que o sobressalente Rui Plácido tivesse oportunidade de mostrar suas aspirações a novilheiro. Mas para além da gratidão que nos interessados tenha despertado a dádiva generosa, foi impossível não sentir, apesar da força do hábito, uma névoa de desconsolo por vermos um matador de touros conformado a lidar uma novilhada, e de hastes serradas, na tarde derradeira na arena da sua terra. São coisas da festa dos touros em Portugal, façamos de conta que se trata de um lamentável equívoco, ponto final no assunto.

A corrida deu pouco de si. Mário Coelho, asseado no capote, abstendo-se em bandarilhas, e pondo na muleta um ofício a que faltou o sabor, e sobrou por vezes o alívio de usar a ponta do engano, esteve no seu tom costumado, sem a transmissão que sua figura só alcança com inimigos de maior respeito. Rui Bento trouxe de Salamanca, onde nesta temporada o têm esquecido as empresas, os desejos de regressar do infortúnio, de retomar o sítio e o repouso, de se reencontrar consigo mesmo, e por esse propósito ficou, sem lograr nem o luzimento nem a vibração. E o sobressalente Rui Plácido, convidado a bandarilhar o quinto, em que pôs três quarteios aceitáveis, aproveitou o brinde do sétimo sem demasiada fortuna, vulgar no capote, desigual em bandarilhas, e com a muleta apenas voluntarioso ante a nobreza do novilho, faltou a centelha anunciadora de promessa de mais um toureiro de Vila Franca, de seu nome não ficou a gente falando, talvez outro dia.

Corrida, pois, sem relevo de maior. Aconteceram muitos passes, verónicas, gaoneras, chicuelinas, derechazos, naturais. Não se poupou a banda do Ateneu Vilafranquense, tocou sua música para todas as faenas. Mas faltavam os olés, os que na tarde se ouviram cabem nos dedos de uma mão, sublinharam a cadência de uns passes pela direita de Mário Coelho ao quinto, era a última faena sua na Palha Blanco, terminada com a nota emotiva, quando depois da volta à arena, e de uma segunda com os ganaderos, aos médios saíu sozinho, e com um lenço acenou em despedida à gente da sua terra, e os bandarilheiros vieram, e aos ombros o levantaram, lá de cima lhe caíam as lágrimas, saudosas de um passado sem regresso, de uma glória que se faz distante.

A glória de Mário Coelho no toureio, a verdadeira, aconteceu antes da alternativa de matador, quando vestido de prata se fez embaixador de Vila Franca, bandarilheiro português de que toda a Espanha falava. Talvez por isso o adeus à arena da sua terra, tenha acontecido já depois da despedida, quando no último da tarde saíu com seu capote a bregar para Rui Plácido. E por entre a névoa dos muitos anos passados, relembrei aquela corrida de Miura, no Santo Isidro do ano 65, quando entre a flor e nata dos subalternos alcançou a consagração de não sei que prémios, e maior do que todos o prémio do clamor da gente, a Monumental de Madrid rendida ao garbo daquele correr os touros a uma mão, à verdade daqueles pares soberbos, o corpo esguio metido entre as hastes afiadas que o buscavam, delas saindo em beleza, andando...

Solilóquio

Se cá nevasse, fazia-se cá ski -dizia o Salada de Frutas. O cronista entrou numa dessas. Imaginou (pelos jornais) que estava em Madrid e em Paris e foi ver se, em cinema, o Agosto era melhor lá do que cá. Masoquismo puro, com regresso a Lisboa pela esquerda baixa

Pátria, lugar de exílio

Isto é como o outro que diz: quem não tem nada que fazer, imagina. O cronista, esta semana, foi o que fez: sem quase nenhum cinema para ver em Lisboa, deu-lhe para imaginar o que aconteceria se estivesse em Madrid ou em Paris. Afinal, também por lá agora é Verão e faz calor, também por lá negócio é negócio. E se o público é mais vasto do que em Lisboa, manda a verdade que se diga que o cinema, cá como lá, há muito que deixou de ser um espectáculo de multidões.

Y

Assim sendo, o cronista pegou primeiro no «El Pais» e descobriu que se estivesse em Madrid, para além do bom (e mau) cinema que Lisboa já viu ou está a ver, podia-se dar a outros luxos. Um dos maiores seria rever filmes de Otto Preminger, Howard Hawks ou Fritz Lang que, em reposição, passam actualmente no circuito comercial da capital espanhola.

Mas, se em vez de retrospectivas, lhe apetecesse o actual, podia ver três ou quatro filmes de outros tantos jovens cineastas espanhois de que Lisboa nunca ouviu falar, nem certamente ouvirá tão cedo, os nossos distribuidores nem com o efeito Almodóvar se aventuraram para a Europa que lhes está mais à mão.

O menu madrileno não se esgotaria com velhas glórias e novos talentos. Madrid, em termos de cinema, tem ainda mais para oferecer, a começar pelo último filme de Eric Rohmer, «Contos de Primavera» (que se estreia, no Picoas, para o mês que vem) e a prosseguir com algum cinema europeu (francês, inglês, alemão, sobretudo) em que apetece arriscar até porque chegará a Lisboa no dia de S.Nunca à Tarde.

Por fim , Madrid tem em cartaz o belo filme de Chen Kaige, «O Professor Primário», obra de 1987 paradigmática da abertura estético-política que a China conheceu há dois ou três anos e depois, tragicamente, se encerrou.

Deste filme já o cronista aqui falou (DL de 20/6/89), passava «O Professor Primário» então em Paris, imagine-se ao tempo que a Europa anda a ver Chen Kaige e ao tempo que Portugal anda (cinematograficamente) a ver navios.

Y

E, pensando em Paris, aí foi o cronista até lá, em viagem imaginária, de «Libération» na mão, disposto a sofrer, já se sabe. Se Madrid é o que é, calcule-se o que será Paris comparado com Lisboa. Só não dá para rir, porque dá para chorar...quando se está aqui e passa por lá o que se segue. Sem contar com novidades, primeiras exclusividades e outros mimos, eis o que há para ver em circuito comercial: as integrais de Visconti e Tati e retrospectivas parciais de Max Linder, Robert Bresson, Woody Allen, Eric Rohmer, François Truffaut, Hitchcock e Tarkovski, isto para só falar em estrelas de primeira grandeza.

Y

Como o masoquismo tem limites, fiquemo-mos, pois, por aqui. Faça-se de conta que não nos demos a exercícios que só abonam em nosso desfavor e cinjamo-nos à Pátria...lugar de exílio (cinematográfico), para parafrasear Daniel Filipe, poeta.

E que tem Lisboa, neste Agosto, para oferecer ? Um pequeno festival de cinema português, com legendas, para dar a conhecer aos turistas o que cá se faz ? Não. Retrospectivas, reposições, filmes que dignifiquem circuitos e salas e divirtam os autóctones ? Não. O que Lisboa, neste Agosto, tem que se veja de melhor é «Jules e Jim», a única reposição digna desse nome, o que de bom resta da Primavera (muito pouco já), filmes assim-assim e os horrores do costume, um dos quais o último Schwarzenegger.

Isto e «Regresso ao Futuro. Parte III», que esta semana estreou nada menos do que em onze salas. Somadas estas às que se deram a Schwarzenegger, e eis mais de um terço do espaço cinematograficamente útil da capital do país tomado de assalto.

A expressão é talvez abusiva, já que o filme de Robert Zemeckis está bastante furos acima do atraso de vida de «Desafio Total». Mas, menos mau embora, não é coisa por aí além, que saudades nos deixa Zemeckis de «Quem Tramou Roger Rabbit ?»

«Regresso ao Futuro. Parte III» é uma obra um tanto pungente, porque, querendo-se excessiva, em tudo se fica pela mediania e o realizador -intui-se- não o ignora. Mas ele finge. Finge que está a fazer algo que se veja... e a gente vê e esquece, porque nesta obra pouco há que se recorde, mesmo os supostos achados têm o sabor a «déjà vu».

O filme, a bem dizer, é um «western» com mais truques que nostalgia, Zemeckis brinca com o tema e é tudo. Mas não dá parar rir, dá para sorrir, um sorriso amarelo. O actor principal é Michael J.Fox e com ele está logo tudo estragado, o resto estraga-se por si. Falta ritmo, falta «féerie», se se lhe tirar o «flash back», «Regresso ao Futuro. Parte III» não passa de uma coboiada algo tonta, sem fôlego nem chama.

Um divertimento ? Talvez, mas daqueles a que a gente às vezes se entrega, eles acabam e fica-se deprimido, a perguntar baixinho: «E, agora, o que é que se faz ?».

Y

Em termos de cinema, agora o que se faz é esperar por melhores dias. É que, tirando esta estreia, a outra que houve foi a de um filme inglês série Z, uma coisa qualquer que saíu na rifa ao distribuidor e ele atirou para uma sala condenada, sendo assim tanto faz.

O filme intitula-se «Estrada sem Fim» e se não é um insulto à inteligência do espectador, é um insulto à memória do melhor cinema britânico.

Realizador sem jeito, actores mauzotes, uso e abuso de clichés, esta «Estrada sem Fim» limita-se a testemunhar o que já toda a gente sabe: a Inglaterra está de tanga, o proletariado inglês não se recomenda, pelas cidades de província grassa um conservadorismo boçal que domina as mentalidades, o que há a fazer, quando se é jovem, é fugir enquanto é tempo.

Mas este «on the road» em que o filme aposta não deixa de ser angustiante. A Inglaterra é uma ilha e , pela estrada fora, acaba-se sempre por voltar ao mesmo sítio. O filme, esse não volta a sítio nenhum. Vai embora amanhã e não deixa saudades.

Y

Saudades é coisa que também não deixara «As Aventuras de Bernardo e Bianca», agora em reposição para captar algum público infantil. E esse púiblico, atendendo ao mês em que estamos, até tem respondido relativamente bem à chamada. É ele, aliás, o melhor do espectáculo, já que o filme não é grande coisa. Falta-lhe, ao desenho, o talento, à história, a emoção dos grandes momentos do género.

Mas tudo isto se aguentaria menos mal, não se desse o caso de «As Aventuras de Bernardo e Bianca» correr por cá dobrado em brasileiro, com aquelas vozes xaroposas que se arranjam no Brasil para contar histórias aos miudos.

Ignora-se se os miudos em Portugal gostam ou não desta oralidade, o que se sabe é que, graças a esta desenho animado, enriqueceram o vocabulário, com as «aterrissagens» todas do gavião que leva os «camundongos» dum lado para o outro...e o Português para o acordo ortográfico. Mas este é outro «filme», a ver vamos.

Rodrigues da Silva

A ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal

Em estreia

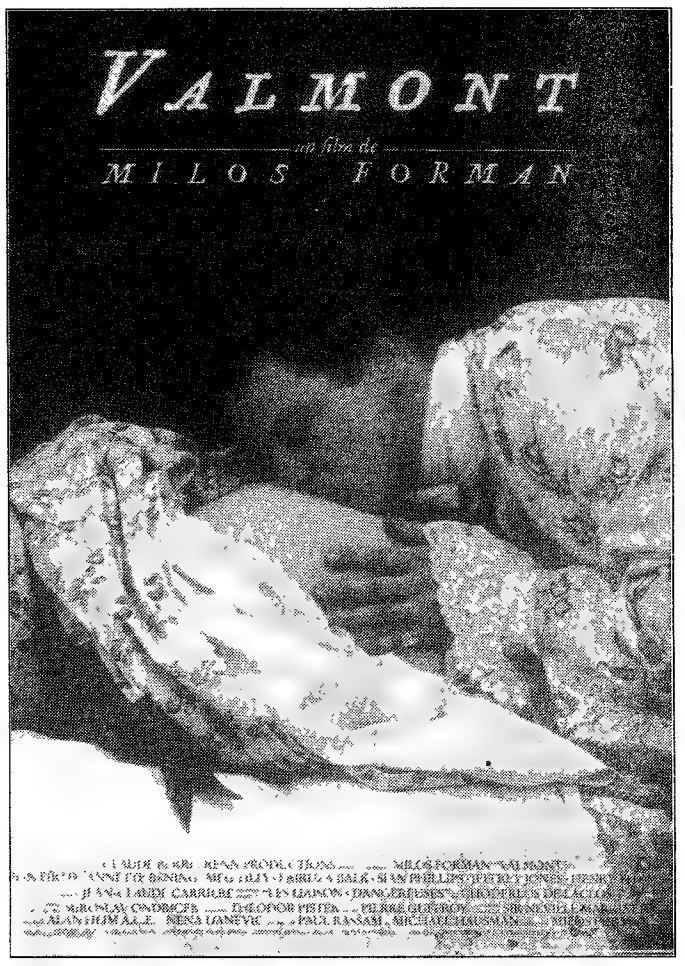
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- « Canhões Perdidos», Bob Clark (1989)
- «Cenas da Luta de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «Joe Contra o Vulcão», John Patrick Shenley (1990)
- « Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- « Cookie», Susan Seidelman (1989)
- « Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- « Regresso ao Futuro. Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- « Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- « Ninguém É Santo», Neil Jordan (1990)
- « Corações Solitários», Paul Cox (1981)
- « Estrada Sem Fim», Beeban Kidron (1988)
- « As Minhas Noites São Mais Belas Que Os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1989)
- «Duro de Roer», Bruce Malmuth (1990)
- « Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- « O Triunfo do Espírito», Robert M. Young (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «As Aventuras de Bernardo e Bianca», Wolfang Reitherman, John Lounsbery e Art Stevens (1977)

R. da S.

CINEMA



«Valmont», de Milos Forman (amanhã, na Caparica)

Sessões Especiais

«Camille Claudel» em Viseu «Valmont» na Costa de Caparica

As Sessões Especiais do Porto, Viseu e Costa da Caparica não oferecem este semana nada de transcendente. O trivial, dentro dos critérios médios de qualidade ou de possível interesse do público potencial. Já não é mau, muito embora a escolha pudesse ser melhor, mesmo desconhecendo a estratégia destas programações.

Do conjunto dos filmes a exibir desde hoje até quarta-feira próxima, destaque-se, na Caparica, a reposição de «Regresso ao Futuro», o filme de 1985 que inaugurou a série que este ano se concluiu com a parte III, sempre sob a direcção de Zemeckis.

O destaque não é tanto pelo filme em si, mas pelo sentido de oportunidade revelado pelo exibidor. Um sentido de oportunidade que os distribuidores comerciais não tiveram e, a bem dizer, nem deles já tal se esperava.

O calenário a seguir.

Centro de Férias da Costa de Caparica (Inatel)

«Regresso ao Futuro», de Robert Zemeckis (hoje); «Valmont», de Milos Forman (amanhã); «Nascido a 4 de Julho», de Oliver Stone (depois de amanhã); e «Em Busca do Vale Encantado», de Don Bluth (domingo).

Todas as sessões às 21 e 30.

Porto (noites duplas do Coliseu)

«Café Bagdad», de Percy Adlon; seguido de «A Última Tentação de Cristo», de Martin Scorsese (hoje, às 21 horas).

Viseu (auditório Mirita Casimiro)

«A Paixão de Camille Claudel», de Bruno Nuytten (hoje, às 21 e 30); e «Cenas de Luta de Classes em Beverly Hills», de Paul Bartel (dias 18 a 22, sempre às 21 e 30, e dia 19 também às 16 horas).

CANAL DA CRÍTICA

«Não caia nessa!»

Um novo anúncio chama a atenção da audiência. É produzido pelo Ministério da Saúde e destina-se a incentivar o uso dos preservativos. A finalidade imediata é o combate à SIDA, embora tal nunca seja referido no anúncio. Quanto a mim, bem, pois haverá muitas outras situações a contemplar.

Haverá concordância entre a finalidade do anúncio e a sua realização?

Dizem C.M. Agnew e N.O'Brien (*Television advertiring*, um clássico dos anos 60 que resiste ao tempo) que os fundamentos de um anúncio para a TV são: *visão, acção, concentração, identificação e sinceridade.*

Lá se diz que o mais importante é a imagem e que as palavras se mantêm num plano secundário. Eu gostaria de não ser tão visualmente sectário. Antes acredito que em TV se deve procurar a unidade imagem-palavra, sendo certo que em alguns anúncios predominaria a imagem, perdendo-se a memória da marca (nos refrigerantes, por exemplo) enquanto outros falham as palavras, ficando a marca perdida na memória - como é o caso do «Isabel, olha o relógio»!

A imagem e a palavra devem fazer trabalho de equipa, se se quiser tornar o anúncio eficaz. Sendo a ambiguidade um elemento importante na comunicação, a sua acção na publicidade da TV deve ser cuidadosamente estudada, para não se cair na confusão.

Cair é a palavra-chave do anúncio a que me reporto. Assistimos à sequência do seguinte diálogo imagem-palavra: *Palavra* - Imagine que lhe cai um tejolo em cima...

Imagem - As cabeças protegidas por capacete.

Palavra - ou se cai uma chuvinha...

Imagem - Um guarda-chuva protector.

Palavra - ou se você cai ao mar...

Imagem-- Não faz mal. Lá está a bóia...

Palavra - Ou se cai de um avião...

Imagem- Abre-se o paraquedas...

Palavras- Mas se você cair em tentação?

Imagem- A jovem mostra, na palma da mão, um preservativo.

Palavra- Não caia nessa!

O que é que se quis dizer? Não caia em tentação sem protecção: use preservativos o que foi que os olhos realmente escutaram? Preservativo? Não caia nessa!

A confusão ficaria imediatamente desfeita se, logo a seguir à imagem do preservativo, se dissesse apenas: «Pois Claro! Defenda-se!»

A minha formação publicitária veio dos livros e dos olhos. Falta-me qualificação profissional para uma crítica especializada. Como telespectador experiente falo. Gostaria de saber, neste caso, a opinião dos produtores ou seja, existe aqui unidade entre a visão e a palavra? O anúncio é eficaz?

Se querem que eu seja franco, a minha confiança na inteligência média do audiência não é grande. Sei lá quantos portugueses, por influência deste anúncio, não passarão a ir para a cama de capacete, guarda-chuva e pára-quedas...

A culpa é do mau tempo?

A RTP dos Açores fez 15 anos. Houve festa de aniversário. Fausto e Carlos do Carmo foram os convidados. Era ao ar livre. Fausto e Carlos defenderam-se como puderam contra as inclemências do tempo. Os grandes êxitos foram a *Canoa* (claro!) e o *Caldo Verde* - claro. Fado intelectual ao ar livre, (o vento, a agitação, as conversas e ainda por cima o mau tempo) não resulta. Nem fadista nem público podem concentrar-se.

Das participações açorianas, relevo para as produções... açorianas. José Ferreira e *Gente da ilha*: quanto mais local, mais universal. Amigos *Gente da ilha*, porquê Lorca? Não, chauvinismo, não é isso. Mas não cantarão melhor os *nossos* poetas?

A sessão foi incómoda. Logo de início, Clímaco não se ouvia. O vento? A chuva? Desculpas de mau pagador. É o eterno conflito corpo a corpo entre a RTP, e os microfones, os feixes hertzianos, o diabo a sete!

Um conselho: guardem bem as imagens dos Açores que deram ao longo da festa. Foi o melhor de tudo.

Recordemos ainda a homenagem a Fernando Pessa que, dias antes, víramos no programa *Às dez*.. Salientemos a sua decisão de estar sempre a aprender. Num país onde já se nasce com a ciência toda...

Levatamento - enquanto é tempo

José Quitério. Toda a manhã com ele a ouvir falar de gastronomia. De início, algum receio. José Quitério comporta-se como um cientista que recusa a participação nos joguinhos, nos truques do espectáculo. As suas palavras são escolhidas, avaliadas, pesadas na balança não da cozinha, mas da farmácia. Não carrega nos temperos. Aqui e ali uma pitadinha de sal, por exemplo, quando distingue gastronomia da culinária...

Depois, foi a audiência que se deixou conquistar pelos seus conhecimentos, a sua experiência, por uma maneira de estar de que resulta uma sensação de honestidade, de seriedade. Daí, que se aprenda - lendo-o. Daí que se aprenda - vendo-o. Ele nem ataca, nem acusa. Porque não são os nomes que estão em causa - mas sim uma visão cultural! Presta justiça à actividade de Maria de Lurdes Modesto - e como visível prazer o faz!

Esperemos que venha a cumprir-se o seu desejo de levantamento da carta gastronómica do país. À semelhança do que se tem feito noutros domínios. Ir aprender com os velhos guardiões dos segredos. A semelhança do que na música, por exemplo, fizeram Lopes-Graça e Giacometti.

Sei de alguém vocacionado para a tarefa. Esse mesmo em que estás a pensar, leitor.

Conta-gotas

I

Chama-se Maria João Carreira, é a apresentadora do programa Às Dez.

A voz melosa, a familiaridade demagógica, a entoação pernóstica: aí está o que a televisão não perdoa.

Depois aquele hábito de tratar toda a gente por *você*! Insuportável. Não se diz lá pelo Norte que você é estrebaria?

II

E depois, sem o mínimo sentido das circunstâncias. Então ela não queria que Luís Pignatelli, de facto poeta,mas presente na qualidade de crítico de gastronomia, não queria ela que Pignatelli recitasse ali uns versos?

O poeta, felizmente, não perdera o sentido da justa medida. Ainda bem. Para compensar o sentido do ridículo, que outros perdem.

III

Na RTP há departamentos para tudo. Incluindo um departamento para os departamentos. É urgente que se crie mais um: o departamento da língua portuguesa.

Vejamos o problema do Golfo Pérsico. Só numa emissão de *Telojornal* apareceram as seguintes: Kowait, Kovait, Koweit, Houwait, Kouweit, Kuweit, Kweit...

Em que ficamos?

IV

Esta pode ir para a *nabice da semana*.

Num programa sobre Sintra, a *Peregrinação de Childe Harold*, de Byron foi apresentado como a *Peregrinação do menino Harold*...

Podem rir. Por enquanto (por enquanto!!) não se paga IVA.

V

No «Jogo de Cartas» (o programa que é um retrato psicanalítico da RTP) um concorrente respondeu que o rei inglês que fez isto e aquilo e mandou decapitar Ana Belona, fora o Lutero.

E aquele que apresentou o Marquês de Pombal como o primeiro rei português?

Culturalmente, estamos assim. Entretanto, essa arma cultural poderosa que é a TV, continua a jogar às cinco pedrinhas.

O que é que se quis dizer?

VI

Suspendem-se a *Primeira Página*.. Que fez a RTP? Tranferiu as entrevistas de ministros e subsecretários para o *Jornal de Sábado*...

Vão lá todos. O último foi João de Deus Pinheiro. A certa altura, comparou-se o Kweit com Timor. O mesmo tipo de anexação; diferentes reacções internacionais. Porquê? Ele explica: Timor é uma região pobre...

Na «mouche», ministro. Se Kweit fosse probrezinho, ninguém, queria saber. Como Timor, Granada, Panamá, Palestina...

Esta palavra «velho»...

Estamos diante de um dos melhores momentos de televisão dos últimos tempos. Refiro-me à entrevista com Rainer Reinhardt - desculpem se não é assim que se escreve, mas a RTP, que tanto abusa das legendas, outras vezes peca por defeito.

Rainer é um grande coleccionador. Um homem calmo, simples, modesto. É preciso que venha alguém dizer que ele pertence às mais reputadas associações científicas de todo o mundo. Que este nome, desconhecido de tantos portugueses (eu, por exemplo, só o conheço desde uma exposição na Torre de Belém) é um nome internacionalmente consagrado.

Reportando-me apenas à sua intervenção na TV, eu lhes digo, leitores: fiquei positivamente de boca aberta perante as atrocidades, perante os crimes que neste país se cometem contra o património. Estamos mesmo, num país a saque. Há séculos que a infâmia dura!

Conta Raines:

A terceira maior colecção do mundo pertencia à Casa de Bragança. Com a advento da República, nomearam conservador um velhote que tinha uma forja. Pois ele foi levando as peças para a forja... e o que hoje existe é uma parte infinitesimal do que lá estava...

Mais conta Rainer:

- Tivemos cá o 25 de Abril. Quando vi que imensas peças históricas portuguesas estavam a sair do país, pela aflição das pessoas que não tiveram a calma suficiente, abri um estabelecimento de antiguidades em Londres, porque muitos portugueses iam lá para tentar vender as suas coisas. Arquivos e mais arquivos de casas nobres portuguesas foram transportados, mais ou menos clandestinamente para o estrangeiro. Fui comprando arquivo atrás de arquivo, arquivo de 10, 20 mil peças. Só documentos da História de Portugal tenho mais de 400 mil.

Ainda mais, do horosamente mães:

- A maior parte das peças portuguesas que possuo foram compradas no estrangeiro.

Durante séculos, ninguém lhes ligou. E as peças sairam. Felizmente que sairam, pois assim sobreviveram.

Primeiro, a desculpe foi o Terramoto de 1755. De facto, foi horrível. Perdemos imensas peças. Depois vieram com a desculpa dos espanhóis, de 1580 a 1640. A seguir, a desculpa das invasões francesas. Sim, imensas peças se perderam. Mas na língua portuguesa é que está a explicação por que perdemos tantas peças: a palavra velho. A palavra velho arruinou uma parte significativa da História de Portugal. Velho era sinónimo de obsoleto, fora de uso, «não presta», «deita-se fora». E nós deitámos fora a nossa História...

Doi muito ouvir, mas tenham paciência:

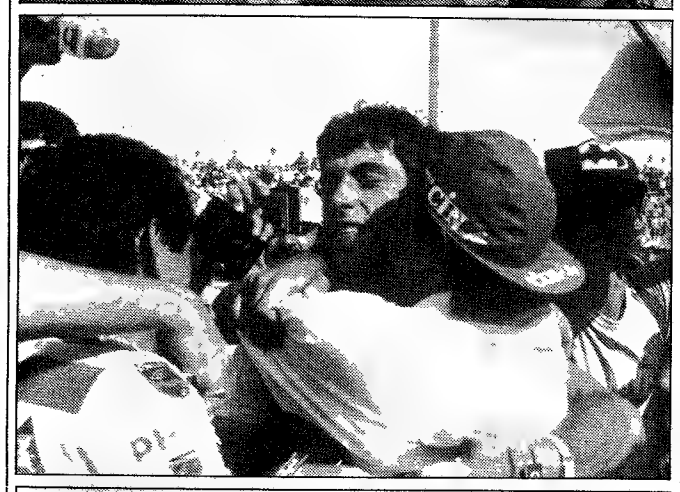
- Todos os bens de Gago Coutinho foram oferecidos ao governo para serem adquiridos. Consideram-no talvez figura inconsveniente e não adquiriram. Agora aparecem pastas e pastas de documentos em alfarrabistas e lojas de esquina. Lá os vou comprando. Hoje tenho milhares de documentos, incluindo estudos ainda inéditos...

Basta! A alma fica-nos a sangrar. Ah, ao menos que oe xemplo frutificasse. Porque não precisávamos de um Rainer, mas sim de milhares.

NOTA - *No último «Canal da Crítica», tratei Beca Cabral por Fernanda Tavares Rodrigues. Defeito na leitura das apressadas notas escritas. As minhas desculpas por um lapso que tanto me aborrece. Mas enfim, como ninguém é perfeito...*

Mário Castrim

52.ª VOLTA A PORTUGAL



Fernando Carvalho: o esforço e a festa

Para tudo acabar à 4.ª feira

NEVES DE SOUSA
Enviado especial

No baile, acabou a dança das cadeiras: Fernando Carvalho, o camisola 65 da longa serpente colorida, chefe de fila de uma equipa (Ruquita/Philips/Feirense) sem qualquer outro valor acima da mediania, esperou o momento exacto para saltar sobre a massacrada presa e aplicou o golpe de misericórdia num Joaquim Gomes que, para mal de muitos pecados cometidos pela sua ultrafortíssima esquerda, entrou com todo o favoritismo mas acabou por ceder o trono mesmo na hora de defender a última tese.

Antes da arrancada para a galopada, poucos trariam para a peneira de maior cotação o nome de Fernando Carvalho, até porque o campeão de Santa Maria da Feira não tinha tenentes à altura do seu possível majorato. E, falava-se (obviamente) das maiores hipóteses estarem ao alcance de uma das «estrelas» da Sicasal/Acral, que o empresário Álvaro Silva colocava ao inteiro dispor do técnico Orlando Alexandre. Citavam-se, mais ou menos por ordem crescente, as capacidades potenciais de Joaquim Andrade, António Pinto, Manuel Abreu, Cássio Freitas e, evidentemente, Joaquim Gomes. Havia quem (menos optimista em relação ao exército de Torres Vedras) trouxesse à pedra os perfis de Delmino Pereira e Manuel Zeferino, Manuel Cunha e Joaquim Salgado, uma remota esperança no saltitar de um nome emergindo do quase anonimato, talvez (quem duvidaria?) um estrangeiro, integrante apressado, recrutado à linha de pescaria por uma das turmas cá da casa ou alinhando nas delegações espanholas que a organização (através do director de corrida: o jornalista Serafim Ferreira) mandara vir até Portugal para espicaçar qualquer adormecido brio dos nossos melhores sobre a bicicleta. Afinal, que se viu? Uma derrota quase aniquilante para a Sicasal/Acral que, certo e sabido, vai (no mínimo) obrigar Álvaro Silva e sua directa «entourage» a muito reflectir sobre o leite derramado. Que é como quem diz: em relação à nula produtividade recolhida de um investimento que envolveu fabulosa quantia para o nosso parco meio de vida. Dinheiros que nada renderam em função de ganhos opulentos: nem um só homem da Sicasal/Acral teve o gosto de figurar para a posteridade, para o historial da Volta, no rol dos vencedores de qualquer classificação individual nesta edição 52 da mais popular prova desportiva nacional. Falha de quem?

Logicamente que, desfolhado o malmequer, será fácil atirar as culpas para as costas de Orlando Alexandre, na verdade um treinador pouco ousado, muito calmo e sereno mas igualmente fechado na sua concha, sem a ambição que obriga o cidadão a viajar num trapézio: ou cai ou vence. Orlando Alexandre cometeu o erro (imperdoável, pelos vistos) de ter menosprezado a valia da concorrência, convencido de que dispondo de um lote de estradistas, para todos os gostos e paladares (trepadores, rolandores, «sprinters», aguadeiros) bastaria deixar correr o marfim para abraçar uma montanha de coroas de louros. Tacticamente (e os entendidos sublinharam isso nos últimos dias da competição) a Sicasal/Acral falhou rotundamente, em especial quando não protegeu Joaquim Gomes das arremetidas contrárias que, massacrando e desgastando o vencedor voltista de 89, até produziam colheitas de preciosos segundos que, bem juntinhos, foram reduzindo a estilhas o poder anímico do genro de João Roque, desse rapaz de Carnide, com cultura acima da vulgaridade, que era o primeiro a não entender em que espécie de complicado jogo estava sendo inserindo. Quando se abalou de Viana do castelo à conquista de Gaia já Joaquim Gomes tinha a sentença elaborada: e foi na própria equipa que o turbilhão levou os sonhos pelo vento.

Palmas para quem sabe

Ontem, quando o sol tombava e se desfazia a romaria, já muito boa gente garantia que Emídio Pinto estava a um passo de regressar ao ciclismo e, provavelmente, para render um treinador vencido. É isso: tomar conta da equipa torreense, aproveitando o que resta da época para recuperar o moral dos homens da Sicasal/Acral que viram, no pódio final desta Volta, apenas surgir Gomes por convite e boa vontade de Fernando Carvalho, quando o vencedor da empolgante maratona multiforme pediu ao amigo e rival que ficasse a seu lado na mais bela hora da sua carreira. Gomes acedeu, é evidente: foi esse o único momento em que o empresário Álvaro Silva viu um atleta da sua empresa estar no friso dos verdadeiramente vencedores.

De resto, as palmas e aplausos maiores tinham de ser pouco se recordando para o futuro que a turma sicasalense tinha vencido a classificação por equipas, já que os apaixonados pela pedalada sabem quase de cor e salteado quem foram os seus heróis anos a fio, quem foi o melhor atleta nesta e naquela volta, esquecendo completamente que formação foi primeira ainda ontem, porque desse rol tudo fica rapidamente olvidado. Portanto, pouco ficará para amenizar o compreensível desalento dos responsáveis pela Sicasal/Acral, tampouco para retirar aquela máscara de tristeza que se notava em João Roque (vendo o genro metido numa camisa de muitas varas e sem possibilidade de fugir ao espartilho), de Manuel Graça (atónito perante a liberdade concedida aos directos concorrentes ao trono, que iam sugando Joaquim Gomes até ao tutano), de Álvaro Silva que, a estas horas, terá reunido com a contabilidade da sua empresa para aferir do pouco lucro que um negócio ciclista que parecia florescente acabou por marcar este ano os seus livros de escrita.

Tudo porque essa velha e sagaz raposa que é Fernando Mendes, confrontado com as realidades e reparando o mesmo que entrava pelo olhar de qualquer leigo (na Ruquita/Philips/Feirense a única carta jogável na mesa de ouro era Fernando Carvalho) nela fez a total aposta, começando por criar espírito de corpo na defesa da camisola cor de sol insolitamente conquistada pelo suplente Paulo Silva na lisboeta Avenida da Liberdade e depois, refinando a coesão dos seus comandados, elaborando um plano para que tudo corresse à medida das validades do filho de Alberto Carvalho: deixar o peixe miúdo para os pardalitos, ir tocando serenatas debaixo da janela da Sicasal/Acral e, no instante oportuno, conceder a total carta de alforria ao seu *leader*, de molde a que Fernando Carvalho alinhasse para o decisivo contra-relógio em terreno que conhece de olhos cerrados. Tinha de resultar em pleno: o moço não podia desperdiçar a *chance*. Tinha a chave do cofre, o segredo estava desvendado, restava abrir a portinha e servir-se, pois a força e a alma de Joaquim Gomes estavam reduzidos apenas ao mui-

cont. na pág. 20

A nossa equipa de reportagem viajou numa viatura *RENAULT* gentilmente cedida por:

SACAVENAUTO

Estrada Nac. N.º 10 — N.º 69 • Sacavém • Tel. 942 50 40 • 942 52 40

maquirema

Soc. Importadora e Revendedora de Máquinas, Ld.ª

Um espaço no seu escritório

PELA OBRA

GABINETES ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO

SECRETARIADO EXPEDIENTE GERAL

INFORMÁTICA

BIOMBOS

RECEPÇOES

ARMARIOS

SALAS REUNIOES

EN MUEBLES DE OFICINA TODO

porta mobiliario

Escritório — Exposição — Vendas e Armazém
Quinta da Figueira — Lt. A Lj A/5 — Venda Nova — 2700 Amadora
Telef: 4744652 — 4745074 — Telex 63509 — Fax: 4740561
Venda de Consumíveis —/ Centro de Cópia.
Praça Olegário Mariano, 2-B — 1100 Lisboa — Telex — 824707

52.ª VOLTA A PORTUGAL

Há novo rei no trono da pedalada

cont. da pág. 19

to brio do ainda menino de Carnide que mais não podia fazer que constatar que a sucessiva dilapidação da vantagem conseguida na serra da Estrela tinha de conduzir a um fim pouco airoso para o seu sonho.

Sinteizando: esteve um técnico por detrás do feito de Fernando Carvalho. Em contrapartida, Joaquim Gomes perdeu a esperança de marcar 2.º triunfo consecutivo numa Volta porque os cálculos elaborados pelos seus orientadores foram chão que deu uvas.

Últimas pedaladas

Para o arquivo da memória convém recordar que a etapa Viana do Castelo - Gaia (84 quilómetros) escolheu como triunfante Joaquim Salgado, o homem da Avibom/Valouro/Lousa que ostenta a camisola de campeão nacional. Tal como sucintamente informámos nas nossas edições de 6.ª-feira, Salgado antecipou-se a um octeto de outros garimpeiros que procuravam «a orla marítima junto ao mar», como a essa hora estava dizendo o radialista Trindade Guedes aos microfones da Renascença. Nenhum deles perturbava, sequer podia dar uma leve beliscadela no pecúlio de Joaquim Gomes. O galo do torreense aconteceu antes, na Póvoa de Varzim, quando Fernando Carvalho pontuou na meta volante, diminuindo em mais um segundo a vantagem do voltista-chefe no ano transacto: Gomes ficou ainda mais perturbado, consciente de que conforme se deslizava para perto do Porto mais trunfos estavam entrando para a manga de Carvalho já que, para além de Santa Maria da Feira estar em peso na chegada à Maia, quase toda a população maiata iria unir-se à sua claque no vale-tudo do contra-relógio.

SMALTEX
TINTAS
VERNIZES
DILUENTES
SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª
R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

Faça-se aqui um parêntesis para lembrar que, na viagem para a cidade da Maia, estavam iscas em dinheiro e géneros: desde 50 notas de mil até presuntos, jarrões de vidro, porcelanas, cintos de pele, garrafões de vinho, terrinas em casquinha e bacalhaus, a bolsa de muitos amantes do ciclismo ou (simplesmente) admiradores do esforço dos ciclistas a servir de incentivo para proezas de tomo. Benjamim Carvalho (Ruquita/Philips/Feirense) fez o que vai sendo trivial nas suas credenciais: mais uma vitória em etapas voltistas, fazendo o sinal da cruz ao traçar o último risco branco. E, antes de um pelotão composto por 81 cabeças, apenas esteve Jorge Silva, o camisola sete da Sicasal/Acral que não quer passar ao lado de uma grande carreira e ontem nos dizia:

— *Podia ter feito mais, mas havia um colega com a amarela e eu tive de acatar o jogo da equipa, tínhamos de o defender.*

— Verdade, verdadinha, Jorge Silva?

— *Sim senhor. Sei que, cá por fora, se diz que nem todos queríamos que o Gomes vencesse. Nada disso: o Fernando Carvalho é que está muito forte e acabou por ganhar com mérito e justiça.*

Quanto a mim, o 3.º lugar na final não é o fim. Houve rumores de que também não fui amparado, porque na Sicasal/Acral havia quatro homens que podiam ganhar a Volta. Só que o Gomes vestiu de amarelo na montanha e nós tínhamos todos de fazer o jogo dele. Quanto ao futuro, vou pensar muito...

Jorge Silva fica fechado:

— *Tenho convites que vou estudar com cuidado, para escolher o melhor rumo, o que pode servir para ganhar a Volta do próximo ano.*

Relógio «dixit»

No contra-relógio da Maia, o circo abriu com João Costa (Bom Petisco/Tavira), que fez o percurso de 21 quilómetros em 32 minutos e 22 segundos. Foi continuando o desfile até chegar à meta José Ferreira (Recer/Boavista) com um tempo melhor: 31m 45s, coisa que nem por isso alegrou muito o major Valentim Loureiro, já que o presidente axadrezado estava pior que estragado com a falta de combatividade de alguns dos seus contratados, muito especialmente porque Delmino Pereira não saíra da concha numa Volta em que alinhara no bloco favorito.

— *Realmente, temos de repensar seriamente o ciclismo, porque o êxito de José Santiago no Prémio da Montanha e o 2.º lugar por equipas não pode satisfazer uma equipa feita para ganhar tudo!*

Bem: o carrossel ia continuando a funcionar. Os domadores do aço e da borracha suspirando de alívio, arrumando a mobília para o regresso a casa. Dick Dekkers (Royal) murou durante uma hora e 20 no topo da tabela, houve muitas palmas para o «Lau» (com o excelente Venceslau Fernandes garantindo que estava dando as últimas pedaladas da sua carreira) outras ovaçõezinhas para quantos concluíam o fadário até que o axadrezado Joaquim Andrade (29 m 36 s) destronou o belga que veio até cá só para espairecer e ganhar uns sprintezinhos.

E o máximo do filho de outro campeão (Andrade pai foi o vencedor da Volta de 69) iria sucessivamente resistindo perante rijos confrontos, outros valorosos espadachins na mesma casa de minutos ou ali pertinho: Dulas Andrezej e Manuel Neves (Ruquita/Philips/Feirense), Manuel Cunha (Avibom/Lousa), Neil Stephens (Royal) e Jorge Silva (Sicasal/Acral). Entre os mais-mais, a falência notória esteve na pela de Santiago Portillo (Festina/Lotus) e mesmo de Manuel Zeferino, com o triunfador voltista de 81 a perder na esgrima acesa com o seu sucessor em 87, Manuel Cunha subindo um degrau à custa do boavisteiro, que está longe da forma superior.

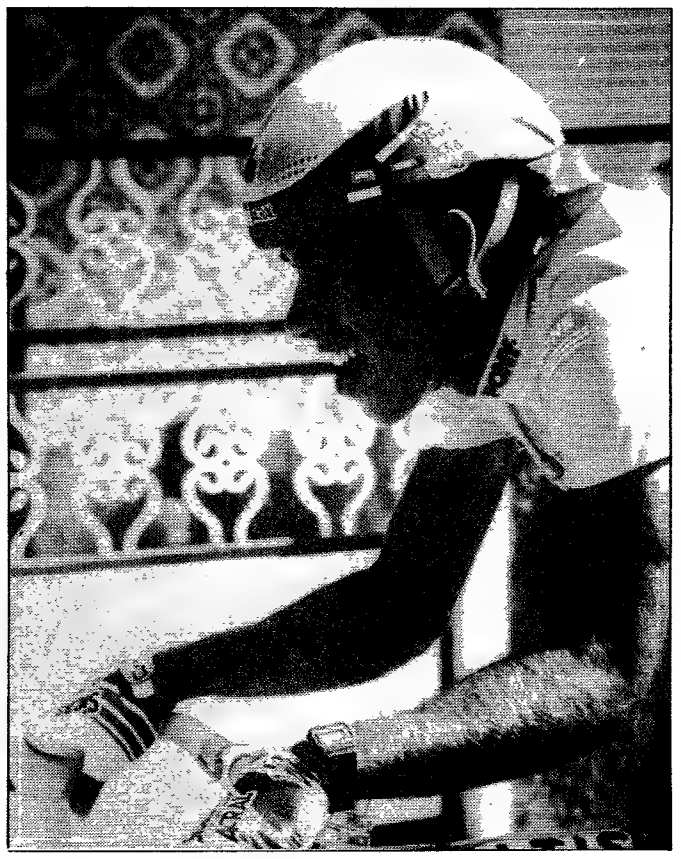
Veio a bela prova de Marco Chagas, garantindo um 5.º lugar que muitos estavam longe de palpitar. O rei de Pontével a dizer-nos quando a bicicleta entrava para o seu carro:

— *Foi o meu adeus. A partir de agora, sempre ligado ao ciclismo, vou enveredar por outro sector. Correr já lá vai, fica como belíssima saudade. Daqui em diante, talvez experimente ser treinador ou passe a alinhar ao seu lado, como comentador, como crítico do ciclismo.*

Confirma que já tem convites para isso:

— *Exacto: recebi uma proposta da Rádio Renascença (através do Ribeiro Cristóvão) e de um jornal diário, mas provavelmente começarei por pegar numa equipa e torná-la à minha maneira: sempre desejando chegar mais longe.*

Vinha a galope Fernando



Gomes: por um fio

Lau: foi o adeus?

Marco Chagas: outro rumo à vida

CARNES
QUALIDADE
Sicasal
NA VOLTA
Pelo Gosto de Correr
PARA COMER COM PRAZER

52.ª VOLTA A PORTUGAL

Os vencedores entre Délia e Solange, belezinhas da Sicasal/Acral: José Santiago (montanha), José Rosa (juventude), Fernando Carvalho (o maior), Carlos Marta (metas volantes) e Paulo Pinto (pontos)

Carvalho, com o chefão do Ruquita/Philips/Feirense devorando o caminho, as notícias do seu ataque a Joaquim Gomes fazendo delirar uma larga fatia da multidão que enchia literalmente o estádio da Maia: aos sete quilómetros sacava três segundos a Gomes, aos 14 a rapina já ia em meio minuto, aos 21 mil metros passeava como um lorde, 59 segundos de dianteira sobre o tempo do monarca do outro império. Quando entrou na pista de tartan, foi o delírio para milhares, com a mãe do campeão a deitar lágrimas:

— *Não tenho palavras: é a maior alegria da minha vida! Pedi a Nossa Senhora de Fátima na Marinha Grande e Ela ouviu-me: amanhã vamos ao santuário pôr a camisola amarela do meu Fernando. O meu marido foi grande ciclista e nunca conseguiu isto! Foi Deus, foi quem ajudou o meu menino!*

Ajoelhado, um olho no céu e outro na porta da entrada na pista, estava Fernando Carvalho, numa imagem que a maioria dos repórteres fotográficos não registou porque estava à espera da chegada do grande vencido. Rezava e chorava, coisa poucas vezes vista em calmeirão com o corpanzil do homem forte de Santa Maria da Feira:

— Já ganhei, não é verdade?

Mais lágrimas, Fernando Carvalho submerso num mar de amigos, toda a família com certeza morava ali naquele amplexo em que a mulher e o filho do artista também andavam num rodopio, a consorte tremendo, nervos em franja, o pequenito puxado de colo para colo, sem bem entender que salgalhada era aquela, em que barafunda estava metido. Mas, como todos riam para ele, o garotito fazia o mesmo, dando beijocas no papá de cada vez que pediam mais uma fotografia do rebento com o feliz casal.

— *E havia quem não acreditasse em mim, quem me julgasse velho para ganhar uma Volta!*

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

Lá entrava Joaquim Gomes, já João Roque e a filha, a esposa do homem da Sicasal/Acral, estavam de braços caídos. Álvaro Silva foi moderado. Dizia o patrocinador da equipa torreense:

— *Não foi possível vencer, paciência. Foi uma Volta muito disputada. Em 1991 vamos tentar ganhar, porque quero a formação muito reforçada e com mais capacidade para atingir bons triunfos.*

Pertinho estava Luís Silva, patrocinador do Ruquita/Philips/Feirense:

— *Iniciámos este trabalho em Lisboa: foi a grande vitória de um grande ciclista perante outro grande campeão!*

Mário Miranda de Almeida, o empresário do Orima/Cantanhede, estava abraçado a Carlos Marta:

— *Na verdade, estou muito emocionado: o rapaz entregou-me a camisola de vencedor das metas volantes e, com lágrimas, disse-me: é o que tenho de melhor para lhe dar, pois não há palavras para agradecer o que tem feito pela nossa equipa!*

Unanimemente considerado como o mais cativante e simpático dos patrocinadores de equipas presentes nesta Volta e em contacto permanentemente directo com todos os jornalistas, sem uma única palavra de azedume pelo facto dos seus corredorees não lhe terem dado o gosto de uma vitória em qualquer etapa, Mário Miranda de Almeida adiantava numa *roda de Prensa*:

cont. na pág. 22

Jorge Silva: o amanhã

Fernando Mendes arruma a bicicleta do seu melhor aluno

urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

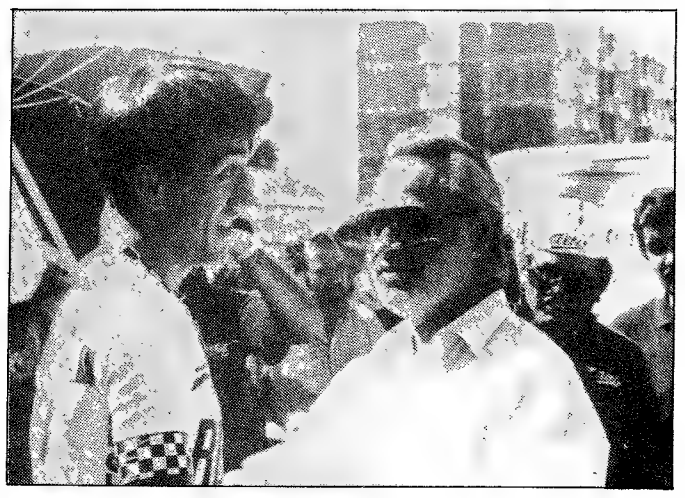
EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS COM PROJECTO APROVADO EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS — HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS — CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARTHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telefs.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

52.ª VOLTA A PORTUGAL

Benjamim: uma etapa, pois claro



Delmino e Valentim Loureiro: sorrir para disfarçar

Campeão filho de campeão

cont. da pág. 21

— A Orima, de Cantanhede continuará a estar no ciclismo e tentará ganhar a Volta do próximo ano, pois vamos recrutar valores com mérito para isso!

À boca fechada falava-se já de Fernando Carvalho, de Paulo Pinto. Mário Miranda de Almeida não quis atirar biscas nem ases:

— Só lhes digo que os ciclistas que desejamos já estão apalavrados. Trata-se de um belo rolador, de dois trepadores e de outros dois «sprinters», pois vamos concorrer a todos os Grandes Prémios e a todas as Voltas possíveis.

Joaquim Gomes, testa franzida, ia fazer chichi para a última análise. Ao lado do sogro, foi de pouca falas:

— Não vale a pena encontrar desculpas: o Fernando ganhou bem, a culpa de ter perdido é minha. Mas, se o permitem, tenho de censurar a organização, que delineou este final de Volta, especialmente o contra-relógio da Maia, neste percurso, para dar a vitória a um ciclista com características idênticas às de Fernando Carvalho. Por outro lado, foi incrível não terem feito um final de etapa no alto da serra da Estrela, preferindo que depois da montanha tivesse sido possível a recolagem de muitos ciclistas até à Covilhã e ao Fundão. Enfim: qualquer dia, se alguém der uns tostões para ter um final de etapa no seu quintal, é certo e sabido que isso é possível...

Serafim Ferreira, director do nosso colega «O Jogo» e da corrida, respondeu:

— No ano passado o traçado era idêntico e o Gomes não se queixou... Já agora, se ele tiver dinheiro para isso, prometo que faço um final de etapa à porta da casa dele!

Mais a sério:

— Estou muito satisfeito, pois, desportiva e organizativamente, esta Volta foi um êxito, não podia ser melhor. Foi uma das Voltas mais brilhantes de sempre e a luta final foi magnífica. Dentro de um ou dois anos o nosso ciclismo, pelo que provou de apenas ter admitido um estrangeiro nos primeiros doze da classificação geral, mostrou que pode ombrear com o melhor que se faz lá por fora. E garanto uma coisa: em 1991 vou buscar melhores equipas estrangeiras que estas que tivemos agora por cá!

Fernando Mendes (técnico de Fernando Carvalho) passa com a bicicleta do triunfador ao ombro:

— Depois disto, sou capaz de ir embora. Consegui tudo o que desejava: fui campeão nacional, muitas vezes, internacional, corri em três continentes, ganhei uma Volta como ciclistas e esta como treinador. Tenho de dedicar-me mais à minha vida comercial, porque sou patrão e tenho empregados que dependem de mim. No ciclismo já consegui tudo!

Manuel Graça, o antigo excelente ciclista que é hoje *relações públicas* da Sicasal/Acral entra na circunferência para desabafar:

— Foram dois corredores dignos desta luta e a força do Fernando Carvalho deve-se à emulação com o Joaquim Gomes. Se houve falhas na nossa máquina? Isso é assunto interno, logo mais se verá...

Manuel Zeferino pede a palavra:

— Aos 30 anos fazer o que eu faço é bem bom! Ficar nos dez primeiros de uma Volta não é para qualquer...

Joaquim Gomes regressa à carga:

— A Volta merecia outros contra-relógios. Não aqui, neste paralelo. Tenho que criticar a organização mas, quanto ao Fernando, quero felicitá-lo: ele nunca tinha vencido uma Volta e bem o merecia.

A multidão debandava. Os ciclistas estiraçavam-se nos carros que os levavam para casa. Beijinhos e abraços, para todos, era a meta que os esperava.

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.°
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

Sicasal/Acral: a 1.ª formação

maquirema
Soc. Imp. e Rev. de Máquinas
Um espaço no seu escritório
Telefones 474 46 52 - 474 50 74

Classificações

17ª Etapa — Maia-Maia			
1	Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense	00:28.43 m.
2	Joaquim Andrade	Sicasal/Acral	a 53 s.
3	Joaquim Gomes	"	a 59 s
4	Neil Stephens	Royal	a 1 04 m
5	Jorge Silva	Sicasal/Acral	a 1 07 m
6	Manuel Cunha	Avibom/Valouro/Lousa	a 1 14 m
7	Manuel Neves	Ruquita/Philips/Feirense	a 1 33 m
8	António Pinto	Sicasal/Acral	a 1 37 m
9	Marco Chagas	Orima/Cantanhede	a 1 42 m
10	Delmino Pereira	Recer/Boavista	a 1 43 m
11	Dulas Andrezej	Ruquita/Philips/Feirense	a 1 51 m
12	Dick Dekkers	Royal	a 1 54 m
13	Manuel Correia	Sicasal/Acral	a 1 58 m
14	José Xavier	Avibom/Valouro/Lousa	mt
15	Paulo Pinto	"	a 2 03 m
16	Jorge Henriques	Alguerra/Componauto/Aralm	a 2 09 m.
17	Carlos Pereira	Ruquita/Philips/Feirense	a 2 10 m
18	Slawomir Pietrusz	"	a 2 15 m
19	José Santiago	Recer Boavista	a 2 19 m
20	Manuel Zeferino	"	a 2 21 m
...			
88	Amilcar Neves	Alguerra/Componauto/Aralm	a 25 40 m

Geral Individual			
1	Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense	064 39.42 h
2	Joaquim Gomes	Sicasal/Acral	a 23 s
3	Jorge Silva	"	a 3 36 m
4	Neil Stephens	Royal	a 3 40 m
5	Marco Chagas	Orima/Cantanhede	a 4.34 m.
6	Delmino Pereira	Recer/Boavista	a 5.30 m.
7	Manuel Cunha	Avibom/Valouro/Lousa	a 6 10 m.
8	Manuel Zeferino	Recer/Boavista	a 6 38 m
9	José Santiago	"	a 7 35 m.
10	António Pinto	Sicasal/Acral	a 8.36 m
11	Marino Fonseca	Landimar/Salgueiros	a 10 52 m
12	Manuel Correia	Sicasal/Acral	a 11.11 m
13	Santiago Portillo	Festina/Lotus	a 12.50 m.
14	Carlos Pereira	Ruquita/Philips/Feirense	a 13.03 m
15	Jacinto Paulinho	Orima/Cantanhede	a 13.18 m.
16	Manuel Neves	Ruquita/Philips/Feirense	a 13.26 m.
17	Manuel Abreu	Sicasal/Acral	a 13.55 m.
18	Javier Carbayeda	Royal	a 16.37 m
19	José Rosa	Avibom/Valouro/Lousa	a 17 23 m
20	Dulas Andrezej	Ruquita/Philips/Feirense	a 17 39 m.
...			
88	João Costa	Bom Petisco/Tavira	a 2.28.14 h.

Prémio Juventude		
1	José Rosa	Avibom/Valouro/Lousa
2	Joaquim Andrade	Sicasal/Acral
3	Jorge Henriques	Alguerra/Componauto/Aralm

Por Equipas		
1	Sicasal/Acral	194:05.44 h.
2	Recer/Boavista	a 9.33 m.
3	Ruquita/Philips/Feirense	a 17.03 m.
4	Avibom/Valouro/Lousa	a 18.58 m.
5	Royal	a 24.20 m.
6	Orima/Cantanhede	a 26.58 m.
7	Festina/Lotus	a 43.21 m.
8	Landimar/Salgueiros	a 58.29 m.
9	Seur	a 1.11.08 h.
10	Alguerra/Componauto/Aralm	a 1.22.17 h.
11	Bom Petisco/Tavira	a 1.42.37 h.A história de um duelo

Por Pontos			
1	Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa	78
2	Dick Dekkers	Royal	41
3	Manuel Abreu	Sicasal/Acral	35

Prémio da Montanha			
1	José Santiago	Recer/Boavista	86
2	Joaquim Gomes	Sicasal/Acral	44
3	Jacinto Paulinho	Orima/Cantanhede	44

Metas-volantes			
1	Carlos Marta	Orima/Cantanhede	30
2	Dick Dekkers	Royal	15
3	Paulo Silva	Bom Petisco/Tavira	13

Prémio Combinado			
1	Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense	11
2	Joaquim Gomes	Sicasal/Acral	12
3	Marco Chagas	Orima/Cantanhede	33

DESPORTO

Atletismo

Dionísio domina europeus na légua de Zurique

O atleta sportinguista Dionísio Castro estabeleceu a sua melhor marca pessoal na prova dos 5000 metros disputada em Zurique e na qual se cotou como o melhor europeu. Dionísio fez o percurso no tempo de 13.13,59 (o seu máximo anterior era de 13.14,15) sendo apenas superado pelo marroquino Khalid Skah (13.10,16) e pelos quenianos Yobes Ondieki (13.10,60), e John Ngugi (13.12,30). Com este tempo é de prever que Dionísio Castro vá aos Europeus de Split arrancar uma medalha.

Vejamos a lista dos vencedoresa das provas:

Masculinos: 100 metros - Leroy Burrell (EUA), 10,13 segundos; 110 metros barreiras - Roger Kingdom (EUA), 13,43; 200 metros - Michael Johnson (EUA), 20,07; 400 metros - Butch Reynolds (EUA), 44,22; 400 metros barreiras - Danny Harfris (EUA), 47,86; 800 metros - Nixon Kiprotich (Quénia), 1.44,61 minutos; 1500 metros - Nourredinbe Morceli (Argélia), 3.33,30; 5000 metros - Khalid Skah (Marrocos), 13.10,16; lançamento do peso - Randy Barnes (EUA), 21,23 metros; lançamento do dardo -Steve Backley (Inglaterra), 85,04; salto em vara - Sergei Bubka (URSS), 5,90; salto em altura - Hollis Conway (EUA), 2,37; triplo salto - Mike COnley (EUA), 17,50.

Femininos: 100 metros - Merlene Otey (Jamaica), 10,93 segundos; 100 metros barreiras - Monique Ewanje-Epee (França), 12,73; 200 metros - Merlene Ottey (Jamaica), 21,66; 400 metros barreiras - Anita Protti (Suíça), 54,70; 800 metros - Sigrun Wodards (RDA), 1.57,18 minutos; 3000 metros - Patti Sue Plumer (EUA), 8.44,21; milha - Natálya Artyemova (URSS), 4.22,38; lançamento do dardo - Petra Felke (RDA), 68,40 metros.

Berlim: recordes em perigo

Está a despertar grande expectativa a possibilidade de os dois maiores velocistas do momento, Leroy Burrel e Carl Lewis, ambos dos EUA, poderem vir a defrontar-se de novo no «meeting» de atletismo que se realiza amanhã no Estádio Olímpico de Berlim.

A decisão de participar de Carl Lewis vai ser tomada apenas em cima da hora, mas terá decerto muita influência no número de espectadores que irão assistir a esta reunião de alto nível.

Além do espectáculo que os dois atletas americanos poderão propiciar, está em causa o ataque de Burrel ao recorde mundial dos 100 metros, ainda na posse de Lewis, com 9,92 segundos.

Destaque também para a tentativa de baixar a melhor marca mundial de sempre nos 10 mil metros masculinos, que vai ser levada a cabo pelo mexicano Artur Barrios, o qual na edição de 1989 do torneio de Berlim estabeleceu novo recorde do mundo, com 27.08,23 minutos.

Outros aliciantes são as provas a realizar pelo soviético Sergei Bubka, no salto com vara, por Roger Kingdon (EUA), nos 110 metros barreiras, e pelo brasileiro Joaquim Cruz, nos 800 metros.

Supertaça no painel das Antas

O golo «à Vata» marcado por Paille, as explosões de Semedo, a vivacidade de André, a segurança de Geraldão e a criatividade de Kostadinov foram as notas dominantes do jogo em que os «dragões» venceram o Estrela por 3-0

O capitão do FC Porto, João Pinto, ergueu terça-feira, no Estádio das Antas, a Supertaça Cândido de Oliveira, após a vitória da sua equipa sobre o Estrela da Amadora por 3-0, com golos de Paille, Semedo e Jorge Couto.

Ao vencer por um resultado inquestionável, a equipa das Antas coroou, muito justamente, uma exibição que marcou, acima de tudo, o regresso ao «futebol-espectáculo» outrora exibido pelos campeões nacionais.

Assim, o resultado foi lisongeiro para o Estrela da Amadora, pela positiva exibição do conjunto forasteiro, dadas as inúmeras oportunidades desperdiçadas pelos portistas, e apesar da destacada exibição do guarda-redes Melo.

Artur Jorge apresentou uma formação de franca propensão ofensiva, basicamente constituída por jogadores intrinsecamente vocacionados para o ataque e o que se perspectivava — absoluto domínio portista — acabou por acontecer.

Durante a primeira parte assistiu-se a um verdadeiro «vendaval» de futebol ofensivo da equipa azul-branca, evidenciando um elevado índice de espectacularidade, pecando apenas, e uma vez mais, no capítulo da finalização.

Iniciado o encontro com um futebol declaradamente ofensivo, o FC Porto inaugurou o marcador aos 8 minutos, com um golo de **Stephane Paille**, protestado pelos amadorenses e com razão porque foi obtido com o braço.

O cariz do encontro não se alterou e aos 20 minutos o Estrela da Amadora ficou reduzido a dez jogadores, por expulsão de Abel — acumulação de cartões amarelos — após entrada violenta do futebolista angolano sobre Semedo.

Kostadinov: o estilo define o artista

No período complementar, após um início de menor fulgor, o FC Porto submeteu o adversário a intenso «massacre», não dando o mínimo descanso à equipa contrária. E nessa altura voltou a imperar a perdularidade dos seus avançados, desperdiçando sucessivas oportunidades, algumas de forma inglória.

Paille e Kostadinov falharam, no espaço de dois minutos flagrantes oportunidades, não conseguindo desfeitear Melo, sempre brilhante, e aos 79 minutos, após um forte remate de Jaime Magalhães, a bola bateu estrondosamente no poste da baliza do Estrela. Dois minutos depois o FC Porto conseguiu, finalmente, o segundo golo, através de uma recarga de **Semedo**, após defesa incompleta de Melo num livre apontado por Geraldão. **Jorge Couto** fechou a contagem aos 85 minutos, com um forte remate de fora da área, num lance em que praticamente toda a equipa do Estrela estava nas imediações da sua baliza.

Sob a arbitragem de Veiga Trigo, de Beja, as equipas alinharam:

FC Porto: Vítor Baía; João Pinto (Abílio, aos 79 minutos), Aloísio, Geraldão e Branco; Kostadinov, Jaime Magalhães, André, Madjer (Jorge Couto, aos 73 minutos); Paille e Semedo.

Estrela da Amadora: Melo; Rui Neves, Duílio, Valério e Álvaro; Miranda (Dimas, aos 45 minutos), Abel, Marito e Baroti (Ricky, aos 69 minutos); Paulo Bento e Rebelo.

Marcadores: Paille (aos 8 minutos), Semedo (aos 81) e Jorge Couto (aos 85).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Abel (aos 8 minutos), Paulo Bento (aos 11), Baroti e Duílio (aos 13), João Pinto (aos 22) e Cartão vermelho para Abel, aos 20 minutos.

MODALIDADES

Hóquei em patins: esperanças jogam hoje

A selecção nacional de esperanças de hóquei em patins, inicia hoje com a Suíça, a sua participação no Torneio Internacional de Basileia no qual também participam os EUA, França, Holanda, RFA e Itália. Amanhã, Portugal jogará com a Holanda. O seleccionador Vítor Pinheiro contará com os seguintes atletas: Paulo Freitas (Porto), Afonso Miranda (Turquel), Jorge Maceda (Sanjoanense), Nélson Ferreira (Porto), Pedro Alves (Barcelos), Pedro Teles (Sporting), Eduardo Pinheiro (Sanjoanense), Jorge Canas (Paço de Arcos), Faneca (Sanjoanense) e Guilherme Silva (Porto).

Ainda sobre hóquei em patins a nossa selecção sénior, jogará no dia 8 de Setembro com a RFA na jornada de abertura do Europeu.

Ténis: Cunha e Silva soma e segue

João Cunha e Silva qualificou-se para a terceira ronda do Torneio Aberto da República em ténis ao bater o argentino Fernando Meligeni.

Cunha e Silva, número 120 do mundo, bateu o tenista argentino, por 6-1 e 6-3, depois de na primeira ronda ter ganho ao norte-americano Ted Scherman, por 7-5 e 6-4.

Voleibol: Portugal vence a Turquia

Portugal derrotou a Turquia, por 3-2, em encontro referente à terceira jornada do Campeonato da Europa de Voleibol júnior masculino, que está a decorrer na Alemanha Federal.

A «bagunça» já começou

Portimonense protesta jogo com o União

O Portimonense protestou o jogo que disputou com o União da Madeira no passado domingo, a contar para a «liguilla» de apuramento do vigéssimo clube a ascender à Primeira Divisão do Campeonato Nacional de futebol, revelou ontem num programa desportivo da RDP/Sul-Rádio Algarve, um dirigente do clube de Portimão.

Os algarvios, que foram derrotados pelos madeirenses por 2-1, fundamentam o protesto, que entregaram terça-feira na Federação Portuguesa de Futebol, numa eventual irregularidade na inscrição de alguns jogadores do União, bem como a utilização no encontro de cinco jogadores estrangeiros.

No protesto o Portimonense apela a uma resolução rápida do processo, para que o futebol nacional e os clubes não fiquem prejudicados e a verdade desportiva seja reposta sem demoras.

União volta a vencer

Entretanto, a prova continua e ontem em Mira de Aire, o União da Madeira venceu o Aves por 1-0, dando forte passada para se manter na divisão principal desde que, evidentemente, o Portimonense não tenha razão quanto aos argumentos aduzidos no protesto apresentado.

Para a Divisão de Honra, o Leixões foi a Tomar vencer a Juventude de Évora por 3-2, e, quanto ao apuramento para a III Divisão, os resultados averbados foram os seguintes:

Eléctrico-Cartaxo, 0-1; Pego-Valecambrence, 1-0; Sesimbra-Borbense, 1-1 (1-2 em «penalties»); Touring de Mira-Cacém, 3-2; Castelo de Vide-Trafaria, 1-2; Mortágua-Estrela, 2-0; Alfvaiázere-Aliados, 0-0 (0-2 em «penalties»); Alfeizerense-Valadares, 0-1; Ribeirão-Marrazes, 1-1 (2-3 em «penalties»); Vila Pouca-Cartiense, 5-0; Lanheses-Paivense,0-1; Lamego-Casa Pia, 0-3; Fronteirense-Prado, (desistência do Prado); Ferrel-Quimigal, (falta de comparência do Ferrel); Camacha-Marinhais, 2-0; Cinfães-Cortegaça, 2-3.

O Benfica na Corunha

O Benfica já se encontra em Espanha para participar no Troféu Teresa Herrera, jogando o primeiro encontro com o Bayer de Munique, campeão da RFA.

Os jogadores que o técnico Erickson fez deslocar para Corunha são os seguintes: Veloso, Paneira, Samuel, Vata José Carlos, César Brito, Hernâni, Fernando Mendes, Thern, Schwartz, Ricardo, Isaías, Lima, William, Rui Águas, Silvino, Sousa, Neno e Sanchez.

Os participantes no torneio são, além do Benfica, o Barcelona, Bayer de Munique e o Desportivo da Corunha.

Sub-15 em Caracas

A selecção portuguesa de sub-15 empatou 0-0 com o Brasil, em jogo da fase preliminar do II Torneio Intercontinental de Futebol Infantil (Taça Presidente da República), a decorrer em Caracas.

Guimarães contrata médio camaronês

Para colmatar a saída do brasileiro William, o Vitória de Guimarães não perdeu tempo e contratou o médio internacional dos Camarões Emile Mbouh que esteve presente no último Mundial. O novo recruta do clube minhoto já se encontra em Portugal e a sua inscrição será feira hoje na Federação Portuguesa de Futebol por forma a estar em condições para actuar na primeira eliminatória da Taça UEFA.

I Série N.º 188
Dia 16 de Agosto
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 30/90:
Cria o Dia Nacional da Desburocratização e estabelece para 25 de Outubro a sua realização em 1990.

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 258/90:
Cria o suplemento de serviço aéreo.

Ministério das Finanças e da Administração Interna

Portaria n.º 673/90:
Alarga os quadros de pessoal dos órgãos e serviços centrais e regionais do Serviço Nacional de Bombeiros. Revoga a Portaria n.º 290/87, de 8 de Abril.

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 674/90:
Aumenta o quadro de pessoal da Polícia Judiciária.

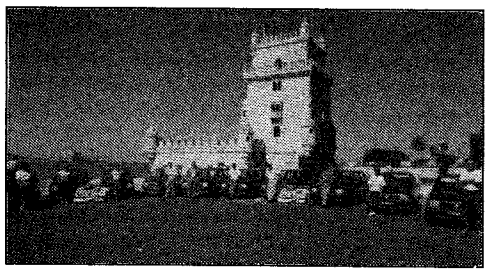
Ministério das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 65/90:
Cria no quadro de pessoal da ex-JNPP - Junta Nacional dos Produtos Pecuários um lugar de assessor principal na carreira de econimista.

AGENDA

PESSOAS & FACTOS

Promoção «Música e Coca Cola» sorteou 10 automóveis



A Torre de Belém foi o cenário escolhido pelos concessionários da Coca Cola para a entrega dos 10 automóveis Opel Corsa, com auto-rádio, que constituiram os prémios mais valiosos da promoção **«Música e Coca Cola».**

A iniciativa, levada a cabo nos passados meses de Maio e Junho, consistiu na colocação de destacáveis premiados (milhares de t-shirts e cassetes gravadas) nas cápsulas das garrafas retornáveis de Coca Cola. Além destes prémios directos, muitos outros consumidores foram contemplados com a possibilidade de se habilitarem ao sorteio final dos 10 automóveis.

Filme Sagres/Grua o mais premiado de sempre

O filme **Sagres/Grua,** uma produção da **McCann-Erickson/Hora,** acaba de obter o título de melhor filme publicitário português no 37º International Advertising Film Festival/Lions 90, que se realizou em Canes.

No ano transacto, a **Grua** havia já alcançado vários êxitos, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Finalista no Euro-Best 89, em Londres, ganhou o prémio de Criatividade na Mobius Awards Competition, em Chicago, e foi designado o Melhor Anúncio TV do terceiro trimestre pela revista Marketing & Publicidade.

Este ano, o amealhar de títulos continuou imparável: 1º Prémio na categoria de Bebidas no Festival RTC; Melhor Filme Publicitário Português e Melhor Filme na categoria de Bebidas no Festival Ibero-Americano da Publicidade/Fiap 90, que teve lugar em Buenos Aires, em Abril último.

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral, onde há possibilidade de chuvisco. Vento fraco, sendo moderado de Noroeste durante a tarde.

Regiões do Centro
Céu pouco ou limpo, apresentando-se muito nublado e com nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral para Norte do Cabo da Roca. Vento fraco soprando em regime de nortada a partir da tarde no litoral.

Regiões do Sul
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando em regime de nortada a partir da tarde no litoral.

Mar encrespado tornando-se de pequena vaga a cavado a partir da tarde, com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado ou de pequena vaga com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul. **Amanhã e depois**

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral para Norte do Cabo da Roca. Vento fraco, soprando em regime de nortada a partir da tarde no litoral Oeste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

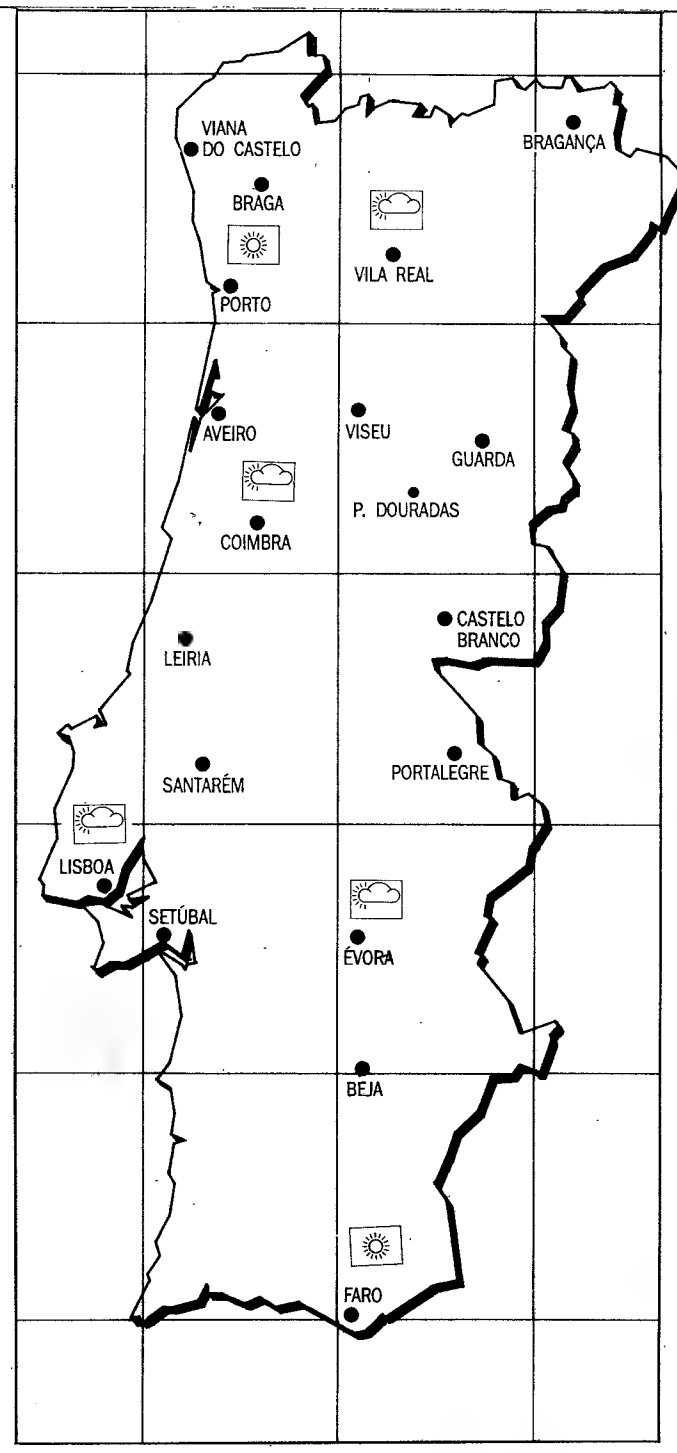
No Funchal
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Possibilidade de aguaceiros.

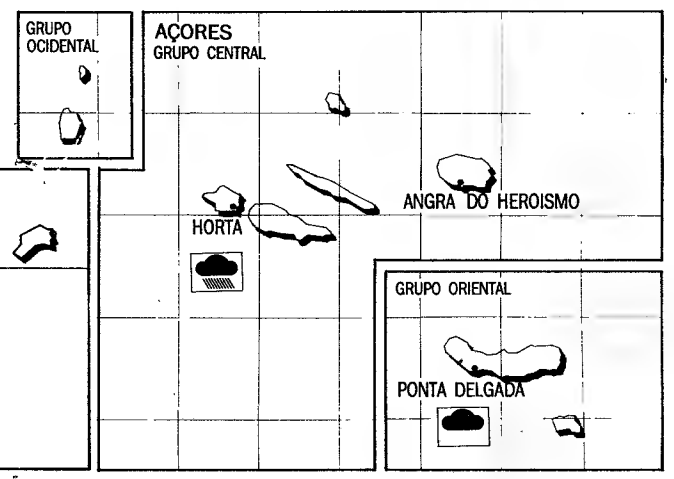
AÇORES

Todos os grupos
Períodos de céu muito nublado.Vento fraco, por vezes moderado de Nordeste no Grupo Oriental de Nordeste fraco a moderado.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Norte de 1 a 2 metros.

O ESTADO DO TEMPO





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
12.26	3,2m	05.42	1,3m
—	——	18.35	1,1m

Amanhã

01.10	3,1m	06.55	1,2m
13.36	3,4m	19.40	0,9m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	14	14	Limpo
V. Castelo	18	20	P. nub.
Vila Real	14	14	Limpo
Porto	15	16	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	18	18	Neblina
C. Carvoeiro	18	19	M. nub.
C. Branco	19	19	P. nub.
Portalegre	17	22	Limpo
Lisboa	20	20	P. nub.
Évora	16	16	P. nub.
Beja	16	16	P. nub.
Sines	-	-	-
Faro	20	20	Limpo
Sagres	19	19	P. nub.
P. Delgada	18	20	M. nub.
Horta	18	19	M. nub.
Funchal	21	21	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 27; Porto, 25; Faro, 29; P. Delgada, 25; Funchal, 28.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	17	17	P. nub.
Londres	13	14	P. nub.
Paris	17	17	Chuva
Bruxelas	16	16	M. nub.
Amesterdão	16	17	P. nub.
Genebra	14	16	M. nub.
Roma	20	22	Neblina
Oslo	15	16	Chuva
Copenhaga	18	19	Neblina
Estocolmo	16	18	Neblina
Berlim	18	19	M. nub.
Viena	18	20	M. nub.
Varsóvia	16	19	Neblina
Atenas	24	26	P. nub.
Moscovo	14	16	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	13	21	-
Caracas	18	27	-
Hong Kong	28	33	-
Joanesburgo	0	17	-
Los Angeles	19	24	-
Montreal	13	24	-
Nova Deli	25	33	-
Nova Iorque	19	29	-
Rio de Janeiro	18	31	-
São Francisco	14	18	-
São Paulo	16	28	-
Tóquio	28	34	-

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Lumiar-Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A. Tel. 7597432; **Madre de Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C. Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. Tel. 880703; **Príncipe Real - São Bento:** Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 670401; **Brandoa-Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B. Tel. 995338; **Odivelas:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B. Tel. 9815662; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A. Tel. 9939121; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela. Tel. 9431423.

REFORÇO

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Bairrão, Rua Prior do Crato, 27, Tel. 661321; **Anjos (ao Cinema Roxy):** Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Chelas - Zona 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Luz-2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A. Tel. 7260969; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Buraca-Amadora** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal). Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A. Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 211487, Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. Permanente; Carlos, R. Sebastião Gama, 28 - B. Casal S. Brás. Até às 22 h; Clabel, R. Ant.º Sardinha, 23-D, Tel. 4938551. Até às 22 h; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henq. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 924002. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2042136. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 20401044. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS
MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa
GÁS LETAL -FOI SUSPENSO O LANÇAMENTO AO ATLÂNTICO
Férias no Mosteiro
JUVENTUDE AO AR LIVRE
QUEM QUER SER BOMBEIRO?

Gás letal: suspenso o lançamento ao Atlântico

O juiz Warren Burger ordenou que o Exército não execute o seu plano de lançar 60 toneladas de gás dos nervos no Atlântico enquanto o Tribunal de Apelação dos Estados Unidos não decidir se a operação deve ser permitida.

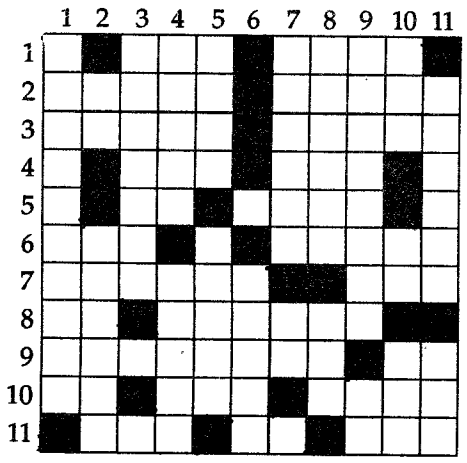
Juventude ao ar livre

Quinhentos escuteiros (acampados na Costa da Caparica)vão entregar-se, desde hoje até ao próximo dia 23, a um saudável contacto com a natureza.

Aumento de preços de automóveis

A Chrysler Corporation anunciou que o custo dos seus automóveis - modelos de 1971 - terá um aumento de 5 a 6 por cento.

PALAVRAS CRUZADAS



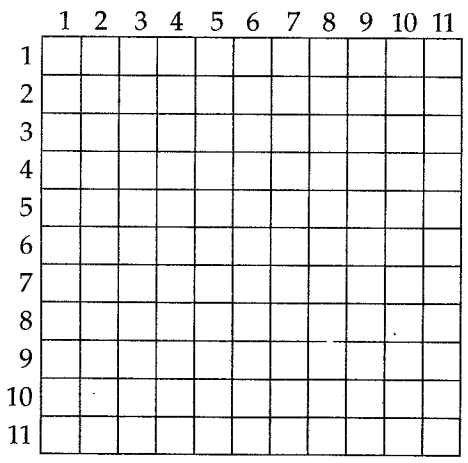
PROBLEMA N.º 17982

HORIZONTAIS:

1 - Jibóia. Banca.
2 - Peixe do mar Vermelho. Sequioso.
3 - Esmurrar. Sólidos geométricos.
4 - Árvore indiana, de fibras têxteis. Grande (bras).
5 - Autores. Antigo funcionário dependente do meirinho em Moçambique.
6 - Madeira. Ofício divino.
7 - Prenderas com elos. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
8. Em a. Velhas.
9 - Burlas. Basta!
10 - Compaixão (inv.). Para barlavento. Jarro (planta).
11 - Aqui está. Solitário. Ruim.

VERTICAIS:

1 - Carta muito extensa.
2 - Cobalto (s.q.). Vaidade.
3 - Fartadela.
4 - Freguesia do concelho de Torres Novas. Raspas.
5 - Ilha do Pequeno Belt. Estreito.
6 - Murros.
7 - Variedade de mosquito (bras). Apelido.
8 - Invocai. Membro de ave.
9 - Turtuosos. Antiga unidade monetária da Alemanha.
10 - Freguesia do concelho de Almeida. Nota musical. Rio de Portugal.
11 - Moluscos comestíveis. Artigo indefinido (in.v).



PROBLEMA N.º 16792

HORIZONTAIS:

1 - Arquipélago da Malásia, no mar da China.
2 - Antiga cidade da Bética. Destino (fig.).
3 - Romance de Emílio Zola. Apre!
4 - Idem. Indolência.
5 - Cidade de Portugal. Brisa.
6 - Em a. Alumínio (s.q.). Duzentos e dois em romano.
7 - Decímetro. Ataviara.
8 - Isto é. Ratar.
9 - Nome do trono imperial da Etiópia. Momices.
10 - Armaria. Carta de jogar. Antepassado.
11 - Guarnecei de asas. Tirar a cortiça.

VERTICAIS:

1 - República do N. da Europa, no Báltico.
2 - Genro de Maomé (inv.). Freguesia do concelho de Santo Tirso.
3 - Manteiga fresca, na Índia. Grande.
4 - Indignada. Ave conhecida na Amazónia como pássaro-trombeta.
5 - Duas consoantes desiguais. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
6 - Três em romano. Aumentam.
7 - Reis. Na filosofia fenomenológica, o acto de conhecer ou de pensar algo.
8 - Vila e sede de concelho (Portalegre).
9 - Transpirar. Missivas.
10 - Undécimo mês do calendário árabe. Ovário dos peixes.
11 - Pegaria. Ribeira de Portugal.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO N.º 17 981

HORIZONTAIS: 1 - A. CASAS. Pás. 2 - Vaira. Amola. 3 - Idosos. Iri. 4 - Au. Acatar. 5 - Lis. Sa. Ase. 6 - Vãs. Bis. 7 - Era. Arar. Na. 8 - Lar. Renovo. 9 - Camas. Vi. 10 - Abrã. Asa. Am. 11 - Siobas. Siso.
VERTICAIS: 1 - Avia. VELHAS. 2 - Adulara. Bi. 3 - Cio. Isar. Ro. 4 - Ársis. Cab. 5 - São. Bara. 6 - Sãs. Remas. 7 - Sa. Cabanas. 8 - Mia. Irosas. 9 - PORTAS. 10 - Aliás. NOVAS. 11 - Sa. Rela. Imo.

SOLUÇÃO N.º 16 791

HORIZONTAIS: 1 - Andaluzia. 2 - Taal. Rã. Sud. 3 - Laus. Gas. 4 - Ablactação. 5 - Cl. Arados. 6 - Sistilo. 7 - Ad. Aia. Br. 8 - Ia. Untar. 9 - Arcas. Tari. 10 - Ancho. Canas. 11 - AAA. Fera.
VERTICAIS: 1 - Atlanta. Pá. 2 - Naab. Diana. 3 - Daulis. Arca. 4 - Alsácia. Chá. 5 - Simão. 6 - Ur. Tatá. 7 - Zagari. Ce. 8 - Acalentar. 9 - Assado. Tana. 10 - Ró. Bara. 11 - Ede. Sorriso.

PROVÉRBIO:
A CASAS VELHAS, PORTAS NOVAS.

EFEMÉRIDES

1867
• Nasce, no Porto, o poeta António Nobre.

1900
• Morre, em Paris, o escritor português José Maria de Eça de Queiroz.

1968
• Em Portugal, Salazar procede à última remodelação do Governo.

1977
• O cantor norte-americano Elvis Presley morre em Memphis, Tennessee, com 46 anos.

1980
• Refugiados cubanos, que se afirmam desencatados com os EUA, desviam três aviões dos Estados Unidos para Cuba, elevando para seis o número de acções deste tipo executadas no espaço de uma semana.

1985
• Morre Heinrich Boell, 67 anos, romancista alemão-federal, galardoado em 1972 com o Prémio Nobel da Literatura.

1989
• Os parlamentares do Solidariedade e de outros partidos aprovam, por maioria esmagadora, uma resolução para a formação de uma coligação governamental não-comunista na Polónia, a primeira num país do Bloco do Leste.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
NA CORDA BAMBA
Filme de John Badham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
JOE CONTRA O VULCÃO
Filme de John Patrick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
DASAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
T. 763319
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
MARATONA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O TEMPLO DE SHAOLIN
Filme de Chan Man
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
DURO DE ROER
Filme de Steven Seagal
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
ROLF O MERCENÁRIO
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA
Encerrado para férias

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO FORTE
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrada para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
Filme de Richard Marguana
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ACADEMIA DO F.B.I.
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO PARA RICOS E POBRES
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
DESAFIO TOTAL
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
ESTRADA SEM FIM
Filme de Beeban Kidron
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Filme de Walt Disney
(Falado em português)
M/6 anos - Às 15.00, 17.00
COOKIE
M/12 - Às 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
CORAÇÕES SOLITÁRIOS
Filme de Paul Cox
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NA CORDA BAMBA
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio
T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A
T. 706666
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
TELHADOS DE NOVA IORQUE
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
OLHA QUEM FALA
M/12 - às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
CENAS DE LUTA DE CLASSES
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DUROS DE ROER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

«Joe Contra o Vulcão», um filme de John Patrick

TEATROS

LISBOA

CONVENTO DO BEATO
Fábrica Nacional - T. 7266910
Às 22.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

ALGÉS

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A
T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes

MONTE ESTORIL

TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.20:** Musical; **20.00:** No Estúdio e no Estádio.; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

17.00: A Propósito da Música; **18.15:** Música para órgão; **19.00:** Integrais - As Sonatas para violino de Beethoven por Jascha Heifetz; **19.20:** Álbum Musical. Obras de Carlos Seixas, Mozart, Schumann, Grieg, Dvorak e Chopin, Eduward Elgar, Fauré, Debussy e Max Bruch; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Histórias de Música... e outras; **21.30:** Trio para clarinete, violoncelo e piano, op. 114 de Brahms; **22.00:** Concerto Sinfónico. Obras de Tchaikowsky; **22.50:** Destaque: Luciano Pavarotti; **00.50:** Restauro Musical; **01.35:** Música no Século XX; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Jornal das Vinte (Inf. Religiosa); **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Universidade Aberta; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

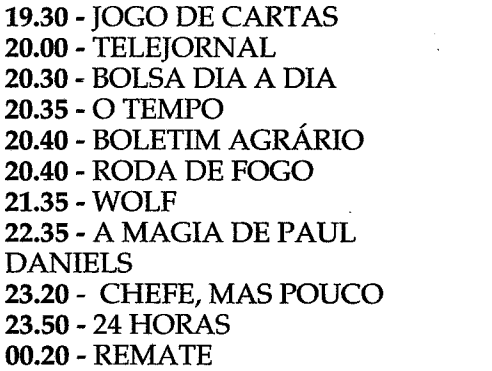
16.25 - DESENHOS ANIMADOS
16.45 - O CACILHEIRO DO AMOR
O «Cacilheiro do Amor» inicia a sua viagem inaugural pelas águas do Tejo.
17.30 - O MUNDO ANIMAL
17.55 - BRINCA BRINCANDO
Com «A Baleia Décimal», «Ferdy» e «Tao - Tao»
19.10 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.35 - JOGO DE CARTAS
20.00 - TELEJORNAL
20.30 - BOLSA DIA A DIA
20.35 - O TEMPO
20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
20.45 - RODA DE FOGO
39º Episódio
21.40 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
Último episódio
22.35 - LUTA PELA DEMOCRACIA
Neste episódio, Patrick Watson volta atrás no tempo e compara a Lei e os Direitos Individuais em Toronto e Amsterdão. Vai à procura das origens da Lei na Atenas antiga, o primeiro Parlamento Legilastivo da Islândia e a transformação na Lei Britânica das regras dos monarcas para as que são ditadas pelo parlamento.
23.30 - MURPHY BROWN
00.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE

O 20º episódio da série «Ruas de S. Francisco», no 2º canal às 20.05

No 1º canal às 16.45, o 1º episódio da série «O Cacilheiro do Amor»

RTP-2

15.20 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Quando as Mulheres Triunfam»
Bloco B: «Dick Powell»
16.45 - OS CENTURIÕES
17.10 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
Trata-se de uma nova série de televisão produzida pela mesma equipa responsável pelos Marretas, chefiada por Jim Henson. Vista de fora Faffner Hall parece uma construção estranha. Do interior ainda é mais estranha. Em cada divisão da casa pode-se ouvir música. Animais, vegetais, minerais - todos tocam música! Não há sítio algum que seja sequer parecido com Faffner Hall.
17.35 - OS DESAFIOS DA LEI
18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
171º Episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus o Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.40 - O PROCESSO
DE FRANCHISE
23.10 - TOURADA
Transmissão em diferido das Caldas da Rainha



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - GUERRA E PAZ
14.20 - O MAR E A TERRA
14.45 - BOB MARLEY
15.50 - A CEGONHA NEGRA
16.15 - A ILHA
17.45 - O MUNDO ANIMAL
18.10 - BRINCA BRINCANDO
19.30 - JOGO DE CARTAS
20.00 - TELEJORNAL
20.30 - BOLSA DIA A DIA
20.35 - O TEMPO
20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
20.40 - RODA DE FOGO
21.35 - WOLF
22.35 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
23.20 - CHEFE, MAS POUCO
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE
00.30 - PELA NOITE DENTRO
«O Chão Assassino»

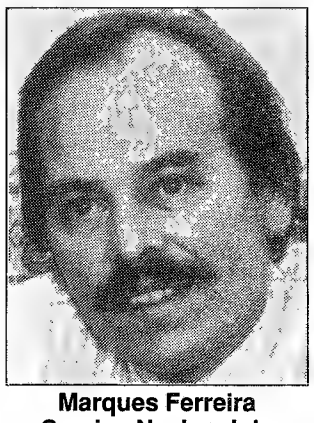
RTP-2

15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.45 - HERÓIS
17.10 - AVENTURA DO SILÊNCIO
17.40 - PRIMEIRO ANDAMENTO
18.05 - ZIRCUS
18.15 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - VIA RÁPIDA
19.25 - ESPECIAL DESPORTO
21.30 - JORNAL DAS NOVE
22.00 - PAGADOR DE PROMESSAS
22.55 - ESPECIAL DESPORTO
00.30 - ROTAÇÕES
01.30 - HAJA MÚSICA

«Se alguma coisa resultou da nossa 'descolonização exemplar', foi precisamente o mal do neocolonialismo»

Nuno Rogeiro, «O Diabo», 14.08.90

A PERGUNTA DO DIA



Marques Ferreira
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza

Como vai ser solucionado o problema da falta de parques de estacionamento nas praias da Costa da Caparica?

«A Câmara Municipal de Almada elaborou um plano, designado 'Frente Natural de Praias', e que prevê, entre outras coisas, a criação de infraestruturas em termos de estacionamento nas praias da Costa de Caparica. Neste plano está contemplada a construção de oito parques de estacionamento, dos quais um (o da Praia da Rainha) está praticamente concluído. O concurso para a construção do parque da Praia do Rei deverá ser lançado ainda este ano. O preço de cada parque depende das suas dimensões, mas deverá andar entre os 25 e os 35 mil contos. A exploração será concessionada, embora esteja previsto que a Câmara de Almada assegure o seu funcionamento. A construção dos oito parques terá que estar concluída até 1993, dado que o seu financiamento depende do programa 'Operação Integrada do Desenvolvimento de Setúbal', que termina nesse ano.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

A fome em Angola

Acaba o ciclismo regressa o futebol

F. Piteira Santos em Política de A a Z

ENTREVISTA

Macário Correia afirma ser secretário de Estado do Ambiente por convicção e não por missão política. Os problemas ecológicos revoltam-no mas não o fazem baixar os braços

«Sei dançar bem e orgulho-me disso»

Francisco Paraíso

D.L. - Antes de ser nomeado secretário de Estado do Ambiente, já se interessava por questões ambientais?

M.C. - Há muitos anos. O ambiente corre-me nas veias e não estou aqui por qualquer missão política de circunstância, mas por profunda convicção. Isso deriva, em primeiro lugar, do sítio onde nasci, do ambiente rural e não poluído onde fui crescendo e onde aprendi a gostar da paisagem. Depois, por razões de formação. Estudei agronomia e arquitectura paisagista. Sou duplamente licenciado em formações técnicas ligadas à gestão de recursos naturais e da paisagem e, finalmente, por profunda convicção. Há mais de 15 anos que milito em associações ecologistas, sou sócio de várias e ajudei a formar algumas. Ser secretário de Estado do Ambiente é um mero episódio no meio deste percurso de convicções ecológicas e, independentemente das funções que exerça, as convicções manter-se-ão.

D.L. - Não se sente desanimado face a todos os problemas ecológicos que existem?

M.C. - Desanimado não, sinto-me é revoltado. O facto de termos esse conjunto de problemas não me faz baixar os braços, antes pelo contrário, cria em mim um sentimento de ânimo, de revolta, de coragem e de vontade de resolver as situações. Sei que não as posso enfrentar sozinho, mas conto com muitas outras pessoas empenhadas e, sobretudo, com a opinião pública. As guerras do ambiente têm que se ganhar com frontalidade e com coragem e cada vez mais a opinião pública reclama esse tipo de medidas e sente que as coisas têm que mudar.

D.L. - Essa coragem de que falou traduz-se, por exemplo, em afirmar publicamente que as praias da Linha são perigosas para a saúde?

M.C. - A frontalidade da política de ambiente passa por muitos actos dos quais há provas públicas evidentes. Dissemos que as barracas das praias estavam mal e deitámo-las abaixo. Dissemos que há fábricas que estão a laborar ilegalmente e estamos a puní-las. Dissemos que há pessoas que não conseguem dormir por causa do ruído e eu desci à rua e comecei a actuar.

D.L. - Mas mantém a afirmação de que as praias da Linha são perigosas?

M.C. - Se dissesse que que aquelas praias estão em excelentes condições e que ninguém corre qualquer risco ao utilizá-las, estava a mentir. A política não se pode fazer com mentiras, e muito menos a política de ambiente. Não se pode esconder aquilo que é óbvio.

D.L. - Gosta de ir a bares e a discotecas?

M.C. - Gosto, sei dançar bem e orgulho-me disso. Mas, há outra coisa que prezo e que é igualmente importante, que é gostar de dormir durante a noite e há muitas pessoas que não conseguem descansar porque há uns tantos indivíduos que, de uma forma ilegal e sem respeito pelo público, perturbam o descanso dos outros. Isso não pode ser permitido. Cumprir leis não deveria ser notícia e fico preocupado quando vejo que fazer é. Deveria ser ao contrário.

D.L. - Como se sente no papel de inimigo número um dos fumadores?

M.C. - Sinto-me bem, com os pulmões limpos e em condições de gritar ainda mais alto nessa guerra. A minha luta é para apoiar os fumadores contra o tabaco, para procurar que dois milhões e meio de portugueses deixem progressivamente de fumar, para que se evite a morte de 5 mil portugueses por ano. Penso que ninguém de bom senso se pode opor a esta luta.

D.L. - Mas a indústria do tabaco dá grandes receitas ao Estado...

M.C. - Pois dá, e uma percentagem crescente dessas receitas deve ser consagrada à luta contra o tabagismo e contra o cancro, que é uma luta de todos nós. Não tenho nada contra os fumadores, tenho tudo contra o tabaco.

D.L. - É verdade que, nas reuniões de secretários de Estado, faz grandes cruzadas contra o tabaco?

M.C. - É verdade. Nas reuniões do Conselho de Ministros há respeito e, como tal, ninguém fuma. Há um intervalo, que os inveterados aproveitam para se poluir. Nas reuniões de secretários de Estado não se conseguiram impor as mesmas regras e ainda há um ou outro fumador, se bem que tendam a diminuir.

D.L. - Não o perturba o facto de ter um ministro que revela pouca vitalidade na defesa do ambiente e cuja imagem pública não é das melhores?

M.C. - Não concordo inteiramente com as permissas da pergunta e não tenho qualquer comentário especial a fazer em relação a essa matéria.

D.L. - Onde vai passar as suas férias?

M.C. - Vou passá-las com a minha família junto à cidade de Tavira, trabalhando em algumas actividades agrícolas, indo à praia durante algumas manhãs e lendo.

D.S.

CRÓNICA

Arroz branco para dois

«Aqui vai, pequenita, a receita que me pediste há tempos - escreveu, já a meio da carta, Edmundo M. T. -. Se estás bem recordada, trata-se de um arroz que quase nenhum tempo leva a fazer. Atenção, pois... Antes da receita, presumo que o arroz será para duas pessoas. Ora bem... Comecemos, então, pelo princípio. Mas, minha querida de mãos pequeninas, uma carta é mesmo uma carta, palavras que saem como grãos de arroz à solta...

«Ora vamos lá! Pões em cima da mesa da cozinha um pequeno tacho de alumínio. Eu, pelo penos, uso sempre um tacho de alumínio... Bem, tens o tacho de alumínio em cima da mesa da cozinha. Agora, com uma faca, colhes um pouco de manteiga. Sabes como é, não sabes...? Colocas essa manteiga no fundo do tacho. Entendido...? Agora, agarras numa chávena almoçadeira, que encherás de arroz. Deitas o arrós no tacho, cobrindo a manteiga que antes lá puseste. Depois... Que imaginas tu que se deva fazer depois...? Água, claro. Enches, por duas vezes, a chávena almoçadeira - e por duas vezes despejas a água sobre o arroz que puseste no tacho. Agora, parvinha de joelhos lisos, nada de nódoas... Pegas numa colher de sopa e enches a colher de óleo. Não trema a tua mão, que se não a nódoa é certa! Mergulha, portanto, a colher no tacho! Muito bem! Vais agora ao saleiro e tiras uma pitada de sal. Exactamente: deitas o sal dentro do tacho. Bem... Que fazer agora...? Muito simples: colocas o tacho numa boca do fogão. Deixa ferver muito bem, um, dois minutos. Findo este tempo, passas o fogo para lume brando... Quinze minutos, nem mais, nem menos. E pronto, boca pequena: tens no tacho um arroz que é uma verdadeira maravilha! É de comer e chorar por mais...»

Edmundo M. T. quase deu um salto: o telefone começara a tocar num esguicho de prata branca.

- Estou... Tu...? Olha como são as coisas, minha besta... Estava a escrever-te uma carta, dando-te a receita daquele arroz branco de tu tanto gostaste da última vez que vieste à minha casa... Como...? Não vale a pena...? Ah, minha bestinha... Com que então estás em Lisboa e vens de novo jantar comigo... Pronto, pronto! Então... Sim, sim, faço arroz branco, faço... E levas a carta, sem selo, mas com a receita... A que horas...? 'Tá bem, fico á tua espera.

Edmundo abriu os braços, bocejou, pós um disco. Tomou um duche, acendeu um cigarro Depois... «Como tudo é simples e perde o encanto da distância!» - murmurou enquanto punha a mesa. Depois... Bem, depois... Depois fez arroz branco para dois.

Pedro Alvim

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 16 DE AGOSTO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Miguel Medina, o andarilho da aventura, Maria José Belo Marques, págs. 2 e 3;

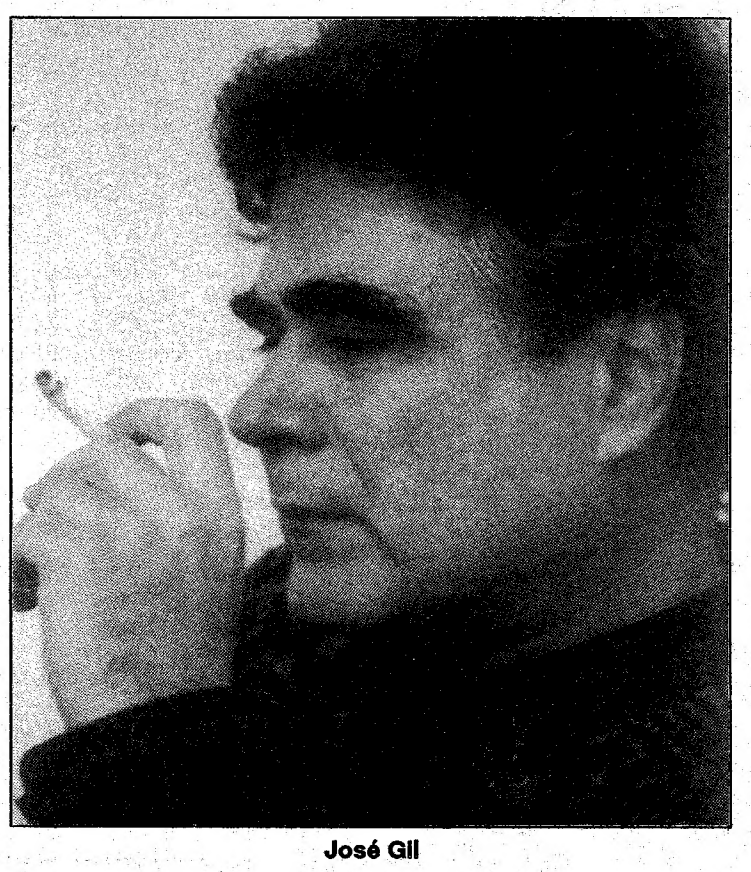
Livros Novos, pág.4; Evocação de Alexandre O'Neill

O AGRIMENSOR

Talvez caiamos em erro de apreciação, mas julgamos não nos enganarmos muito caso emitamos o juízo de que nos surge, em pleno mês de Agosto, um dos melhores títulos dentro do nosso panorama literário: «Cemitério dos Desejos», romance de José Gil, edição La Différence, em tradução (correctíssimo português) de Alfredo Margarido.

Trata-se de um daqueles escritos que, pela limpidez de estilo e pelo juízo claro, alcançam na nossa mente o raro privilégio de se dispor, sem perda de sequência, em quadros, fotogramas, banda desenhada. Mas tal é literatura...? É. E é-o pelo simples e puro facto de a narrativa se processar em espaços claros, sempre preenchidos de coisas novas, de observações a um tempo límpidas e ingénuas, muitas das quais se abrem num «Ah!» de encanto no íntimo da nossa atenção.

Embora sem lesar o *suspense* no leitor, adiantemos que tudo se refere a um agrimensor que, de visita a Lisboa, vindo de muito longe, se deixa encantar por aqueles motivos quotidianos que, mal ou bem, todos nós conhecemos. Não mede a terra: mede o vê. Temos, por exemplo, os eléctricos, a latoaria, o Castelo, os *chauffeurs* de táxi, etc., mas tudo isto encarado em novos ângulos, com surpresas dentro e fora, com esplendores que, por vezes, tornam as páginas num autêntico caleidoscópio.



José Gil

Mas atente-se numa feição particularíssma do autor do romance em questão: sendo considerado um dos nomes do ressurgimento da Filosofia em Portugal (lecciona em França), o escrito que ora nos apresenta aborda, com o mesmo sortilégio dos motivos acima apontados, dissertações sobre o destino, o segredo da amizade, o voo místico, a própria ortografia...

Mas estas dissertações enquadram-se sempre no contexto narrativo, pelo que não destoam do conjunto - e antes nos fazem lembrar determinados escritos de Voltaire, num permanente fundo português, que é muito nosso, e muito nos toca, e imensamente também nos deslumbra.

Não estamos aqui a indicar uma eventual influência (e se assim fora, na cultura, como se diz, anda tudo ligado), mas unicamente a afirmar a existência de um espírito de finura que nos dá as coisas como se elas fossem detectadas pela primeira vez.

Esta particularidade contribui, em nossa opinião, para que «Cemitério dos Desejos», de José Gil, se transforme num dos primeiros pontos de referência do panorama literário português, com Outubro ainda longe, mas já tão de *saison*, no entanto, pelo tom exímio desta escrita adiantada, impregnada de outro ar e dos aromas todos da criação.

Pedro Alvim

A VERDADE E A ARTE

No contexto de um debate particularmente actual em torno do pensamento de Martin Heidegger, não poderá deixar de ser assinalada a recente edição em português de um dos seus textos fundamentais, **A Origem da Obra de Arte**, resultante de conferências proferidas entre 1935 e 1936. O facto de anunciar um questionamento directo sobre a essência da arte não justifica porém uma rotulação e leitura à parte, e menos ainda marginal, como um texto de estética. Na realidade, o tema **A Origem da Obra de Arte** poderá ser dito o da arte, mas também, e ainda, o do ser e da verdade.

O pensamento de Heidegger sobre a arte começa a construir-se em meados da década de 30, na continuidade de preocupações apresentadas em **Ser e Tempo**, e em íntima relação com **A Essência da Verdade**, entendida como a abertura do ser do ente. A Heideggaer, a obra de arte aparece, em primeiro lugar, como uma sede desta abertura, sendo a essência da arte *«o pôr-se-em obra da verdade»*. Tal é a tese de **A Origem da Obra de Arte**, que recusa atribuir portanto à arte uma identidade que, na sua essência, não seja a da própria desocultação do ser. Se há uma verdade da arte ela é o próprio aparecer ou acontecer da verdade. Heidegger afasta assim a construção de uma identidade da arte puramente estética, subjectivista, formalista ou positivista. A arte não é o valor do Belo, não é também a mera criação livre de um sujeito, não é a forma, ou simplesmente o conjunto das obras enquanto coisas. A obra de arte e o artista retiram a sua identidade de um terceiro, de uma *origem* que é a *essência* da arte, e essa origem é o advento do ser.

Este percurso de clarificação e de recusas, na busca obstinada de uma essência, constitui em grande medida a particularidade e a exigência desta obra. O texto constrói-se como um incansável exercício do pensar, com avanços e recuos, levantando-se hipóteses e derrotando-as, provocando desvios, fazendo com que *«caiam primeiro as barreiras do que é óbvio e que os ilusórios conceitos habituais sejam postos de lado»*. É este o objectivo que serve nomeadamente toda a primeira parte do texto «A Coisa e a Obra», destinada a afastar uma mera questionação da obra como coisa, do ente enquanto tal, abrindo caminho para a descoberta do seu ser. Em todo este percurso, a crítica fundamental visa a noção de coisa como matéria enformada, o *«esquema conceptual por exelência para toda a estética e teoria da arte»*, como sejam as de forma/conteúdo, sujeito/objecto, racional/irracional que obscurecem a própria verdade do ser e da obra.

A defesa de uma essência da arte como advento da verdade afasta-se também, necessariamente, do tradicional conceito de imitação, pois enquanto adv ento da verdade a arte só pode ser um acontecimento originário. A arte não reproduz os entes, faz aparecer neles o seu ser, mesmo se através de uma "batalha" entre ocultação e desocultação, que é o próprio modo pelo qual o ser acede à presença. É isto que Heidegger procura demonstrar através do famoso exemplo de um par de sapatos ditos de uma camponesa, pintados por Van Gogh. O exemplo é subrepticiamente introduzido no texto como forma de ilustrar o que é um produto, algo de fabricado e servindo uma utilidade, e acaba demonstrando o que é uma obra de arte, uma vez que os sapatos pintados revelam a verdade dos sapatos usados, isto é, o mundo da camponesa. Apesar do seu mutismo, o quadro de Van Gogh «falou», diz Heidegger, e disse a verdade: *«o calado temor pela segurança do pão, a silenciosa alegria de vencer uma vez mais a miséria, a angústia do nascimento iminente e o tremor ante a ameaça da morte»*. E adverte: *«seria a pior das ilusões se quiséssemos pensar que foi a nossa descrição, enquanto actividade subjectiva que tudo figurou, para depois o projectar no quadro.»*

Sobre cada obra de arte, se o é verdadeiramente, pesa pois uma exigência desmesurada: que nela se instale a verdade. Ora, em «Posfácio», relembrando o vaticínio hegeliano, é precisamente lançada sobre a arte moderna uma desconfiança a este respeito: *«é arte ainda uma forma essencial e necessária em que acontece a verdade decisiva para o nosso ser-aí histórico, ou deixou a arte de ser tal?»* Confiar à arte o enorme desafio de fazer aparecer a verdade foi talvez, no pensamento moderno, a própria razão para fazer suspeitar da sua morte.

Quanto ao «Suplemento», que acompanha também a edição portuguesa, vê o seu objectivo fundamental perturbado por um rigorismo sem sentido da tradução, ao remeter a explicitação que Heidegger aduz de algumas expressões para páginas da obra original, em vez das correspondentes na versão portuguesa. No seu conjunto, porém, o rigor pauta no bom sentido o trabalho de tradução, preocupando-se em distinguir, com sistematicidade, todos os conceitos fundamentais.

Teresa Cruz

(Martin Heidegger, **A Origem da Obra de Arte**, Ed. 70, 1990, 73 págs., tradução de Maria Conceição Costa)

MIGUEL MEDINA, UM A

Chama-se Miguel Medina. Saltou para as páginas dos jornais ao conquistar o primeiro prémio literário do Círculo de Leitores. A obra premiada - "Além do Mar" - é um romance de setecentas páginas, estruturado sobre os escritos de um anónimo, relatando a epopeia da descoberta do caminho marítimo para a Índia. O autor tem 38 anos. Alguns acharão que é idade avançada para a publicação de uma primeira obra. Mas a sua vida foi atribulada como qualquer livro de aventuras. Com actividade política desde os tempos do liceu, Miguel Medina, aos 17 anos sai clandestinamente de Portugal. Era a época do fascismo e da guerra colonial. Percorre a Europa de lés-a-lés. Regressa após o 25 de Abril e, depois de no exílio ter tido as mais diversas ocupações, trabalha-milita na Intersindical ligado à área da comunicação.

Há aproximadamente cinco anos não resiste mais ao apelo que sempre sentiu pela Índia. É aí que inicia o seu livro. Uma viajem decisiva para a sua vida pessoal e profissional.

Com ele conversámos durante uma tarde, em Sintra, na casa de um irmão onde Miguel descansava rodeado pelos sobrinhos, a filha e o que resta do verde da Serra. Com os seus olhos e sorriso gaiatos, num misto de amargura e irreverência, falou do seu livro, de política, da vida, mas, principalmente, das viajens feitas e por fazer.

Um filme escrito

- Um primeiro livro aos 38 anos. Porquê tão tarde?

- «Aos 38 anos um primeiro romance... Comecei por o imaginar como um filme. Nessa altura fazia e estava muito ligado ao cinema. Por isso pensei naquele período de descanço e no sítio onde estava para fazer o guião dum filme. Depois, quando comecei a pensar nos custos que uma coisa dessas iria ter, achei que era louco e não podia pensar num filme, só se fosse ter com o Woody Allen ou algum americano com muito dinheiro. De maneira que tinha era que escrever um livro. Eu não sabia escrever livros, nunca tinha escrito. Foi assim que começou.»

- Já voltaste a ler o teu livro?

- «Depois de o ter entregue não.»

- Houve mais prazer em escrever ou em ler o que escreveste?

- «Eu leio o meu livro e tenho imenso prazer. É por isso que continuo a acreditar nele. Há certas partes que me continuam a dar muito gozo e a achar-lhes imensa piada. O livro não se esgotou em relação a mim como leitor.»

Português - o suficiente

- No texto que escreveste sobre o teu livro usas palavras como Lusíadas, Descobrimentos, viagem, mar...

- « Ainda não havia Comissão dos Descobrimentos quando eu senti um grande apelo pela Índia. Houve uma altura em que pude ir até lá. Os Descobrimentos apareceram naturalmente no meu percurso de vida. A palavra Lusíadas surge porque eles me serviram para enquadrar o texto todo. Fui aí buscar uma série de intenções do Luís de Camões que me interessavam utilizar para reforçar algumas ideias próprias.»

- E esses conceitos têm, para ti, algo a ver com portugalidade, nacionalismo, patriotismo?

- «É capaz. Eu nasci em Santos-o-Velho, ao pé das Janelas Verdes, e olhava do jardim para a foz do Tejo. Ainda não havia ponte, mas já lá estava um padrão dos Descobrimentos, atrás uma Torre de Belém meia escondida. Quando escrevi o livro tentei que as palavras significassem exactamente aquilo que significam.»

- Sentes-te português em qualquer situação ou sítio?

- «Não é coisa em que pense. Eu adapto-me sempre muito bem aos sítios onde estou. Como tenho uma personalidade discreta e reservada é muito fácil. Agora, se encontrar um português em Goa a cem metros de distância, sei logo que ele é português.»

- Vais falar-lhe?

- «Se calhar até lhe mando uma saudação. Se por perto houver restaurantes de emigrantes portugueses de certeza que vou lá comer. Acho que me sinto português o suficiente.»

- Eras capaz de trocar Portugal por outro país?

- «Para sempre, não. Mas há imensos países onde gostaria de viver. Aliás não consigo ver outro país a não ser através dos meus olhos de português.»

- Do exílio, a partir de 69, enviavas aos amigos cartas em que transmitias de forma literária o que ias vivendo, ilustrando-as com desenhos teus. Qual a diferença entre essas cartas e o livro que agora escreveste?

- «A diferença entre o amador e o profissional. Eu não escrevia. Mandava cartas, fazia bonecos. Depois de ter desistido de fazer o filme, encarei a escrita de uma forma profissional. Para mim, passou a ser um projecto importante de vida, de trabalho intelectual, de intervenção, mesmo política.»

- Mas essas cartas tinham o mesmo envolvimento, a mesma carga?

- «Tinham. A diferença é só de valor de obra. Se decido que vou escrever um livro, e vou precisar de alguém que o publique, que pague a edição e que ele chegue às livrarias, passa a haver um circuito comercial que me ultrapassa. Quando se diz que a literatura é barata, porque basta um papel e uma caneta, isso é uma mentira. O papel e a caneta podem deixar imensos livros nas gavetas. Para haver literatura é preciso também todo um circuito de divulgação literária, que não tem a ver directamente com o processo criativo, mas que tem a ver com a forma de atingir os objectivos de um livro.»

Aqui estava sempre noite

- Sais de Portugal pela primeira vez em 69. Ias com intenções de não voltar?

- «Sim, enquanto houvesse guerra.»

- Como é que foi lá fora?

- «Encontrei uma série de coisas boas e as dificuldades previsíveis. Era miudo, mas tive o prazer que toda a gente diz que teve ao chegar a Paris e ler tudo o que lhe apetecesse. A primeira vez que passei por Espanha, nessa época, gostei imenso. Achei que havia muita gente jovem. Tinha um aspecto curtidíssimo, com uma vida nocturna incrível. Portugal era um sufoco em 69. Aqui estava sempre noite. Foi um deslumbramento.»

- Tinhas 17 anos. Que português eras tu nessa altura?

- «Se Deus quiser o mesmo que sou hoje (ri-se). Quando tinha 17 anos estive envolvido na campanha eleitoral. Depois andei pelo Alentejo. Mas havia sempre o espectro da guerra. Estava-se sempre condicionado por ela. Eu sabia que mais ano, menos ano, o que me calhava era ir parar a África. Uns tentavam esconder e outros arranjavam uma safa qualquer. Nunca me passou pela cabeça vestir a farda. Então porquê esperar três anos?»

- Chegas lá fora quando se vivia o psicadelismo, se tomava LSD e aconteciam os primeiros grandes concertos de rock. Isso teve alguma influência na tua formação?

- «Sabes que isso é uma coisa muito delicada. Nós temos um ministro da Justiça que nunca percebeu nada de psicadelismo, nem dessa época. Possivelmente até porque não a viveu no estrangeiro. Do ponto de vista artístico, o psicadelismo *bateu-me* muito forte. Conheci quadros e filmes feitos por gente dessa escola. Estive em *boîtes* e frequentei circuitos onde era uma opção estética. A esse nível, é evidente que me influenciou muito. Foi um movimento a que assisti e no qual me envolvi. Da mesma forma que cá estive envolvido em processos, reflexo do Maio de 68. Foi um ano que agitou os meios universitários de toda a Europa. Todos esses movimentos culturais me influenciaram como andarilho, como caminhante que ia vivendo de sítio em sítio.»

- Normalmente as história dos exilados, ou desertores, são sempre curiosas. É a expirência e a vivência de indíviduos politicamente empenhados em qualquer tipo de organização clandestina, mas que pouco se apercebiam do que os rodeava e de outras formas de intervenção utilizadas à sua volta.

- «Eu consegui aliar as duas coisas. Não parti à descoberta dos prazeres da Europa ocidental. Tive a grande felicidade de contactar com os meios mais diversos.»

- Achas que quem esteve atento tem hoje um comportamento diferente? Conheces muita gente como tu que aos 38 anos não tenh

livraria GALILEU s.a.

Durante o mês de Agosto

pequena FEIRA DO LIVRO

ANTIGO, VELHO E USADO

Também encontrará na Galileu as novidades e um stock razoável das principais Editoras Portuguesas. Compramos livros antigos. Deslocamo-nos a qualquer ponto do País.

Horário: das 10 às 23.45 todos os dias, excepto domingos.
Av. Valbom, 24-A, CASCAIS — Telefone 286 60 14

terário

I ANDARILHO NAS ARTES

me
ler e
ssou
três
nava
ock.
Nós
ada
até
ista
heci
tive
ção
iou
me
em
itou
sses
lho,
»
são
luos
ação
ava
ti à
e a
nais
ento
não

tenha emprego certo, por exemplo?

- «Felizmente conheço poucos. Mas se calhar quem está enganado são eles. A nível de Portugal, e se queres falar de portugalidade, o que aqui se passa não é uma opção de vida. Porque os valores dominantes estão todos errados. Conheço muita gente que teve um percurso idêntico ao meu. Não está subjugada aos valores dominantes, que são quanto a mim um disparate pegado. Não está subjugada a questões de carreira, de sucesso individual, de enriquecimento rápido, de ascenção social.»

-É importante para ti teres-te transformado numa figura pública?

- «Eu não tenho pressa. Há muito tempo que me organizei de forma a gerir um horário. Se há uma pessoa que se tornou figura pública, *soit disant*, por causa de um prémio, e se essa pessoa engendra determinado tipo de papeis a propósito do que está a fazer, é evidente que isso deve ser respeitado. Mas a minha experiência indica que isso é o pão nosso de cada dia. Uma mensagem, seja ela qual for, nunca chega linearmente ao seu destinatário se houver interesses diferentes daqueles que ela defende. É aí que aparecem pessoas a fazer tristes figuras. O texto que me serviu de base para a estrutura do "Além do Mar" foi escrito por uma pessoa que não se sabe quem é. Só se sabe que houve um copista do século XVI que fez uma cópia desse texto. Se leres o meu livro, vais ver que é o que mais me fascina na trama ficcional desse personagem. A grande incapacidade que ele tem de se exprimir, na medida em que sabe que tudo aquilo que fizer e escrever vai ser sujeito a intervenções variadíssimas que podem, inclusive, desvirtuar o que ele quis dizer. Se estudei este tipo de situação, é natural que esteja à espera que haja uma situação semelhante.»

- Estás aqui em Sintra rodeado pela família. Que importância é que ela tem para ti?

- «Fundamental. Aquela de quem gosto. Não escolho a família pelos laços de sangue, senão dava-me com imensos chatos.»

- Um dia destes, ao chegar ao jornal, deparei com um telex anunciando que o sobrinho de Cunhal tinha ganho um prémio. Não era o Miguel Medina, mas o sobrinho de Cunhal. Ser-se identificado por causa de um parentesco familiar é desconfortável? Ou quê?

- «Prefiro não qualificar isso. Pois posso ser indelicado. Mas uma coisa dessas considero-a provinciana.»

A vida não é só prazer

- A tua última ocupação profissional foi na área da comunicação, na Intersindical. O que tens a dizer sobre esse período da tua vida?

- «Fui sempre uma pessoa que assumiu muito fortemente os projectos que tinha. Independentemente das asneiras que tenha feito, sempre acreditei nas coisas que fazia. O facto de aparecer o "Além do Mar", não como filme mas como livro, e desaparecerem filmes de tempos de antena da CGTP que eu fazia, significa alguma coisa. Sendo que era a mesma pessoa que criava produtos fílmicos e passou a criar produtos literários denota uma alteração de intervenção, uma alteração de linguagem. Há uma transferência, uma necessidade de expressão que me foi incutida até pela família, que é de malta muito ligada às artes. Há muitos caminhos. Podes fazer política, podes fazer sindicalismo, arte, jornalismo.»

- Foi fácil escrever este livro? Foi um investimento na tua vida?

- «Foi um grande investimento. Acho que as pessoas que o leram entenderam que representa muito trabalho. Não só trabalho de investigação, como trabalho de criação e de gestão do quotidiano. Enfim, foi um investimento a muitos níveis, financeiro, compra de livros, viajens, opções de vida.»

- Foi duro?

- «Tem sempre a sua quota de dor. Não fazes nada que mexa com as outras pessoas sem ter a experiência daquilo que os outros também viveram. Da mesma maneira que ris, choras, resmungas. A vida não é só prazer e encantamento. É evidente que foi duro.»

- Foi comentado nalguns orgãos de comunicação social que tu terias faltado à entrega do prémio atribuído ao teu livro sem uma explicação. Foi uma atitude?

- «Por acaso, se fosse uma atitude, tinha tido piada. Foi uma situação perfeitamente ridícula. Numa sociedade tão organizada como a nossa um desentendimento destes não tem razão de ser. Deve ter havido uma falha qualquer de organização, lá no Círculo de Leitores, e eles não perceberam com quem estavam a lidar. Não perceberam o autor. Quanto a mim não passou de uma confusão, pois avisei que me encontrava fora de Lisboa e não poderia ir pessoalmente receber o prémio, mas que me faria representar pela minha mulher.»

Dividir o pão

- Actualmente és militante de algum partido político?

- «Não sou, não. Há um grande drama em relação à questão dos partidos políticos, que é o seres obrigado, em todos eles, a aceitar a maioria. E como nós sabemos a maioria muitas vezes está errada. Temos o exemplo do Cavaco. A maioria votou mal. Às vezes, se estás dentro dum partido político, tens que aceitar coisas que sabes estarem erradas. Esse, para mim, é o grande drama dos que optam por uma vida política. Eu, felizmente, já não tenho nada a ver com isso. Já não tenho que aceitar, por disciplina partidária, opções que considero incorrectas.»

- Achas que ainda se podem classificar atitudes e posições como de "esquerda" e "direita"? Ou consideras que estes conceitos deixaram de fazer sentido?

- «Acho é que não se pode ter outra maneira de avaliar as coisas. Se perderes essa forma de avaliação, deixas de poder avaliar. Confundes tudo. Há, de facto, uma tradição cultural de "esquerda" e uma tradição cultural de "direita". Para mim são "esquerda" as ligas de camponeses que se organizavam no século XIII ou XIV, em Portugal. Como são "direita" as ligas dos senhores feudais que combatiam as dos camponeses. Hoje há os sindicatos, partidos de "esquerda" e de "direita". Partidos que agregam os que lideravam as antigas ligas dos senhores feudais e aqueles que organizam os camponeses. Há uma diferença fundamental entre ser de "esquerda" e de "direita", porque a sociedade está dividida em classes. A social-democracia é um "bluff", do ponto de vista ideológico, tenta anular esses conceitos, fazer com que não existam. Mas isso não é verdade.»

- Partindo do princípio que estás certo e a tua teoria é a correcta, admites que a velocidade a que se vão sucedendo os acontecimentos possa criar um novo factor que quebre essa barreira ideológica tão rígida?

- «Acho que sim. Há-de haver qualquer coisa que fará quebrar essa barreira ideológica. Houve uma que quebrou o muro de Berlim. As coisas podem parecer de pedra, mas quebram-se. Agora, também estou convencido que será a favor da "esquerda". Não há hipótese da Humanidade aturar eternamente os senhores feudais. As pessoas hão-de chegar à conclusão que são tão, ou mais, importantes que aquele fulano que é proprietário da terra deles. Isso é que faz parte de uma revolução cultural. A "direita" está condenada porque defende privilégios e a "esquerda" defende direitos. E os direitos hão-de prevalecer, como o direito à felicidade, à paz, à curtição, ao amor... Continua a haver casas com pão e outras com pouco. Há-de-se dividir o pão. Não há dúvida.»

- O que é que te incomoda mais, em Portugal, no dia-a-dia?

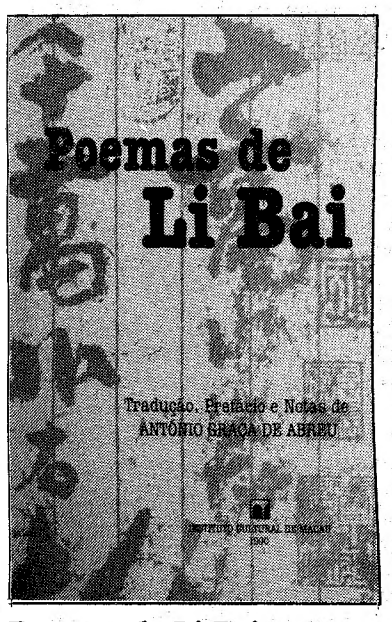
- «Incomoda-me que tratem mal as pessoas de que eu gosto, que destruam os sítios de que eu gosto - e o barulho das motos.»

Maria José Belo Marques

Como Miguel Medina viu esta conversa

literário

ACABADOS DE CHEGAR

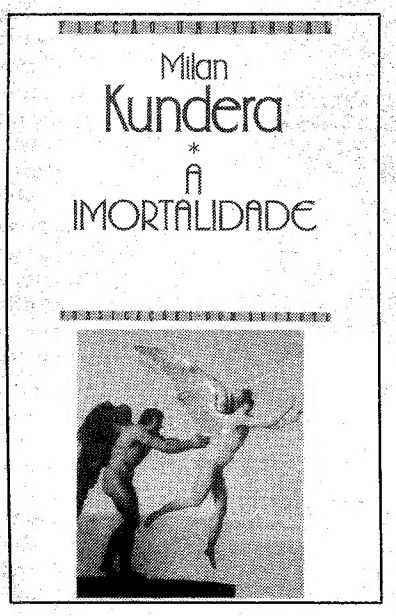


Poemas de Li Bai
Tradução Graça de Abreu
Instituto Cultural de Macau

Li Bai ou Li Po nasceu em 701, na Ásia Central. Aos quatro anos de idade, o poeta está em Jiangyou (...) que sempre considerará o seu torrão natal. O pequeno poema «A um pirilampo», que abre esta antologia, é tradicionalmente considerado como a manifestação inicial do génio precoce de Li Bai. Ei-lo: «A chuva não apaga o teu fulgor, / o vento aumenta o teu ardor. / Porque não voas para o céu distante / e és, ao luar, uma estrela cintilante?». - Tradução, Prefácio e Notas de António Graça de Abreu.

O Planeamento Urbano na Comunidade Europeia
Maria Clara Mendes
Pub. Dom Quixote

«A integração de Portugal na Comunidade Europeia (lê-se na Introdução) atrai as atenções dos investigadores para os sistemas que prevalecem nos países que a integram e incentiva a pesquisa para análises comparadas...» Esta obra, divididda em nove capítulos, debruça-se sobre o planeamento de cada um dos membros da CEE, desde os finais do século XIX até aos nossos dias. A autora pretendeu, assim, analisar os meios, o modo, a gestão e o controlo que os europeus utilizaram para a construção das suas maiores cidades.



A Imortalidade
Milan Kundera
Pub. Dom Quixote

«A senhora teria talvez sessenta, senta e cinco anos. Via-a da minha cadeira de repouso, reclinado diante da piscina de um clube de ginástica no último andar de um prédio moderno, de onde, através das grandes janelas envidraçadas, se vê Paris inteira» - assim começa Milan Kundera o seu livro «A Imortalidade». As palavras acima transcritas não têm precisamente aquele sentido: todos os leitores de Kundera apercebem-se da ironia que lhes está subjacente. Quer se tenha em atenção, por exemplo, «A Insustentável Leveza do Ser». Para bom entendedor... - Tradução de Miguel Serras Pereira.

Um artista do Mundo Transitório
Kazuo Ishiguro
Livro Aberto

O autor, que nasceu em Nagasaki (1954), ganhou o Prémio "Whitbread Book of the Year" com este romance. Mais tarde viria também a ser contemplado com o "Booker Prize", um dos mais conceituados prémios literários da Grã-Bretanha. Em o «Um Artista do Mundo Transitório» depara-se-nos a coexistência da ambição com a integridade, da arte com a política, do passado com o presente... - Tradução de P. Kings e capa de Teresa Cruz Pinho.

O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)
Boaventura de Sousa Santos
Edições Afrontamento

Apesar de reunir ensaios já publicados em revistas ou em obras colectivas, este livro apresenta um nítido fio condutor: a análise da Sociedade e do Estado portugueses, desde a crise do Estado Novo até aos nossos dias. Ao longo de seis fundamentados capítulos, o autor, que é professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, refere-se à renegociação da posição de Portugal no mundo, uma vez terminado o ciclo do império. - Biblioteca das Ciências do Homem.

EVOCAÇÃO DE ALEXANDRE O'NEILL

Passa no próximo dia 21 do corrente mês de Agosto três anos sobre a morte de Alexandre O'Neill. Este Suplemento homenageia a memória do poeta com a evocação de textos seus de 1983, incluídos na antologia «Tomai lá do O'Neill», publicada pelo Círculo de Leitores.

Estórias Quadradinhas:
É proíbido o macê

Satifeita a malvada, Datuatia mete o último preso na enxovia, passa a língua pelo teclado e pelas gengivas e diz que este do carvoeiro é que sim, é que pinta. Obervada uma aflita à velha, que tem os pintores escondidos atrás do Sagrado Coração e está a dar carapau ao Benfica, Datuatia pega na albarda, resmunga «tèlogomãe». «Não venhas tarde» - carcareja a velha num arassto neopopulista de varizes.

Ao passar pelo Vicente, Datuatia traqueja e diz para a velha das castanhas «troque-me este em miúdos!» e ri-se como um selvagem. A tiazinha fica-se a dar com ao abano, como que a espalhar o petisco com que Datuatia a mimoseara. «Que vá gozar a patusca da mãe dele» diz a tiazinha de mistura com outras gentilezas de fazer corar o mais conspícuo, mas já Datuatia virarar a esquina na bruta gáspea.

Em menos de uma loja de barbeiro, Datuatia chega aos Bilhares, atira o cabedal

para uma cadeira, põe a pata em cima do verde e declara que dá quinze às cinquenta a qualquer dos èpás que por ali se coçavam. «Prajá» disse um deles. Chamaram o Rentàterra, que em três trrrins tiroua sa bolas, depositou-as em cima do verde e preveniu pela estafadésima vez que era proibido o macê.

Histórias quadradinhas:
A minha amiga alentejana

A minha amiga alentejana tem uma grande alegria. Natural? Acho que não. A sua grande alegria foi ter deixado de viver no Alentejo. Lá, o que era ela, afinal? Uma grande ansiedadade nos fundões dos olhos, mãe á perna, aspirante de finanças a prometer, o idiota, frigorífico e alta fidelidade, irmã casada, bebé sobrinho todo em ringidos, fogagens e refegos, cunhado a atrever-se, paternal.

Agora passeia para mim pela casa toda, Desobriu a minissaia. Descobriu a açorda alentejana. Na capital dos trânsfugas, um quarentão e uma rapariga contam, a dedo, os barcos que há no rio, vão ver a açorda que está ao lume (brando?), passam rasteiras um ao outro, estatelam-se, riem como desalmados que são, não atendem o telefone («Não vás, pode ser o mêc'nhado!»), bebem tinto com cerveja, rijo bagaço a seco, lacrimejam, atrapalham-se no sempiterno tango de 75: Ese tu corazón pan-pan de gorrión pan-pan sentimental vlan-vlan! Que grandes maganos!

A minha amiga alentejana, de minissaia, passeia pelas ruas dos trânsfugas em fuga. Esfrega-se pelas montras, malsetém nas pernas. Dá brincos. Vai e vem. Encosta-se ao meu ombro protector. Que amor!

De repente, o bom costume:

- Miguinho, não te esqueceste de fechar o gás!

A minha amiga alentejana é a grande ternura que lhe tenho! Pode lá resistir-se a quem andou no varejo da azeitona e agora estende a mão senhoril aos velhos lambuzeiros de porta de livraria malcontendo o riso! Que o cunhado experimente vir buscar-ma já com já com o olho nas pensões da Praça da Figueira! Que o aspirante rechine em missivas de alta fidelidade! Que a mãe perfile o seu luto severo nos umbrais! Que o bebé sobrinho se escame todo! Que a irmã empine a sua nova prenhez!

Ninguém pode tirar-me a minha amiga alentejana, este meu acordar do lado da alegria, este delicioso desconchavo quotidiano em que abandalhei (e salvei!) os meus quarenta, esta minha (já póstuma!) elegia.

Estórias quadradinhas:
Marjorie Freitas

Marjorie. Tu.

Escondias, Marjorie, as bolas de ténis sobblusa? De raquete peneirando o ar, Mar, como coravas ao passar por mim, lesma escorrendo pelo muro!

Lesma com coração de pardal, era eu quem passava por ti, Mar, quando tu - branca, loura, rósea, azul -passavas!

Lesma-relógio-de-sol no muro. Relógio de sol com descompassos de relógio de corda.

Marjorie de um Verão - de raquete peneirando o tempo!

Mrs. Freitas. Você.

Que fez você dos seus quinze anos? Freitas é um boçal. Não é? Ora... Inglesado Cabo Submarino nas mãos de corticeiro alentejano. Seis filhos. Sabe que mais? Mulher que é estabilidade, segurança. Uma vara de filhos. Fins-de-semana no monte. Férias no momte. A manápula do Freitas na garupa, como se diz em português-macho. Ou no copo?

Que fez você, Marjorie, dos seus quinze anos?

Lesma engravatada, escorro entre muros e traições. Que fiz eu dos meus quinze?

Marjorie. Mar.

As bolas de ténis sobblusa?